

**BRUNO DE CARVALHO BELMONTE**

**SUBSÍDIOS PARA O ARQUIVO DO  
ROMANCEIRO NO BRASIL**



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2020

**BRUNO DE CARVALHO BELMONTE**

**SUBSÍDIOS PARA O ARQUIVO DO  
ROMANCEIRO NO BRASIL**

**Mestrado em História e Patrimónios**

**Trabalho efetuado sob a orientação de:**

**Professora Doutora Sandra Boto**



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**

**Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**

**2020**

# SUBSÍDIOS PARA O ARQUIVO DO **ROMANCEIRO NO BRASIL**

## Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

---

Copyright – Bruno de Carvalho Belmonte.

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa a finalização de um longo capítulo de história com muitos personagens, e, apesar de não querer me estender muito aqui, tentarei dar a devida importância aos colegas e amigos.

No início, ainda no Brasil agradeço todo apoio no quesito do auxílio teórico-acadêmico, como de camaradagem, ao Frisson, Bubba, Hoffman e ao nosso poeta e (quase) doutor Biscoito. Ao Enrico por, informalmente, mostrar que era possível seguir os estudos em Portugal. E o suporte emocional e compreensão dos familiares, tios e avós, mas principalmente de meu pai Léo, minha mãe Silvia e Luísa, minha irmã.

Na chegada a Portugal, é necessário lembrar as pessoas que ajudaram na minha integração a essa nova realidade de vida: Lucas, Isa, Paulo (Parlot), Bruna Feeburg, Bruna Palese (Ranço), Mariana e João. E as pessoas que me acolheram no trabalho, que me deram o subsídio material e emocional para seguir nesses planos, todo o Well'Come! Team (Pedro, Cristiana, Vitória, Fernanda, Gui, Dani, Yuri, Ana, Flavia, Bracchi, Julia, Indira, Rô, Catiza, Madlena, Vera, Maria Alice, Renan, Bárbara, Paulo, Tiago e Tânia).

Adentrando ao ambiente acadêmico, agradeço ao diretor do Mestrado em História e Patrimônios, o Professor João Bernardes, por nos receber nesta instituição, à Professora Ana Renata pelos debates e conversas durante e após as aulas, e aos colegas, que, de maneira geral, sempre se esforçaram para manter o alto nível nas conversas e discussões. Agradeço de maneira geral a todo o corpo de docentes e servidores da Universidade do Algarve.

Um agradecimento especial ao Professor Pere Ferré, que em algumas sessões me apresentou o fascinante universo do patrimônio da palavra no seminário de Edição de Textos Patrimoniais e, também, por ter me acolhido no grupo Romanceiro.pt. Agradeço também o trabalho e abertura do CIAC, sob a coordenação da Professora Mirian Tavares.

Dentro do Romanceiro.pt, agradeço a toda equipa, nomeadamente o empenho do Juan Manuel Escribano no trabalho com a nossa base de dados. E, principalmente, agradeço à minha orientadora, Professora Sandra Boto, por toda disponibilidade e ajuda, sem a qual este trabalho nunca teria sequer dado os primeiros passos.

Das companhias do dia a dia, agradeço à Luisa Calvo pelas conversas, a Pixie pelos passeios que auxiliaram a manter a sanidade. E, um agradecimento especial à Tânia Saramago, por me ajudar de perto, esse tempo todo, com apoio, com o Excel e a análise dos dados, com a gramática do português lusitano, por toda assistência emocional e compreensão nos momentos de insanidade (principalmente nesse momento delicado de quarentena!).

Obrigado a todos, sem vocês nada disso teria sido possível.

## **RESUMO**

O Romancelo Ibérico tem sido alvo de uma bateria infindável de estudos acadêmicos. Contudo, continua a carecer de um esforço de organização e de classificação dos temas que fazem parte da memória cultural brasileira. A partir disto, a proposta deste trabalho é aliar um levantamento bibliográfico o mais completo possível do Romancelo Ibérico recolhido e publicado no Brasil com uma análise histórico-social, visando traçar possíveis relações que elucidem os elementos que permeiam essa expressão neste país. Posteriormente, propomos agregar os estudos do Romancelo brasileiro numa só plataforma, e, ao mesmo tempo, alçá-los no domínio das Humanidades Digitais, aplicando-lhe ferramentas que facilitem o acesso, a análise, a sistematização e o inventário deste arquivo e a sua integração no universo do Romancelo em Língua Portuguesa.

O objetivo final do presente projeto é, pois, partindo do trabalho prévio enunciado, lançar os primeiros subsídios de uma base de dados digital em livre acesso, integrada no modelo já existente do Arquivo do Romancelo em Língua Portuguesa, na plataforma Romancelo.pt.

## ABSTRACT

The Hispanic Ballad has been the subject of many academic studies and papers, however, it continues to lack an effort to organize and classify the themes that are part of Brazilian cultural memory. Based on this, the purpose of this work is to combine a more complete bibliographic survey of the Hispanic Ballad collected and published in Brazil with a historical and social analysis, aiming to trace possible relations that elucidate the elements that permeate this expression in that country. And, after that, we seek to aggregate the studies of the Brazilian Folk Ballads in a single platform, and, at the same time, to raise them in the domain of the Digital Humanities, applying tools that facilitate the access, the analysis, the systematization and the inventory of this file and its integration in the universe of the Portuguese spoken balladry.

Thus, the final goal of this project is, based on the previous work we mentioned, to propose a digital database in open access system, integrated in the existing model of the *Arquivo do Romancero em Língua Portuguesa*, available at the platform [Romanceiro.pt](http://Romanceiro.pt).

# ÍNDICE

<b>ÍNDICE DE IMAGENS</b>	<b>IX</b>
<b>ÍNDICE DE TABELAS</b>	<b>XI</b>
<b>ÍNDICE DE SIGLAS</b>	<b>XII</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>1. O PATRIMÔNIO IMATERIAL COMO ENQUADRAMENTO</b>	<b>4</b>
1.1. APRESENTAÇÃO	5
1.2 PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE O ROMANCEIRO	7
1.2.1 DEFINIÇÕES E ORIGENS	7
1.2.2 HISTORIOGRAFIA E PESQUISA	11
<b>2. HISTÓRICO DO BRASIL</b>	<b>15</b>
2.1. APRESENTAÇÃO	16
2.2. A GEOGRAFIA DO ROMANCEIRO	17
2.2.1. AS ONDAS MIGRATÓRIAS NO BRASIL	19
2.2.1.1 SÉCULOS XVI A XVIII: “LITORÂNEA E TROPICAL”	19
2.2.1.2 SÉCULO XVIII– O CASO DO SUL	21
2.3. AS REFERÊNCIAS IBÉRICAS NA CULTURA POPULAR	23
2.3.1. A TRADIÇÃO LITERÁRIA POPULAR E ORAL	24
2.4. ESTUDOS SOBRE O ROMANCEIRO NO BRASIL	27
2.4.1. ALGUMAS DAS CARACTERÍSTICAS DO ROMANCEIRO NO BRASIL	29
<b>3. A BIBLIOGRAFIA</b>	<b>33</b>
3.1. METODOLOGIA	34
3.2. BIBLIOGRAFIA DO ROMANCEIRO IBÉRICO NO BRASIL	36
<b>4. LEVANTAMENTO DE DADOS</b>	<b>62</b>
4.1. INTRODUÇÃO	63
4.2. AS OBRAS NÃO CONSIDERADAS NA ANÁLISE	64

<b>4.3. RESULTADOS</b>	<b>65</b>
4.3.1. AS OBRAS E A METODOLOGIA APLICADA	65
4.3.2. DADOS E GRÁFICOS	67
4.3.3. ÍNDICE TEMÁTICO	72
4.3.3.1. DIVISÃO TEMÁTICA PROPOSTA POR SAMUEL ARMISTEAD	72
4.3.3.2. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS	73
<b>5. PROPOSIÇÃO DE UMA BASE DE DADOS DIGITAL</b>	<b>79</b>
<b>5.1. OPÇÃO PELAS HUMANIDADES DIGITAIS</b>	<b>80</b>
<b>5.2. A PLATAFORMA UTILIZADA</b>	<b>83</b>
<b>5.3. O SISTEMA UNIVERSAL DE METADADOS</b>	<b>84</b>
<b>5.4. O SITE E A BASE DE DADOS</b>	<b>86</b>
5.4.1. O SITE	87
5.4.2. A BASE DE DADOS	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>96</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>103</b>
<b>APÊNDICE 1: LISTA BIBLIOGRÁFICA DAS OBRAS DE RESTRIÇÃO PROPOSITAL PELO QUESITO TEMÁTICO-GEOGRÁFICO.</b>	<b>103</b>
<b>APÊNDICE 2: LISTA BIBLIOGRÁFICA DE OBRAS NÃO ENCONTRADAS OU IMPOSSÍVEIS DE ACESSAR DURANTE A PESQUISA.</b>	<b>107</b>
<b>APÊNDICE 3: LISTA DAS OBRAS DAS QUAIS SE BASEARAM OS DADOS DESTA PESQUISA.</b>	<b>115</b>

## ÍNDICE DE IMAGENS

<b><u>FIGURA 4.1 – PUBLICAÇÕES QUE COMPÕEM A BIBLIOGRAFIA DIVIDIDAS POR DÉCADA.</u></b>	<b>67</b>
<b><u>ILUSTRAÇÃO 4.1 – DIVISÃO DO BRASIL EM MACRORREGIÕES.</u></b>	<b>69</b>
<b><u>ILUSTRAÇÃO 4.2 – ESTADOS EM QUE FORAM IDENTIFICADAS VERSÕES DE ROMANCES.</u></b>	<b>69</b>
<b><u>FIGURA 4.2 - DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS VERSÕES DE ROMANCES COLHIDAS POR UNIDADES FEDERATIVAS BRASILEIRAS.</u></b>	<b>70</b>
<b><u>ILUSTRAÇÃO 4.3 - MAPA DE TODO O TERRITÓRIO NACIONAL, EVIDENCIANDO MUNICÍPIOS ONDE FORAM IDENTIFICADAS VERSÕES DE ROMANCES</u></b>	<b>71</b>
<b><u>ILUSTRAÇÃO 4.4 - DESTAQUE DO MAPA NA REGIÃO NORDESTE</u></b>	<b>71</b>
<b><u>ILUSTRAÇÃO 4.5 - DESTAQUE DO MAPA NA REGIÃO SUL</u></b>	<b>71</b>
<b><u>ILUSTRAÇÃO 4.6 - DESTAQUE DO MAPA NA REGIÃO SUDESTE</u></b>	<b>71</b>
<b><u>FIGURA 4.3- QUANTIDADES DE VERSÕES RECOLHIDAS EM CADA TEMA.</u></b>	<b>74</b>
<b><u>ILUSTRAÇÃO 5.1- FRAGMENTO DA PÁGINA DE <i>BACKOFFICE</i> DE SISTEMATIZAÇÃO DE METADADOS.</u></b>	<b>85</b>
<b><u>ILUSTRAÇÃO 5.2- INTERFACE DA HOME DO ‘ROMANCEIRO.PT’, COM DESTAQUE PARA O LINK DE ACESSO AO ‘ARQUIVO DO ROMANCEIRO DO BRASIL’.</u></b>	<b>87</b>
<b><u>ILUSTRAÇÃO 5.3- INTERFACE DA HOME DO WEBSITE ‘ARQUIVO DO ROMANCEIRO DO BRASIL’ A PARTIR DO QUAL SE ACEDE À BASE DE DADOS DIGITAL DO PROJETO.</u></b>	<b>88</b>
<b><u>ILUSTRAÇÃO 5.4- PÁGINA ‘O ROMANCEIRO IBÉRICO NO BRASIL’ DO WEBSITE ‘ARQUIVO DO ROMANCEIRO DO BRASIL’.</u></b>	<b>89</b>

**ILUSTRAÇÃO 5.5- PÁGINA ‘INVESTIGAÇÃO’ DO WEBSITE ‘ARQUIVO DO ROMANCEIRO DO BRASIL’.** 89

---

**ILUSTRAÇÃO 5.6- PÁGINA ‘RECURSOS’ DO WEBSITE ARQUIVO DO ROMANCEIRO DO BRASIL.** 90

---

**ILUSTRAÇÃO 5.7- PÁGINA DO ARQUIVO DO ROMANCEIRO PORTUGUÊS, QUE APRESENTA AS VERSÕES ETIQUETADAS COMO “ARQUIVO DO ROMANCEIRO DO BRASIL”.** 92

---

**ILUSTRAÇÃO 5.8- SCREEN SHOT DA PÁGINA DA VERSÃO 075-403-001 DE VENENO DE MORIANA, UMA DAS VERSÕES OSTENTANDO A ETIQUETA “ARQUIVO DO ROMANCEIRO DO BRASIL”.** 93

---

## ÍNDICE DE TABELAS

<b><u>TABELA 4.1- DIVISÃO TEMÁTICA PROPOSTA SAMUEL G. ARMISTEAD E MANUEL DA COSTA FONTES.</u></b>	<b>73</b>
---	-----------

<b><u>TABELA 4.2- A QUANTIDADE DE VERSÕES POR UNIDADE FEDERATIVA EM CADA UM DOS GRUPOS TEMÁTICOS IDENTIFICADOS NO BRASIL.</u></b>	<b>76</b>
---	-----------

## ÍNDICE DE SIGLAS

UF - UNIDADE FEDERATIVA (26 ESTADOS E O DISTRITO FEDERAL)

AC - ACRE

AL - ALAGOAS

AP - AMAPÁ

AM - AMAZONAS

BA - BAHIA

CE - CEARÁ

DF – DISTRITO FEDERAL

ES – ESPÍRITO SANTO

GO - GOIÁS

MA - MARANHÃO

MT – MATO GROSSO

MS - MATO GROSSO DO SUL

MG – MINAS GERAIS

PA - PARÁ

PB - PARAÍBA

PR - PARANÁ

PE - PERNAMBUCO

PI - PIAUÍ

RJ – RIO DE JANEIRO

RN – RIO GRANDE DO NORTE

RS – RIO GRANDE DO SUL

RO - RONDÔNIA

RR - RORAIMA

SC – SANTA CATARINA

SP – SÃO PAULO

SE – SERGIPE

TO - TOCANTINS

## INTRODUÇÃO

Partindo de um ímpeto pessoal aliado a um breve histórico de trabalho e investigação de bens culturais de natureza imaterial, iniciei meus estudos neste curso de Mestrado com o intuito de seguir trabalhando na valorização e reconhecimento destas expressões, a meu ver, essenciais à formação de qualquer sociedade.

O chamado Patrimônio Cultural Imaterial, num primeiro momento se caracteriza por uma determinada dificuldade de conceituação, de categorização, de estudo e de preservação. Entretanto está justamente nesta fluidez uma das características que mais me impressiona, pois proporciona que essas expressões tenham uma maior facilidade de adentrar nas diferentes esferas culturais e sociais. Daqui resulta o fato de ser potencialmente assimilado pelas mais distintas comunidades, mesmo em grupos mais isolados geograficamente, mais pobres ou até contingencialmente menores, pois cria laços identitários e de pertencimento às vezes dentro de um pequeno grupo, vizinhança ou até família.. Esse conhecimento encontra-se enraizado nas comunidades e marca, via de regra, a vivência coletiva, as práticas e as dinâmicas da vida social.

Dentre as distintas formas de expressão tradicionais, como as celebrações, ofícios, danças e técnicas, justifica-se minha escolha pelos estudos da tradição poética oral, especificamente os estudos sobre o Romanceiro Ibérico, tanto pela motivação de tratar as ainda férteis relações sócio-culturais ibérico-brasileiras, quanto pelo acesso a todo o arcabouço técnico, teórico e arquivístico produzido e disponibilizado pela equipe do Romanceiro.pt, com quem colaboro.

Tendo em mãos um grande número de versões de romances editadas no Brasil, registros da sua permanência, mesmo que diminuta, nos dias atuais, e notoriedade da sua influência - direta e indireta- na produção artística popular ainda vigente no território, abre-se uma porta muito ampla para os estudos sobre o gênero nesse país.

É certo que o Romanceiro Ibérico tem sido alvo de estudos acadêmicos, alguns de grande pertinência e impacto, que vou citando ao longo do meu trabalho. Contudo, continua a

carecer de um esforço de organização e de classificação dos temas de romances que fazem parte da memória cultural brasileira.

Dito isto, a proposta inicial deste trabalho é aliar um levantamento bibliográfico o mais completo possível do Romanceiro Ibérico recolhido (e em boa medida publicado) no Brasil com uma análise histórico social, visando traçar possíveis relações e fundamentos que elucidem os elementos que permeiam essa expressão neste país. Procedo assim à primeira distinção dos textos levantados, reafirmando a sua pertença à esfera do Romanceiro Ibérico ou expurgando-os dele. Uma vez este passo dado, detenho-me numa revisão da classificação temática dos romances. Esclareço, no entanto, que não pretendo me aprofundar nos debates filológicos, ou acerca da Crítica Textual, tampouco nas distintas formas e concepções de edição do Romanceiro enquanto textos patrimoniais.

Uma vez apresentada uma breve justificativa para este trabalho, segue a proposta estrutural de encaminhamento.

O presente estudo foi dividido em duas partes principais: a primeira teórica e a segunda prática. A componente teórica se fez necessária para justificar o tema, a metodologia e parte do problema de fundo a ser confrontado. Outra intenção também foi a de rerepresentar o objeto de estudo - o Romanceiro de origem ibérica- para uma comunidade mais ampla, ou até mais jovem de pesquisadores brasileiros, baseado no dado que apresentaremos nos capítulos que se seguem de que os estudos nos últimos anos não foram tão frutíferos neste campo como em meados do século XX, com os chamados folcloristas. Esta constatação pode-se inferir baseada em uma bibliografia teórica brasileira, que mostra que os estudos do patrimônio pós-Constituição de 1988 (após o fim da ditadura civil-militar) no Brasil buscaram dar mais voz e visibilidade às tradições de origem negra e indígena, mas que pouco ou nada tinham de representatividade na longeva tradição edificada.

A parte teórica continua com um breve apanhado histórico e sociológico do Brasil, já com o intuito de contextualizar e tentar justificar e, quiçá entender, algumas informações e características que o Romanceiro assumiu no Brasil, e que serão desenvolvidas na segunda metade do estudo.

A parte seguinte é dedicada a um trabalho prático, dividido em três partes, que visam agregar os estudos do Romanceiro brasileiro numa só plataforma, e, ao mesmo tempo, alçá-

los no domínio das Humanidades Digitais, aplicando-lhe ferramentas que facilitem o acesso, a análise, a sistematização e o inventário deste arquivo bem como a sua integração no universo do Romanceiro em Língua Portuguesa.

A primeira parte consiste, pois, no levantamento bibliográfico baseado principalmente em duas obras principais de referência, que apresentaremos no seu devido momento; uma segunda assenta na sistematização, análise e apresentação dos dados colhidos a partir do levantamento bibliográfico, que convergem, finalmente, na elaboração de um *website* e de uma base de dados digital, subsidiada pelo trabalho desenvolvido nos passos anteriores aqui descritos, buscando, assim, confluir com o campo das Humanidades Digitais.

O objetivo final do presente projeto é propor uma base de dados digital em livre acesso, integrada no modelo já existente do Arquivo do Romanceiro em Português, na plataforma Romanceiro.pt.

## **1. O PATRIMÔNIO IMATERIAL COMO ENQUADRAMENTO**

E o Patrimônio cultural, num sentido amplo, poderá levar-nos a compreender a realidade humana, não como imagem idílica, mas como encruzilhada de vontades e de dúvidas, contra o fatalismo, os determinismos, a ignorância e o esquecimento. (MARTINS, 2009, p.17).

## 1.1. APRESENTAÇÃO

Desde o pós-guerra a relação de estudos e de entendimento do Patrimônio Cultural vem ganhando espaço e se consolidando entre as esferas sociais, acadêmicas e do poder público, tanto no espaço europeu como no brasileiro. Essa situação ocorre sensivelmente também com o Patrimônio Cultural de natureza imaterial, que, se por um lado registra uma determinada dificuldade de conceituação, de categorização, de estudo e de preservação, por sua natureza intangível; por outro, é ele, indubitavelmente, presente e relevante entre as comunidades, pois reforça o entendimento de ‘cultura’ e a concepção de ‘mundo’, por meio das relações e das experiências de um coletivo. Esse conhecimento encontra-se enraizado nas comunidades e marca, via de regra, a vivência coletiva, as práticas e as dinâmicas da vida social.

Dito isto, ainda antes de adentrar ao tema central deste trabalho, considero ser importante sublinhar algumas concepções acerca do Patrimônio Cultural que vêm sendo discutidas nas últimas décadas, tanto nas convenções européias (MARTINS, 2017), como nas políticas públicas brasileiras, após a carta constitucional de 1988 (FUNARI & PELEGRINI, 2006), que contribuem –como arcabouço teórico- para o presente trabalho.

Primeiramente, a Cultura, e conseqüentemente o Patrimônio Cultural, segundo o conceito de Martins (2017), deve se impor enquanto uma ferramenta pacificadora. Ao valorizar determinado traço de um grupo, ela abre espaço para o autoconhecimento e a afirmação de um indivíduo em uma sociedade, e, além disso, ela deve servir para o conhecimento e a compreensão das diferenças, sempre tomando cuidado para não cair em uma homogeneização indiferenciada.

Nesse sentido, a visão do Patrimônio se alarga para abranger diversas esferas, mas, para funcionar, ela deve caminhar junto com outros valores, como educação, cidadania e democracia<sup>1</sup>.

A cultura deve, assim, buscar os factores unificadores e universalizantes nas diferenças, uma vez que só assim se poderá começar a regular o dilema entre

---

<sup>1</sup> Conforme refere MARTINS, 2009, p. 18, “O pluralismo, a liberdade, a abertura a compreensão do outro e do diferente, são peças fundamentais numa sociedade de cultura, onde a dignidade humana seja colocada no centro da organização humana”

liberdade e diferença, e a complementaridade entre igualdade e distinção.  
(MARTINS, 2017, p.16).

O Professor Rosa Mendes (2012, pp. 27-41) nos apresenta os tratamentos dos bens culturais no âmbito português, a partir da análise da Constituição da República Portuguesa de 1976, por meio de um debate acerca da concepção do Estado, das relações de poder e das políticas públicas. Consta no n.º 1 do Artigo 78.º “Fruição e criação cultural” que “Todos têm direito à fruição e criação cultural, bem como o dever de preservar, defender e valorizar o património cultural”<sup>2</sup>. O artigo constitucional, consoante aos novos tratamentos do assunto à época, busca dar condições a um maior acesso e contribuir assim para a democratização da Cultura, procurando eliminar o caráter elitista, que ainda poderia trazer de setores mais conservadores da sociedade.

Na continuação das considerações acerca das relações entre Cultura e Cidadania, Rosa Mendes apresenta a dicotomia entre patrimônio material e imaterial e as dinâmicas que essa concepção pode implicar. Inicia por questionar a validade de um texto legislativo prescrever conceitos e definições (MENDES, 2012, p.35), como é apresentada na Lei de Bases do Património Cultural (Lei n.º 107/2001, de 08 de Setembro<sup>3</sup>), em particular o Artigo n.º 91, o único que trata dos bens imateriais, que aqui nos interessam particularmente. Sua crítica consiste principalmente na insatisfatória abrangência do termo sobre as culturas tradicionais e o patrimônio cultural étnico-antropológico.

Intrínseca a essa temática toda está a concepção do Patrimônio Histórico e da Cultura como realidades dinâmicas, como proposto por Guilherme d’Oliveira Martins, (2017, pp. 19-20). Nenhuma sociedade está hermeticamente fechada às trocas e às adequações, fruto do tempo e das relações com outros grupos. Pode parecer um tanto óbvio, mas entre uma parcela considerável da sociedade ainda existe uma concepção de uma cultura oficial sobrepujando as outras.

É fundamental entender que existe uma relação dialética entre tradição e modernidade que é constante e fecunda e que exerce uma função imprescindível na manutenção e na

---

<sup>2</sup><https://www.parlamento.pt/Legislacao/PAGINAS/CONSTITUICAOREPUBLICAPORTUGUESA.ASPX>  
Acessado em 07/05/2019

<sup>3</sup>[http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=844&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=844&tabela=leis) Acessado em 07/05/2019

ressignificação do Patrimônio, muitas vezes auxiliando na sua longevidade, bem como colocando o indivíduo no centro dessa questão, seu lugar de direito. É importante considerarmos essa relação como determinante, inclusive, no campo do Romanceiro Ibérico – o objeto de estudo do presente trabalho. Nesse caso, podemos salientar uma característica fluidez textual derivada, principalmente, da sua natureza mnemônica (FERRÉ, 2000, p.14-17).

Essas breves reflexões, acima enunciadas, facilmente mostram que os estudos do Patrimônio Imaterial estão diretamente ligados a dinâmicas de cidadania ativa, de educação e de valorização das diferentes expressões culturais, entre as quais entendemos, naturalmente, o Romanceiro Ibérico, no contexto da classificação de literatura como canônica *versus* tradicional. Segundo Saraiva (2007, p.7) “foi assim que desde os anos 60 a palavra literatura começou a ser frequente e codificadamente utilizada com alguns prefixos”. Entre diversas designações dadas pelo autor, como “Paraliteratura”, “Subliteratura” ou até “Infraliteratura”, há a “Oratura”, que nos interessa, pois abrange oralidades, tradições orais e, no interior destas, a própria literatura de tradição oral.

## 1.2 PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE O ROMANCEIRO

Mesmo sabendo que os estudos sobre o Romanceiro Ibérico estão longe de serem inéditos no Brasil<sup>4</sup>, ainda assim considera-se relevante fazer uma breve apresentação dos conceitos básicos que são utilizados neste trabalho e, para isso, é fundamental traçar um pequeno histórico epistemológico, sobre aqueles que iniciaram e estruturaram as pesquisas e o entendimento desse tema, entre os séculos XIX e XX.

### 1.2.1 DEFINIÇÕES E ORIGENS

---

<sup>4</sup>Iniciam-se ainda no século XIX com Celso Magalhães e seguem na primeira metade do século XX como objeto de interesse de investigadores como Sílvio Romero e Luis da Câmara Cascudo, como se vê mais detalhadamente no item 2.4 ‘Estudos sobre o Romanceiro no Brasil’, no próximo capítulo.

A definição do Romance passa necessariamente por uma pluralidade de campos. (FERRÉ, 2000, p.50).

Há um consenso entre um número significativo de autores de que a definição de romance tradicional ibérico não é tão simples como pode parecer. Mas para fins práticos e elucidativos, seguimos aqui as premissas apresentadas pelo filólogo espanhol Ramón Menéndez Pidal, que restringe “o campo de análise ao Romanceiro tradicional tentando encontrar um denominador comum pelo assunto, difusão e forma” (*apud* FERRÉ, 2000, p.52).

Os assuntos tratados no romanceiro são variados. Podem ter uma temática histórica, religiosa ou relatam acontecimentos da esfera privada, mas de caráter excepcional<sup>5</sup>. É lógico inferir que os temas e assuntos que sobreviveram devem sua popularidade a uma mais significativa assimilação e aceitação das comunidades portadoras desses textos tradicionais, seja pela empatia à história de alguma personagem histórica célebre (seja ela identificada pelo transmissor ou não) ou a algum ato heróico, seja pela função didático-pedagógica que as histórias narradas em verso trazem para os núcleos familiares e comunitários, de um modo geral.

Salientamos que a difusão dessa literatura se dá principalmente pela transmissão oral, ainda em curso, hoje, e que sobrevive, atualmente, restringida a comunidades mais afastadas dos núcleos urbanos, tanto na Península Ibérica, de onde é oriunda, como no próprio território brasileiro, que nos importa focar.

Porém, seria evidentemente leviano excluir o papel da difusão escrita. Esta foi largamente utilizada após o advento da imprensa de caracteres móveis, na Europa ainda no século XV e, conseqüentemente, com a popularização das adaptações dos folhetos de cordel que no Brasil desempenharam e ainda desempenham uma função determinante. A literatura de cordel brasileira, transmitida através deste suporte impresso, embora se distinga do

---

<sup>5</sup>Dedico, mais adiante, o item 4.3.3.1 para uma apresentar a lista completa, baseada na divisão temática do romanceiro proposta por Samuel G. Armistead.

Romanceiro Ibérico, guarda semelhanças tanto na forma, como no ritmo e na melodia tanto quanto na vivência popular<sup>6</sup>.

O século XVI, com suas características e referências, faz-se presente no Romanceiro em sua enorme difusão. É esta uma época de grande popularidade do gênero, extrapolando classes sociais. Um exemplo desse alcance pode ser dado entre muitos outros autores ‘cultos’ da época, com a obra do dramaturgo Gil Vicente, que chegou a contar com o alto patrocínio régio, à cabeceira.

Quanto à forma, resumidamente podemos estabelecer o padrão em versos de sete sílabas (se utilizada a contagem portuguesa), rima toante e única sempre nos versos pares e ainda um número ilimitado de versos. Já a corrente de estudos que releva a descendência do Romanceiro Ibérico da velha épica ibérica (a tradicionalista) costuma apontar a organização dos textos em versos de sílabas longas de quize sílabas métricas, embora, no essencial, uma ou outra visão não assuma mais significado do que uma determinada posição teórica acerca do gênero poético, correspondendo, afinal, à mesma forma-padrão. Assinalamos, contudo, para além dessa forma padrão, a existência de outras estruturas formais específicas, que se encontram sintetizadas em FERRÉ (2000, pp. 40-46).

A origem do Romanceiro pode ser investigada por meio de duas características principais: a geográfica e a datação. DÉBAX (1990) afirma que, atualmente, se encontram Romances em todas as partes do mundo onde se falem línguas peninsulares e que, desde os tempos antigos, o romance se canta por todos os âmbitos hispânicos. A isso se alia o notório medievalismo desse gênero, que é um dos seus traços indiscutíveis, segundo Ferré (2000, p.13). Assim, pode-se dizer que a difusão geográfica do gênero parte de Castela e alcança os reinos vizinhos, desde o século XV pelo menos (mais provavelmente desde o XIV).

A datação dos romances é uma tarefa árdua e passível de distintas interpretações. Afinal, ao se partir do pressuposto de que a transmissão dessas obras é essencialmente oral e de que o seu suporte privilegiado é o memorial, torna-se evidente que o primeiro documento conhecido não coincide com a criação do poema, conforme refere FERRÉ (2000, p. 20). Ainda assim, uma outra possibilidade consiste no trabalho de fundar a cronologia dos

---

<sup>6</sup>Mais detalhes sobre as relações e diferenças do romance e da literatura de cordel são tratados no item 2.3.1 ‘A Tradição Literária Popular e Oral’, no próximo capítulo.

Romances em elementos como as datas de transcrição, de edição ou de citação dos documentos conhecidos (datação pela via documental- Di Stefano *apud* FERRÉ, 2000, pp.25).

O documento mais antigo conhecido foi copiado em 1421 pelo estudante Jaume de Olesa. Em Maiorca, escrito em castelhano misturado com catalão. (FERRÉ, 2000, pp.25-26)

Já Michelle Débax apresenta como principal ferramenta para se aproximar a datação de uma obra a análise do conteúdo histórico lá contido, a “Fechación por la matéria narrada” (DÉBAX, 2000, p. 12).

Assim, a partir da análise dos conteúdos históricos, relacionando com acontecimentos históricos ou outras fontes e registros de passagens e reinados, é possível balizar uma possível origem para os poemas. Nesse caso “pode-se determinar a existência do Romanceiro na península já no século XIII” (FERRÉ, 2000, pp.28).

Evidentemente que variações e reformulações podem e devem ter ocorrido ao longo dos anos. Por outro lado, em se baseando apenas nas transcrições e edições de testemunhos, marca-se um predomínio do romanceiro trovadoresco sobre os modelos mais *velhos* (noticiosos e jogralescos) no período de 1421 e 1511. Esse fato pode prestar-se a duas interpretações: o gênero nasce efetivamente no século XV e reflete o estilo predominante no período, ou, as fixações foram feitas nesse período e trazem gostos e ideologias desse momento histórico (FERRÉ, 2000, p.25).

Segundo FERRÉ (2000, pp.19-21), no item ‘O problema das origens’, no capítulo dedicado às origens e à datação do Romanceiro, a tentativa de elaboração de uma cronologia deste passa por uma disputa de origem teórica no século XIX, quando, por um lado, uma datação mais recuada, atribuída à longínqua Idade Média é aceita pela corrente romântica, enquanto que a visão positivista, em contraposição à primeira, altera o provável início dessa produção do século X para o século XV ou já para o XVI, trazendo-a para o período Renascentista. A esse debate contribui um teórico essencial nos estudos do Romanceiro:

A ambas as teorias foi dada resposta por (Ramón) Menéndez Pidal: aceitou o princípio positivista de que a criação de um romance teve, como não podia deixar de ser, um autor concreto, uma data e um lugar de composição e, do mesmo modo, defendeu a menor antiguidade dos romances, considerando-os posteriores aos cantares de gesta. Rebelou-se contudo contra o império do documento e, assim, rejeitou que as datações dos textos fossem feitas pela versão mais antiga editada, tal como contestou que as versões divulgadas pela estampa quinhentista fossem um texto fidedigno do romance em causa (FERRÉ, 2000, p 20)

Outro elemento também apresentado sobre a questão refere-se às possíveis funções dos romances nas comunidades. Vale apresentar quatro delas presentes no trabalho de Débax: Diversão; Noticiosa; Utilitária e Simbólica (DÉBAX, 2000, pp. 79-88).

Ainda segundo Débax (2000), a função de diversão é, evidentemente, recreativa, enquanto que a noticiosa diz respeito à propaganda e à divulgação de notícias e acontecimentos. Dentro das funções utilitárias, pode-se subdividir em âmbito público – que diz respeito às festas e ao trabalho - e âmbito familiar, pensando na utilização dos romances em casamentos e em velórios, nos afazeres domésticos ou nos trabalhos solitários. Finalmente, há a função simbólica, que desempenha um papel bastante importante para este estudo, pois está ligada diretamente à projeção identitária e ideológica de um grupo.

## 1.2.2 HISTORIOGRAFIA E PESQUISA

Como dito anteriormente, a produção, a fixação e a divulgação do Romanceiro Ibérico de matriz tradicional têm o seu auge no século XVI (pensamos no quadro geográfico espanhol; no caso do Romanceiro português, não podemos mais do que assinalar a circulação do gênero em Portugal, sem se ter registrado uma atividade editorial à altura, por motivos que vão além daquilo que é nosso escopo debater). Nos séculos que seguem, ele perde popularidade e chega a ser considerado, no século XVIII, uma expressão menor e conforme as classes social e culturalmente desfavorecidas.

Essa percepção só viria a mudar no século seguinte (XIX), no contexto da expansão das idéias românticas, quando o gênero é redescoberto e galga-se ser elevado a uma expressão genuína portuguesa.

O primeiro pesquisador a realizar uma empreitada de recolha e de edição do Romanceiro português e do romanceiro peninsular, em geral, foi o escritor Almeida Garrett, em 1824 (FERRÉ, 2000, p. 67). Claro que esse trabalho, que surge no auge do Romantismo, apresentaria o seu enquadramento ideológico muito particular (além das limitações inerentes a todo trabalho pioneiro) mas teve repercussões não apenas em Portugal e na Península Ibérica, mas também no Brasil (COSTA FONTES, 1994). Na ocasião, o Romanceiro foi atribuído como

Puro e genuíno da cultura nacional, pois por estar gravado na memória do povo, não havia contaminação da cultura estrangeira. (FERRÉ, 2000, p.68)

Há, com Garrett, a construção da possibilidade de análise por meio da temporalidade – do presente para o passado. Essa análise se dá a partir do material deixado por ele, nos trabalhos chamados de “edição criativa”, nomes dados aos processos de modificação intencional na fixação das obras orais, motivadas pela busca da cultura genuinamente nacional, ao mesmo tempo passível de retoques estéticos, justificados pelo pensamento romântico do século XIX, como se lê no estudo de Sandra Boto:

(...) para seu (Garrett) programa interventivo, bastava-lhe (e não é pouco) legitimar a poesia da tradição oral como a mais primitiva e antiga de todas (trabalho que delineia em documentos inéditos da Coleção Futscher Pereira, recorrendo a critérios estilísticos e intuitivos, sem necessidade de testemunhos documentais para tal; a recolha da tradição oral dos séculos XVI, XVII ou XVIII era acessória, contribuindo, mesmo se nela acreditou, para o apuramento dos seus textos, esses sim, restauradores). (BOTO, 2011, p. 65).

Seguindo a escola deixada por Almeida Garrett, podemos citar poetas que (com mais ou menos intervenção criadora) dão continuidade e oferecem os primeiros romances da tradição oral portuguesa. Como José Maria da Costa e Silva, António Pereira da Cunha, José Maria Andrade Ferreira, António Xavier Rodrigues Cordeiro, Luís Ribeiro e Estácio da Veiga (primeiro a publicar um Romanceiro regional, o *Romanceiro do Algarve*). Vale frisar o trabalho de João Teixeira Soares de Souza, que contribuiu pioneiramente com o rigor científico, em meio às visões românticas e positivistas da época.

É necessário também dedicar uma parte deste capítulo para falar da obra de Teófilo Braga. O seu trabalho pode interessar para um melhor conhecimento da história do pensamento português, com sua compilação das coleções dispersas. Ele pretendeu encabeçar um ponto de viragem nos estudos dedicados ao Romanceiro, porém, apesar de, por um tempo se alimentar uma dicotomia entre o “desleixado Garrett e o rigoroso Teófilo Braga” (FERRÉ, 2000, p.81), seu mérito encontra-se mais nos coletores que utilizou do que na sua obra em si, o que, nas palavras de Ferré (2000, p.78), classifica-se como “revolução frustrada”.

No âmbito social, o Romanceiro chega ao século XX ainda associado a distintos vieses políticos, baseados em algum nível nas ideologias liberal e romântica do século XIX, que usaram o Romanceiro como prova da ancestralidade da nacionalidade e da língua portuguesa. Nota-se, em Portugal, durante o Estado Novo, a manutenção da tendência de se adicionarem motivações ideológicas ao estudo e levantamento da literatura de tradição oral, tanto entre os grupos conservadores e afetos ao regime, quanto entre os militantes de esquerda.

Já no meio acadêmico e científico, nota-se um grande salto nos estudos e na recolha dos Romances, não somente em Portugal continental, como nos Açores, na Madeira e, particularmente em Espanha, com a ação do Seminario Menéndez Pidal. Em Portugal, o início dessa época de implementação de critérios científicos na recolha e no estudo do Romanceiro Tradicional começa, efetivamente, ainda nos anos 60, com o trabalho da investigadora americana Joanne B. Purcell.

Costa Fontes também alargaria significativamente o conhecimento da tradição, trazendo elementos das comunidades portuguesas sediadas nos Estados Unidos e no Canadá, a partir de pesquisa com informantes emigrantes no continente americano.

Ao passo que se expande o trabalho de coleta e de arquivamento do Romanceiro nos finais do século XX em Portugal, nota-se mais dificuldade em localizar informantes e, assim, uma diminuição acentuada da transmissão do gênero entre a população. Isso é atribuído, por um lado, à oferta recente de outras mídias de massa, com o advento do rádio e da televisão, mas também à perda da sua funcionalidade prática, enquanto música de trabalho e de entretenimento comunitário e familiar.

Vale dizer que desde a década de 1980, as sucessivas equipes que vêm desenvolvendo o Arquivo do Romanceiro Português implementam – até os dias atuais – um lato trabalho (agora convertido ao digital) intitulado Romanceiro.pt, sob a coordenação geral de Pedro Ferré. Desde os inícios dos anos 80, dividindo o trabalho entre recolha em jornais, em revistas e em livros, além do trabalho de campo, percorrendo Portugal de forma sistemática, de modo a gravar novas versões de romances tradicionais, esse esforço compilador permitiu acolher “cerca de 6.000 versões de romances da tradição oral moderna portuguesa publicadas entre o século XIX e o século XXI e mais de 3.500 versões inéditas em 660 horas de gravação”<sup>7</sup>, que agora são disponibilizadas em suporte digital<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup><https://romanceiro.pt/> acessado em 20/10/2018 (Estão disponíveis mais dados no texto publicado nas *Atas das VII Jornadas do CIAC*, em <https://ciac.pt/noticias/atas-vii-jornadas/760>)

<sup>8</sup><https://romanceiro.pt/> acessado em 20/10/2018.

## **2. HISTÓRICO DO BRASIL**

Para entender o patrimônio coletivo, é necessário, antes, refletirmos sobre a própria vida coletiva (FUNARI e PELEGRINI, 2006, p.9)

## 2.1. APRESENTAÇÃO

Tendo em mãos um grande número de versões de romances editadas no Brasil, registros da sua permanência, mesmo que diminuta, nos dias atuais, e notoriedade da sua influência - direta e indireta- na produção artística popular ainda vigente no território, abre-se uma porta muito ampla para os estudos sobre o gênero nesse país.

Indiscutivelmente se encontra, na cultura popular brasileira, muita influência ibérica; seja na música, na literatura erudita, na oral ou de cordel, nas tradições cristãs, festivas e no folclore. Entretanto, vale ressaltar que muitas vezes o termo Romanceiro é atribuído a obras e a temáticas que não são aquelas diretamente ligadas ao Romanceiro Ibérico tradicional. Portanto, apesar de possivelmente citá-las ou referenciá-las, elas não compõem o objeto principal deste trabalho. Afinal, elas apontam para o que Nestor García Canclini entende por hibridação, os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (2015, p. XIX).

Neste capítulo o objetivo é utilizar análises de teor histórico, geográfico e sociológico, para levantar informações que permitam melhor compreender esse processo.

Quanto aos tópicos sobre os quais aqui nos deteremos, eles são: (1) a geografia do Romanceiro, com o fito de entender, no tempo e no espaço, a difusão para além da Península Ibérica, com foco na sua chegada ao território brasileiro, e, conseqüentemente, (2) as diferentes ondas migratórias por toda a extensão do território, desde os séculos XVI e XVII no Sudeste e no Nordeste, bem como as mais recentes, dos séculos XVIII e XIX na região sul, que permitiram e consolidaram (3) traços da tradição ibérica, pela oralidade, na cultura popular brasileira.

## 2.2. A GEOGRAFIA DO ROMANCEIRO

Atualmente “se encuentran romances en todas las partes del mundo donde se habla una de las lenguas peninsulares: castellano, catalán, gallego y portugués” (DÉBAX, 1990, p. 56). A partir dessa constatação, podemos inferir, com o auxílio de levantamentos históricos, os caminhos e as influências que a cultura hispânica deixou no mundo. Essa preocupação metodológica de trabalho é sintetizada no conceito de ‘geografia folclórica’, de origem pidalina, aqui apresentado por Manuel Alvar:

*Menéndez Pidal se apoyó en la metodología del positivismo, desde ella llegó a formular unos principios teóricos que le hicieron valorar las variantes de cada recitador y aun comprender que la vida de esta poesía estaba en su continua mutación. Precisamente para recoger tales variantes redactó un Catálogo del que aún nos servimos; después, la reducción se imponía sin vacilaciones: las diferencias tenían -entre otras cosas- carácter geográfico y desde él se explicaban otras mil cuestiones. Luego, nada extraña la culminación de tantos proyectos en un cuerpo teórico. Algo ha pasado entre tanto, aunque en un principio no se viera en toda su trascendencia.*  
(ALVAR, s. d.)

Dito isso, creio ser importante traçar uma breve linha espaço-temporal da dispersão do Romanceiro, não somente para utilizar dessa metodologia de análise da escola tradicionalista, que por meio da comparação de versões de origens geográficas diversas, extrai conclusões pertinentes sobre o funcionamento da tradição oral, mas também para estabelecer a configuração e as dinâmicas sócio-culturais, tanto em Portugal como no Brasil, desde o início do século XVI<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Vale citar como referência e divulgação, o ensaio “A propósito do romance tradicional «Nau Catrineta»: peregrinações no tempo e no espaço”, de Sandra Boto, que se baseia nesse método e desenvolve um completo trabalho de comparação de fragmentos textuais e suas variantes no tempo e no espaço para confrontar a teoria nacionalista que ronda o romance da Nau Catrineta. Disponível em:

Para analisarmos a dispersão geográfica do Romanceiro Ibérico, partimos do entendimento de que desde a virada do século XV para o XVI, pelo menos, os romances representavam uma tradição oral em voga, muito popular entre todas as camadas sociais: o povo, os burgueses, os nobres, os estudantes, os marítimos (CAUFRIEZ, 2016, p.100) e já estava estabelecido não apenas em Castela, mas nos reinos limítrofes (DEBÁX,1990, p. 57). A partir de então, houve diversas ondas migratórias, diásporas e expulsões da península, que configuram a ‘difusão geográfica antiga’.

Existem duas diferenças essenciais na dispersão das tradições culturais ibéricas pelo mundo à fora, nomeadamente pertinentes no caso do Romanceiro: a baseada nas expulsões de grupos, tendocomo exemplo principal os judeus; e nas expansões colonizadoras, caso que nos interessa particularmente.

Brevemente, podemos citar o caso das comunidades judaicas, que foram perseguidas e expulsas de Portugal e da Espanha até finais do século XVI, e que, naturalmente, levaram consigo sua cultura e suas tradições, e, entre elas, o Romanceiro. Essa expressão foi identificada ainda viva durante o século XX, nos sítios em que essas comunidades vieram a se instalar, nomeadamente a Grécia, os Balcãs e o norte da África.

Nas antigas colônias, como é o caso do Brasil, evidentemente será diferente por se tratar de um processo intensivo, com amplas massas migratórias aliadas a atividades econômicas e culturais.

Essa relação faz com que cheguem da metrópole tradições, técnicas arquitectónicas, textos escritos e orais, enfim, tudo o que compõe o Patrimônio Cultural, de modo que, de maneira geral, se assemelhem o patrimônio romancístico da colônia e da metrópole (DEBÁX,1990, p. 57).

Para tentar analisar melhor esse movimento migratório e cultural em território brasileiro, distinguiremos dois momentos: as chegadas desde o início do século XVI, nos aglomerados urbanos da costa do Nordeste e do Sudeste, e a migração de meado do século XVIII de açorianos e madeirenses para as regiões ao sul.

---

[https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/45313/1/A\\_proposito\\_do\\_romance\\_tradicional.pdf](https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/45313/1/A_proposito_do_romance_tradicional.pdf) . Acessado em 17 de maio de 2019.

## 2.2.1. AS ONDAS MIGRATÓRIAS NO BRASIL

A tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências. (BUARQUE DE HOLANDA, 2011, p.31)

### 2.2.1.1 SÉCULOS XVI A XVIII: “LITORÂNEA E TROPICAL”

Diversas são as análises e as teorias que explicam os traços tecnológicos, políticos, culturais e sociais da iminente expansão portuguesa, desde finais do século XV, que atestam que “nenhum outro povo do Velho Mundo achou-se tão bem armado para se aventurar à exploração regular e intensa das terras próximas à linha equinocial (...)” (BUARQUE DE HOLANDA, 2011, p.43). Especificamente para este trabalho, interessarão as ondas migratórias, os movimentos contingenciais, e, de alguma maneira, alguns traços da esfera privada desses indivíduos, afinal, à margem das estruturas formais do poder português da época (a corte, o Conselho Ultramarino e o Santo Ofício). Assim, a tradição que aqui nos interessa é transmitida de maneira oral, quase orgânica.

Podemos sinteticamente estabelecer que os movimentos migratórios dos portugueses, no Brasil, durante o período colonial, acompanham os ciclos econômicos vigentes, a citar: o da cana-de-açúcar, e, posteriormente, o da mineração.

No primeiro momento, a colonização portuguesa era, antes de tudo, “litorânea e tropical” segundo Sérgio Buarque de Holanda (2011, p.99), justificada principalmente pelas boas terras do Nordeste para a lucrativa lavoura de cana-de-açúcar, o que levou a coroa e seus representantes a criar dificuldades, proibições inclusive, às entradas terra adentro, temendo um possível despovoamento da região costeira. O propósito era baseado na facilidade do contato e no escoamento de produtos para a metrópole. O historiador brasileiro chega a citar o

caso, em 1554, em que o donatário da capitania de São Vicente proíbe os moradores de irem tratar dos campos do recente povoado de Piratininga (atual São Paulo) (2011, p.100).

Um dos primeiros movimentos, antes explorador e extrativista do que migratório, mas que acabou por desempenhar ambas funções, foram as Bandeiras, iniciadas justamente pelos paulistas, ainda no século XVI, adentrando nos interiores do Brasil, por terra ou por rio. Esse ato pioneiro e quase autônomo é justificado por ser São Paulo uma “terra de pouco contato com Portugal e de muita mestiçagem com forasteiros e indígenas” (BUARQUE DE HOLANDA, p. 102). Isso é evidenciado inclusive por características linguísticas, pois lá o tupi era falado tanto quanto (ou até mais) do que o português nas relações privadas.

É possível inferir que justamente por essa distância cultural, as zonas em que os bandeirantes paulistas chegaram ou mesmo fundaram, como os atuais estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, apresentem menos ocorrências das tradições orais de origem ibérica como aquela que aqui nos interessa, tal como veremos mais adiante.

Isso também poderia ter acontecido nos estados de Minas Gerais, de Goiás e do Tocantins, porém, no terceiro século do domínio português, tem início o ciclo da mineração.

Com o descobrimento de ouro em Minas Gerais, desencadeia-se o maior fluxo migratório dos portugueses para além da faixa litorânea. Grandes cidades são fundadas, e estradas são construídas. Até hoje, a turística Estrada Real, que liga Paraty no Rio de Janeiro, a Diamantina, em Minas Gerais, recebe muitos viajantes.

É importante também destacar o papel pioneiro das missões jesuíticas adentro do território, que, com a intenção de converter os povos indígenas, acabou por realizar uma atividade pioneira na relação com eles. Os missionários da Companhia de Jesus protagonizaram as atividades educacionais até 1759, quando das reformas Pombalinas. Ao logo desses anos, as ações pedagógicas, baseadas no Concílio de Trento, que pregavam a “disciplina pela obediência” (BUARQUE DE HOLANDA, 2001, p. 39) contribuíram, de certa forma, para uma relação de hibridação cultural<sup>10</sup>, fato evidenciado pela utilização da língua geral (baseada em dialetos tupi) para as funções educativas e catequizantes.

---

<sup>10</sup> Hibridação cultural, no conceito de Nestor Garcia Canclini (2015) não é, necessariamente, horizontal, orgânica ou isenta de relações de poder.

Através do ensino e da catequese, os jesuítas não só introduziram, como também utilizaram muitos elementos que se integraram ao folclore brasileiro: os autos sacros, as danças ameríndias (Cateretê e Cururú), a cerâmica religiosa, e mesmo o canto gregoriano, que deixou influência na música popular do Brasil. (FREITAG, 1969, p. 375)

#### 2.2.1.2 SÉCULO XVIII– O CASO DO SUL

Ao longo do século XVIII, é identificado um transporte de contingente para o Brasil em condições muito próximas às de um processo de colonização.

A presença açoriana, no extremo sul da América portuguesa, incluindo a Colônia do Sacramento, faz-se notar antes mesmo da sua vinda oficial, iniciada em 1748, quando foram enviados para Santa Catarina os primeiros casais. (FRANZEN, 2003, p.123)

As explicações para essas ondas migratórias passam por vários fatores, desde uma série de problemas naturais que, supostamente, assolaram a Madeira e os Açores, mas também são apontadas como uma resposta natural do ciclo da mineração, que abriu espaço para a chegada de uma nova leva de povoamento - trabalhadores e representantes da jurisdição portuguesa na colônia.

É importante ressaltar que, nesse momento, intensifica-se o interesse pelo povoamento do Brasil meridional (hoje os estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul), pela Coroa Portuguesa, a partir de Tratado de Madrid (1750)<sup>11</sup>. “É de fundamental importância

---

<sup>11</sup>De forma sucinta, esse foi o tratado que buscou pôr fim aos conflitos territoriais e redefiniu, em 1750, as fronteiras das colônias de Portugal e Espanha na América do Sul, substituindo o Tratado de Tordesilhas. Sobre isso, recomenda-se a leitura do historiador português Jaime Cortesão, que desenvolve o conceito geopolítico e cartográfico do “Mito da Ilha - Brasil”, que justificaria a expansão portuguesa nos territórios que seriam posteriormente agregados com o Tratado de Madrid (ALEXANDRE DE GUSMÃO E O TRATADO DE MADRID, 1984).

resguardar as fronteiras que estão sendo criadas, povoando os territórios agora reconhecidos como portugueses” (FRANZEN, 2003, p.124), assistindo-se ao crescimento efetivo da busca pelo Brasil por gentes das ilhas, dos Açores majoritariamente.

Essa presença teve uma influência marcante na formação da sociedade sul-riograndense, tanto no que se relaciona com a constituição étnica da população, como com o seu modo de ser e a sua cultura.

A influência açoriana é percebida no folclore (danças, costumes- -tradições – terno de reis, na época de Natal), hoje, mais explorado em face do turismo (festivais de música, especialmente nas cidades do litoral norte, que tem origem açoriana, daqueles que fugiram do Sul em face da invasão castelhana de 1763 ou que migraram de Santa Catarina), na arquitetura das cidades onde sua presença foi marcante (Rio Pardo, Triunfo, Taquari, Santo Antonio), nos costumes, tradições, mitos, na religião (o culto do Espírito Santo). (FRANZEN, 2003, pp.124-125)

Outro fato marcante que pode contribuir para a renovação e para a reafirmação dessa cultura até os dias atuais se dá pelo fato de, no século XX, entre as décadas de 30 e 40 (reflexo da tendência romântica, aos moldes do século XIX), os historiadores buscarem formar uma identidade e uma reafirmação regional. Para isso, era comumente exaltada a tradição luso-açoriana, como se nota na citação de Otelô Rosa “Trazendo consigo a força de uma tradição doméstica, familiar, o açoriano se exclui dos processos de miscigenação, ocorrentes em outras paragens do Brasil...” (Rosa, 1957, *apud* FRANZEN, 2003, p.126). Essas obras traziam, além de conceitos eugênicos e racistas – comuns à época, uma narrativa quase heroica, de um povo que deu início à colonização do Rio Grande.

Fato é que até hoje a influência da cultura ibérica (apesar da chegada posterior de italianos e alemães) é pujante e celebrada entre os sulinos.

Finalmente, como síntese,

Neste particular cumpre lembrar o que se deu com as culturas européias transportadas ao Novo Mundo. Nem o contato e a mistura com raças indígenas ou adventícias fizeram-nos tão diferentes dos nossos avós de além-mar como às vezes gostaríamos de sê-lo. No caso brasileiro, a verdade, por menos sedutora que possa parecer a alguns dos nossos patriotas, é que ainda nos associa à península Ibérica, a Portugal especificamente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir, até hoje, uma alma comum, a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a forma atual de nossa cultura; o resto foi matéria que se sujeitou mal ou bem a essa forma. (BUARQUE DE HOLANDA, 2011, p.40)

### **2.3. AS REFERÊNCIAS IBÉRICAS NA CULTURA POPULAR**

As influências luso-espanholas na cultura popular do povo brasileiro são não apenas marcantes, mas fundamentais. É evidente que durante todo o processo histórico que sucedeu a colonização e as relações sociais dos diferentes povos que lá se relacionaram, se geraram – natural ou artificialmente – as misturas que Canclini (2015) caracteriza como hibridismo cultural (a miscigenação, o sincretismo, a criouliização e a fusão).

Com um intuito mais quantitativo, podemos citar um amplo rol, apresentado em conferência por Léa Vinocur Freitag (1969, pp. 353), por meio do qual percebemos o quão enraizado na cultura popular brasileira a Península Ibérica está.

Freitag divide o ‘Folclore’ em categorias como: Folgedos; Danças; Festas e comemorações religiosas; Romances; Culinária; e Modinha. Vale ressaltar que, referente a isso, atualmente conceitos como o de Patrimônio Imaterial ou Intangível são mais amplos e aceitos.

Entre os folgedos de origem ibérica destacamos: Folia de Reis (Sul de Minas, Espírito Santo, Estado do Rio, Guanabara e São Paulo); Reisado e Guerreiro (Alagoas e Sergipe); Pastoril (Pernambuco, Alagoas, Bahia e regiões do Nordeste); Bumba-meu-boi (presente em diversas localidades de tôdas as regiões do Brasil, exceto o Centro, com diferentes denominações);

Chegança (Nordeste); Fandango (Nordeste, além de regiões de Minas, São Paulo e Mato Grosso, com a denominação de Marujada) e Cavalhada (São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas e Goiás, e no Nordeste como "jôgo de argolinhas"). (FREITAG, 1969, p.357)

Entre as representações de danças, temos o Balaio, a Cana-verde, a Chimarrita, o Pezinho, o Fandango, a Dança de São Gonçalo, a Dança de Santa Cruz e a Dança de Velhos (p. 363). Dentre as festas e as comemorações religiosas, além das festas juninas, são muito recorrentes a Festa do Divino, o Entrudo e a Recomenda de Almas. Há também a modinha, exemplo musical de herança lusa.

No âmbito da culinária, essa influência é muito expressiva, apesar das adaptações que o clima impunha – nomeadamente a substituição do trigo pela mandioca, feijão e milho de origem indígena muito por intermédio dos hábitos alimentares da cultura árabe que “levou para Portugal o açúcar, a laranja, o limão, a tangerina, o gosto pelas comidas oleosas, ricas em açúcar, a canela, as especiarias, os ovos cozidos e os doces secos” (FREITAG, 1969, p. 374). Como também dos portugueses que trouxeram a cana-de-açúcar, arroz e animais, frutas e doces.

Na nossa área específica de investigação, circunscrevemos a análise à literatura tradicional advinda dos processos colonizadores, nomeadamente ao Romanceiro de raiz ibérica.

### 2.3.1. A TRADIÇÃO LITERÁRIA POPULAR E ORAL

A tradição cultural popular brasileira está, como venho afirmando, enraizada em tradições europeias, principalmente na ibérica - a qual, por sua vez, é já o produto da fusão dos diversos povos que habitaram esse território ao longo dos séculos e dos contatos mantidos com as diversas expressões culturais dentro e fora da península.

No caso brasileiro dos ‘Mouros’ (mesmo que indiretamente) herdamos algumas estórias, instrumentos e escalas musicais. Outro exemplo interessante da assimilação da cultura lusa é a proliferação do mito sebastianista entre as camadas mais pobres, no sertão nordestino, entre os séculos XIX e XX.

Ainda nesse recorte espacial, há, em meados do século XX, a elaboração do Movimento Armorial fundado e idealizado pelo escritor e dramaturgo Ariano Suassuna. Apesar de não ser um movimento orgânico, ele pretendia “realizar uma Arte Brasileira erudita, a partir das raízes populares da nossa cultura” (*apud* COIMBRA *et al.*, 2007, pp. 08), valendo-se de vastos campos - da literatura de cordel à música, da cerâmica à escultura, da gravura à tapeçaria, da pintura aos espetáculos de rua, e trazendo muitos elementos ibéricos. Advindo deste movimento, vale citar como curioso exemplo o conjunto musical ‘Quinteto Armorial’, que, em dois de seus discos gravados na década de 1970<sup>12</sup>, trazem recriações instrumentais de dois romances de tradição ibérica, nomeadamente a “Bela Infanta” (“Vuelta del Marido”, IGR 0113) e da “Nau Catarineta” (“Nau Catrineta”, IGR 0457).

Vale citar porque ilustra bem a importância do Romanceiro Ibérico no Brasil, a apresentação de romances em seu livro *O Romance d’A Pedra do Reino*, de 1971, que contribui para o retrato e a difusão da tradição oral<sup>13</sup>. Além da obra de Suassuna, outro caso célebre da inclusão de romances na cultura de massas do século XX é o longo poema “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, que inclui o romance catalão “Conde Arnaldos” (“Infante Arnaldos”, IGR 0435).

Há que ter em conta que:

A literatura oral é uma tradição de caráter social, visto que se trata de uma atividade popular, onde sua existência, preservação e difusão dependem da comunidade, ou seja, requer a presença do outro para ser conservada.  
(COSTA, 2014, p.71)

---

<sup>12</sup> A segunda faixa do disco de estréia da banda (álbum *Do Romance ao Galope Nordestino*, de 1974) é “Romance da Bela Infanta”; enquanto que a segunda faixa do terceiro álbum (*Quinteto Armorial*, de 1978), é “Romance da Nau Catarineta”. Ambas são recriações instrumentais de Romances de tradição oral de origem ibérica, devidamente creditados.

<sup>13</sup> No capítulo “Folheto XII – O Reino da Poesia” (pp. 94-103) o narrador transcreve alguns romances, cantigas e cordéis da tradição oral, declamado pelos personagens. Identificam-se fragmentos da “Bela Infanta” (“Vuelta del Marido” - IGR 0113) e de “Perseguição de Búcar pelo Cid” (“El moro que reta a Valencia” - IGR 0045)

No caso particular do Brasil, talvez uma das expressões mais próximas do Romanceiro Ibérico seja a Literatura de Cordel. É possível que essa proximidade esteja mais consolidada na mentalidade de investigadores e da população do que na história e na realidade.

No entanto, essa confusão não deixa de ser compreensível, visto que ambos gêneros literários apresentam forte aproximação no que respeita à sua natureza e, conseqüentemente, partilham elementos comuns, nomeadamente a sua vivência popular e conseqüente apropriação patrimonial. Do ponto de vista formal, conforme Carolina Veloso Costa (2014, p. 69) “a literatura de cordel nordestina contém mais afinidade com os romances orais do que com os cordéis lusitanos, devido à característica poética presente nos dois gêneros”.

A versão brasileira da Literatura de Cordel se assemelha com o Romanceiro não só na forma poética, mas também no ritmo e na melodia. Essas características servem-nos como evidência para indicar uma genética da oralidade, antes das versões impressas, já que a musicalidade e a rima são comumente utilizadas como ferramentas mnemônicas.

As primeiras manifestações literárias de cordel no Brasil ocorreram oralmente, somente no século XIX os cordéis foram editados e publicados em folhetos. Segundo Márcia Abreu, o primeiro cordel impresso data de 1893 e foi escrito pelo autor Leandro G. Barros, esses primeiros poetas costumavam anotar seus poemas em tiras de papel ou em cadernos, sem a intenção de publicá-los. (COSTA, 2014, p.75)

As semelhanças formais, entretanto, acabam por aí. A extensão dos Romances é indeterminada, ao passo que o Cordel não pode ter mais do que 32 páginas. É provável, contudo, que a diferença mais marcante resida no conteúdo temático, formal e poético dessas obras, uma vez que, ao longo dos anos o Cordel foi se adaptando e se renovando, apresentando temas contemporâneos e jocosos, próximos do povo que o consumia, adaptando-se à própria realidade e à fisionomia da região.

Fatores de formação social contribuíram para isso: a organização da sociedade patriarcal; o surgimento de manifestações messiânicas; o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos; as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais; as lutas de famílias que deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumento do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular. (COSTA, 2014, pp. 74-75)

Ao contrário dessa tendência observada na literatura de cordel, os romances possuem uma origem bastante mais recuada e preservam seus próprios traços poéticos tradicionais nas poesias narradas.

#### **2.4. ESTUDOS SOBRE O ROMANCEIRO NO BRASIL**

No que diz respeito às pesquisas na tradição oral moderna e às publicações de coletâneas de romances, após os passos pioneiros de Almeida Garrett (1799-1854) em Portugal, estas não demoraram a atravessar o Atlântico e a aportar no Brasil. Costa Fontes apresenta o registro de um manuscrito intitulado “Romanceiro Tradicional do Brasil”, atribuído a Inácio Raposo ainda em 1853.

Como o manuscrito de Inácio Raposo permaneceu inédito, é a Celso de Magalhães que cabe a honra de iniciar o estudo do romanceiro no Brasil, ao editar os primeiros romances daquele país em 1873 (COSTA FONTES, 1994, p. 221)

Essa obra de Celso Magalhães aqui citada apresenta uma série de artigos que contém inúmeros romances de tradição oral, transcritos sob o título *A Poesia Popular Brasileira*, recolhidos entre os estados de Pernambuco, da Bahia e do Maranhão. Esta será seguida por uma quantidade considerável de recolhas e de publicações em todo o território nacional, o que

contribui, ao mesmo tempo, para a constatação de uma sensível predominância nos estados que compõem a região Nordeste, que é tradicionalmente rica em tradições folclóricas e em manifestações da cultura popular, em geral.

Sílvio Romero e, posteriormente, Câmara Cascudo também recolheram romances, com o intuito de “tentar salvar, o mais cedo possível, as melodias dos romances e xácaras tradicionais, ainda hoje tão parcamente registradas” (LIMA, *apud* COSTA, 2014, p72).

Vale destacar a campanha de Sílvio Romero, que, destoando dos demais pesquisadores, utilizou-se dos estudos e das transcrições, menos para fins de investigação do folclore, mas mais para afirmar a identidade da cultura popular brasileira independente da portuguesa. Segundo ele “é evidente a origem portuguesa de alguns e a transformação mestiça de outros” (ROMERO, *apud* COSTA, 2014, pp.72-73).

Há registros de recolhas realizadas nas cinco macrorregiões do Brasil, cada uma com sua peculiaridade, contribuindo com diversas versões de um mesmo romance. Entretanto, é notável que em uma delas, na região Nordeste, há uma predominância tanto no que diz respeito à permanência e divulgação do Romanceiro no âmbito popular, quanto no que corresponde à investigação e estudos na esfera acadêmica<sup>14</sup>.

Constata-se que o termo ‘romance’ foi raras vezes mencionado pelos informantes brasileiros, sendo mais comuns termos como “xácaras”, “cantigas” ou até “estória de trancoso cantada ou simplesmente estória cantada” (LIMA, *apud* COSTA, 2014, p. 73) ou até “modinha ou toada, brinquedo de criança, acalanto, moda de viola, e mesmo como parte integrante de folguedos, como o Fandango (“Nau Catarineta”, “Xácara do Cego”) e o Bumba-meu-boi” (FREITAG, 1969, p. 371).

Sobre a origem do vocábulo, Menéndez Pidal afirma que “La palabra romance en su sentido primario significó ‘lengua vulgar’, a diferencia de latín, acepción que perdura hasta hoy” (MENÉNDEZ PIDAL, 1953, p. 3). Posteriormente, a partir dos séculos XIII e XIV, o termo passará a ser atribuído aos cantares de gesta, e posteriormente galgará as mais recentes definições dentro dos gêneros literários.

---

<sup>14</sup>Esse quesito quantitativo, entretanto, será apresentado mais detalhadamente nos próximos capítulos.

Partindo da origem etimológica, àquela em contraposição ao latim como língua culta e oficial, Costa (2014) tenta traçar um paralelo à relação contemporânea da população com esta expressão.

O que não fosse latim era romance (rimance), portanto, pertencia à população iletrada e até hoje essa relação “romances e analfabetos” é feita, visto que, os romances costumam ser encontrados em comunidades menos favorecidas da sociedade. De acordo com Antônio Lopes, Celso Magalhães ao constatar a presença de romance no Nordeste brasileiro disse que essa “tradição foi esquecida pelas chamadas classes cultas, refugiando-se no meio do povo” (COSTA, 2014, pp. 71)

É importante notar que um dos sentidos etimológicos possíveis para o termo ‘romance’ está ligado à cultura e à expressão de uma população marginal e associada aos analfabetos, a partir da leitura da investigadora brasileira.

Se por um lado, vale ressaltar – mais uma vez- que historicamente, os romances transitaram com popularidade nas diversas esferas sociais (o que talvez faça essa idéia de relacionar o estado atual civilizacional de um povo com a etimologia um pouco forçosa ou até confusa), por outro nos permite, em algum nível, relacionar, não apenas com o Romanceiro Ibérico que sobrevive hoje, mas também com todas as expressões da tradição oral que se preservam e disseminam mais acentuadamente nas zonas do Brasil mais afastadas dos grandes centros urbanos, nos sertões e em cidadezinhas que apresentam, via de regra, baixos índices de educação regular e alfabetismo.

#### 2.4.1. ALGUMAS DAS CARACTERÍSTICAS DO ROMANCEIRO NO BRASIL

Algumas das características funcionais e musicais mais marcantes que o Romanceiro obteve em território brasileiro foram observadas por Anne Caufriez (2016), num artigo em

que compara os romances identificados no Nordeste do Brasil com os coletados no Nordeste de Portugal, em Trás-os-Montes (região que, juntamente com o Minho, Madeira e Açores, influenciou o Romanceiro brasileiro).

No entanto, pese a todas as consonâncias apontadas pela autora, uma primeira diferença que facilmente se identifica é referente à função social levantada a partir dos estudos da zona Nordeste transmontano português, nomeadamente ao que se conhece por “Cantigas de segada” (ceifa do trigo), entre as quais se encontram romances.

Nessa região, bem como em todo o país – e em toda a Península-, o Romanceiro desempenha uma função individual, como canção de berço, mas também registra uma funcionalidade no âmbito social e coletivo, como canção de trabalho – principalmente na ceifa, mas também em outras atividades agrícolas, sempre cantados à capela.

No Brasil, assume um papel de destaque, não em ambiente laboral, mas lúdico, mas coletiva, quase teatral e performático com apresentações em feiras e em festas locais, acompanhado por instrumentos como a viola ou rabeca.

Do ponto de vista musical, as melodias do Trás-os-Montes dividem-se em dois grandes protótipos: ornamentadas e silábicas (correspondendo as circunstâncias de interpretação). No N.E. do Brasil, o cantor incorpora ligeiras variações na melodia que trazem renovação e a afinação dos instrumentos é feita abaixo da do canto. Aqui o canto dos romances pode ser nasalizado, regulado pela respiração. (CAUFRIEZ, 2016, pp.99)

Vale salientar que, apesar de ter essa forte representatividade no Nordeste português apresentado por Caufriez, o Romanceiro em Portugal está longe de se circunscrever e restringir a música de trabalho, embora possamos identificar temas ou modelos que são específicos da cantiga de segada.

Outra exceção aos argumentos apresentados pela autora, se dá nos casos brasileiros em que grupos de folguedos e celebrações coletivas, nomeadamente nas ‘cheganças’ e ‘marujadas’, “refugiam fragmentos de romances” (ALVARENGA, 1982, pp. 307)

No quesito das temáticas dos Romances, as mudanças também são sensíveis. Ao passo que, em traços muito gerais, em Portugal se mantêm frequentes as narrativas que valorizam o

ciclo carolíngio e romances de origem baladística e temática novelesca, no Brasil nota-se a existência e a popularização de romances tipicamente nacionais, com referências a personalidades célebres – como o caso do cangaço e seu principal líder, Lampião; mas, principalmente, há romances inspirados em animais, muitos dos quais não marcam presença no *corpus* tradicional de influência ibérica.

Dentre as obras do ciclo de animais, o protagonismo está na figura do boi, já muito importante em diversas regiões do país e presente em distintas expressões da cultura popular, nomeadamente o “Boi Bumbá”, “Bumba Meu Boi” ou “Boi de Reis”. Apesar da temática de animais já ser recorrente no âmbito ibérico, como visto no esquema de Armistead e de Costa Fontes (W- Animais), apresentado no capítulo 4<sup>15</sup>, a tradição portuguesa só ostenta três temas representantes nas bibliografias consultadas e nenhum deles apresenta a figura do boi como protagonista, cingindo-se ao Gato, ao Lobo e ao Sapo (FERRÉ & CARINHAS, 2000, pp. 99).

Claro que há também diversos casos de permanências no Romanceiro brasileiro em comparação ao português. Os romances persistem quase integralmente no tema e no sentido, a despeito de algumas variações mais ou menos significativas ao nível do discurso, evidentemente. É possível, pois, fazer um pequeno rol dos romances citados por pesquisadores como os mais populares e divulgados no Brasil.

Um dos mais conhecidos é o de D. Jorge e Da. Juliana, do qual foram recolhidas quarenta e sete versões em nove Estados do Brasil. Quanto à época de origem desse romance, Menéndez Pidal em *Flor Nueva de Romances Viejos*, refere-se a uma versão da primeira metade do século XVI. (FREITAG, 1969, p. 371)

O romance de Dom Jorge e Dona Juliana (“Veneno de Moriana” – IGR 0172) é dado como um dos mais divulgados no Brasil por diversos pesquisadores. Este canta a narração de

---

<sup>15</sup> Mais precisamente no 4.3.3.1 ‘Divisão temática proposta por Samuel Armistead’.

uma donzela, Juliana, à mãe, justificando a sua tristeza, porque D. Jorge, a quem ela ama, vai se casar com outra mulher.

Além deste, os mais frequentemente apontados pela sua popularidade são o de “Santa Helena” ou “Santa Iria” (IGR 0173) e o do “Cego raptor” (IGR 0189). “O primeiro refere-se à "estória" de Santa Iria, em Portugal, e à de Santa Helena, na Espanha, ambas martirizadas e degoladas, em Tomar e Soris” (FREITAG, 1969, p. 374).

O “Romanceiro ou Xácara do Cego”, ou do “Cego Raptor” (IGR 0189), narra a passagem de um nobre que sequestra a menina Ana, ao se disfarçar de cego pedinte. “Assim, através do romance como fato folclórico incorporado à cultura brasileira, temos a lembrança de momentos medievais, transportados para a música e a poesia do povo” (FREITAG, 1969, p. 374).

### **3. A BIBLIOGRAFIA**

### 3.1. METODOLOGIA

Entrando finalmente no cerne do problema teórico proposto para esse trabalho, foi desenvolvido neste capítulo o rastreio mais completo quanto possível das publicações em que constam pelo menos alguma versão de romance recolhida no Brasil.

Para tal, foram utilizadas como fontes primárias algumas das mais importantes bibliografias gerais já editadas sobre o Romanceiro, neste caso específico a *Bibliografia del romancero oral* de Antonio Sánchez Romeralo, Samuel G. Armistead e Suzanne H. Petersen, publicada em 1980 e “O Romanceiro Brasileiro: Pequeno Catálogo”, de Manuel da Costa Fontes, este publicado em 1994 (ver, na lista bibliográfica final da dissertação, as referências bibliográficas completas destes trabalhos). Na compilação que aqui propomos, essas fontes serão indicadas com A e B, respectivamente.

Haverá também algumas obras indicadas com a fonte C representando esses livros e artigos – via de regra mais recentes- encontrados nas pesquisas de levantamento das obras de interesse por nossa iniciativa levadas a cabo e que não se encontram registradas nas bibliografias de referência.

Após rastrear as bibliografias, o passo seguinte foi o de identificar buscar e acessar as obras listadas. O conteúdo estava disperso em bibliotecas públicas, privadas e de universidades, além de fundações e instituições de pesquisa. Nomeadamente, além das Bibliotecas da Universidade do Algarve (UAlg), foi consultada a Biblioteca Brasileira e a do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), ambos da Universidade de São Paulo (USP), e o acervo digital da Fundação Menéndez Pidal, de Madrid.

Este levantamento permitiu inventariar uma lista de 214 obras que editam versões de romances recolhidas da tradição oral brasileira<sup>16</sup>.

Evidentemente, uma parte das obras não foi acessada por motivos diversos, dos quais destaco dois: o primeiro assenta na raridade de algumas dessas obras, e o segundo é de ordem técnica, que envolve tanto alguma restrição advinda de direitos autorais, como também limitações temporais e geográficas (com a dificuldade de consultar alguns acervos físicos em

---

<sup>16</sup> A lista está disposta integralmente no item 3.2 deste capítulo.

Portugal, Brasil e Espanha). Esses casos serão especificados no capítulo seguinte, dedicado ao levantamento bibliográfico bem como aos dados e estatísticas atinentes a eles.

A bibliografia foi organizada a fim de auxiliar não apenas os passos seguintes de análise de dados e de uma criação da base de dados digital, bem como de facilitar também possíveis consultas de investigadores e do público geral interessados no assunto. Para isso, organizamos primeiramente as informações numa tabela, que dispõe a informação de acordo com as seguintes colunas: Número; Fonte; Citação Bibliográfica; Editor; Obra; Ano de publicação; e Páginas.

A primeira coluna é simplesmente uma listagem ordinal respeitando a ordem alfabética para controle interno. A Fonte, como já explicado, instrui de qual bibliografia original foi recolhida a referência. Editor, Obra, Ano, e Páginas são informações básicas, mas muito pertinentes de qualquer levantamento bibliográfico.

Resta apenas justificar, finalmente, a elaboração e inclusão de um sistema de siglas bibliográficas.

Este processo segue o modelo da *Bibliografia do Romanceiro Português* da autoria de Pere Ferré e Cristina Carinhas. Trata-se de uma referência importante para simplificar o sistema de identificação da informação bibliográfica e o cruzamento futuro entre a informação bibliográfica e o acesso às versões, tendo em vista a integração do Arquivo do Romanceiro do Brasil na plataforma Romanceiro.pt. A uniformização do sistema de siglas, em consonância com as utilizadas no Arquivo do Romanceiro Português obedece, como facilmente se percebe, à necessidade de homogeneizar a informação (os metadados – dados sobre dados) de cada versão de romance a arquivar, em termos da base de dados a criar, a fim de contribuir, como passo inicial, para a ambição maior deste projeto, que é a constituição futura deste arquivo.

### 3.2. BIBLIOGRAFIA DO ROMANCEIRO IBÉRICO NO BRASIL

De seguida, apresento os resultados preliminares do levantamento bibliográfico, de acordo com os parâmetros descritos anteriormente.

	Fonte	Citação Bibliográfica	Editor	Obra	Ano de Edição	Páginas
1	B	Alcázar (1910)	Alcázar, Ignacio del	Colección de cantos populares, Madrid: Antonio Aleu	1910	
2	B	Alcorofado/ Albán (1988)	Alcorofado, Doralice Fernandes Xavier, e María del Rosario Suárez Albán	"O Romanceiro Baiano", Introd. De Idelette Muzart Ferreira dos Santos, Estudos Linguísticos e Literários (Salvador), nº7 Out. 1988	1988	47-130
3	B	Alcorofado/ Albán (1988)	Alcorofado, Doralice Fernandes Xavier, e María del Rosario Suárez Albán	"O Romanceiro Galego", Estudos Linguísticos e Literários (Salvador), nº7 Out. 1988	1988	131-46
4	C	Alcorofado/ Albán (1996)	Alcorofado, Doralice Fernandes Xavier, e María del Rosario Suárez Albán (org.)	Romanceiro Ibérico na Bahia. Salvador: Livraria Universitária	1996	280pp
5	A	Alencar Pimentel (1978)	Alencar Pimentel, Altimar	Barca da Paraíba. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro	1978	71pp
6	A	Almeida (1957)	Almeida, Renato	Inteligência do Folclore. Rio de Janeiro: Livros de Portugal	1957	310pp
7	A/ B	Alvarenga (1946)	Alvarenga, Oneyda	Melodias registradas por meios não-mecânicos. Vol I. São Paulo: Arquivo Folclórico da Discoteca Pública Municipal	1946	481pp
8	A	Alvarenga (1947)	Alvarenga, Oneyda	Música popular brasileira. México, DF-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica	1947	273pp

9	A	Alvarenga (1950)	Alvarenga, Oneyda	Música popular brasileira, Porto Alegre: Editora Globo	1950	335pp + 51 plates
10		Alvarenga (1982)	Alvarenga, Oneyda	Música popular brasileira, 2ed. São Paulo: Duas Cidades (O Baile das quatro artes)	1982	
11	B	Amades (1951)	Amades, Juan	Folklore de Catalunya. Cançoner (Cançons-refranys- edevinalles, Barcelona: Editorial Selecta	1951	
12	A	Amaral (1948)	Amaral, Amadeu	Tradições populares. São Paulo: Instituto Progresso Editorial	1948(?)	xliv+ 418pp
13	B	Anahory-Librowicz (1988)	Anahory-Librowicz, Oro	Cancionero Sephardí du Quebec, 1, Montréal: Fonds FCAR, Collège du Vieux Montréal	1988	
14	A	Andrade (1941)	Andrade, Mario de	"A Nau Catarineta", RAMSP, 73	1941	61-67
15	A	Andrade (1946)	Andrade, Mario de	"As danças dramáticas do Brasil". BLAM,	1946	49-97
16	B	Anônimo (1946)	Anónimo	"Cuentos enlazados", Revista de Dialectología y Tradiciones Populares 2	1946	199-310
17	A	Anônimo (1968)	Anonymous	"Nau Catarineta". Folclore: Órgão da Comissão Espírito-Santense de Folclore, 19:85	1968	4
18	B	Armistead/Silverman (1971)	Armistead, Samuel G., e Joseph H. Silverman, com a colab. De Biljana Sliivic Simsic,	Judeo-Spanish Ballads from Bosnia, University of Pennsylvania Press Publications in Folklore and Folklife, Philadelphia: University of Pennsylvania Press	1971	
19	A	Armistead (1976)	Armistead, Samuel G.	"The Portuguese Romanceiro in its European Context." In Portuguese and Brazilian Oral Traditions in verse form/ As tradições orais Portuguesas e Brasileiras em Verso. Eds. Joanne B. Purcell, Samuel G. Armistead, Eduardo Mayone Dias and Joanne E. March. Los Angeles: Univ. of Southern California	1976	pp 178-200

20	B	Armistead/ Silverman (1978)	Armistead, Samuel G., com a colab. De Selma Margatten, Paloma Montero, e Ana Valenciano, com transc. Musicais editadas por Israel J. Katz	El romancero judeo-español en el Archivo Menéndez Pidal (Catalálogo-índice de romances y canciones), 3 vols., Madrid: CSMP,	1978	
21	A/ B	Armistead/ Silverman (1978)	Armistead, Samuel G. and Silverman, Joseph H.	"Uma canção popular francesa na tradição brasileira: A Filha do Rei da Espanha". <i>Ciência e Trópico</i> , 6:2	1978	322-336
22	A	Armistead (1979b)	Armistead, Samuel G.	"Romanceiro studies (1977-1979)." <i>La Crónica</i> , 8:1	1979	57-66
23	A	Armistead (1979a)	Armistead, Samuel G.	"Recent Field Work on the Hispanic Balad in Oral Tradition." In <i>El Romancero hoy: Nuevas fronteras</i> , 2º Coloquio internacional, University of California, Davis. Eds. Antonio Sánchez Romeraldo, Diego Catalán and Samuel G. Armistead. Madrid: CSMP- Univ. of California-Gredos	1979	53-60
24	A/ B	Armistead (1979)	Armistead, Samuel G.	"A Critical Bibliography of the Hispanic Ballad in Oral Tradition (1971-1979)." In <i>El Romancero hoy: Historia, Comparatismo, Bibliografía crítica</i> , 2º Coloquio internacional, University of California, Davis. Eds. Antonio Sánchez Romeraldo, Diego Catalán and Samuel G. Armistead. Madrid: CSMP- Univ. of California-Gredos	1979	199-300
25	A	Armistead/ Sánchez Romeraldo/ Catalán (1979)	Armistead, Samuel G.; Sánchez Romeraldo, Antonio, and Catalán, Diego. With the collab of Jesús Antonio Cid, Faye Le Claire,	<i>El Romancero hoy: História, comparatismo, bibliografía crítica</i> , 2º Coloquio internacional, University of California, Davis. Madrid: CSMP- Univ.	1979	351pp

		Soledad Martínez de Pinillos, Margarita Pazmany, Flor Salazar and Ana Valenciano.		of California-Gredos		
26	B	Armistead/ Sánchez Romeraldo/ Catalán (1979a)	Armistead, Samuel G.; Sánchez Romeralo, Antonio; e Catalán, Diego orgs.,	The Hispanic Ballad Today: History. Comparativism, Critical Bibliography, 2nd International Symposium, University of California, Davis, Madrd: CMSP- University of California- Gredos	1979	
27	A	Armistead/ Sánchez Romeraldo/ Catalán (1980)	Armistead, Samuel G.; Sánchez Romeraldo, Antonio, and Catalán, Diego.	"International Cooperative Research on the Hispanic Ballad." La Crónica, 8:2	1980	180-182
28	B	Armistead (1981)	Armistead, Samuel G.	"Hispanic Folk Literature Among the Isleños", perspectives on Ethnicity in New Orleans, org. John Cooke e Mackie J. -. Blanton, New Orleans: University of New Orleans	1981	21-31
29	B	Armistead (1991)	Armistead, Samuel G.	"Bibliografía crítica del romancero (1984)", Actas del Congreso Romancero-Cancionero UCLA (1984), org. Enrique Rodríguez Cepeda e Samuel G. Armistead, 2 vols, Madrid: José Porrúa Turanzas, 1991, II	1991	447-530
30	B	Armistead (s/ano)	Armistead, Samuel G.	"Bibliografía del romancero (1985-1987)", Pedro M. Piñero et al., orgs., El Romancero: Tradición y pervivencia a fines del siglo XX,	s/ ano	749-89
31	B	Armistead (s/ano a)	Armistead, Samuel G.	"Bibliografía crítica del romancero (1979-1983)". No prelo.	s/ ano	
32	B	Armistead/ Fontes (s/ ano)	Armistead, Samuel G., e Fontes, Manuel da Costa, orgs.,	Cancionero Tradicional de Trás-os-Montes, textos recolhidos por Samuel G. Armistead, Israel J. Katz, Zília Osório de Castro, e Candance Slater	s/ ano	

				(manuscrito).		
33	B	Armistead (s/ano b)	Armistead, Samuel G.,	"Antologia de Romances raríssimos", CMP, III,	s/ ano	006/1956
34	A	Avalle-Arce (1966)	Avalle-Arce, Juan Bautista	"Bernal Francés y su romance." AEM,3	1966	327-391
35	A	Avalle-Arce (1977)	Avalle-Arce, Juan Bautista	"Bernal Francés y su romance." In Temas hispanicos medievales. Madrid: Gredos	1977	135-232
36	B	Azevedo (1880)	Azevedo, Álvaro Rodrigues de,	Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: "Voz do Povo	1980	
37	B	Barros/ Dannemann (1970)	Barros, Raquel, e Manuel Dannemann,	El romancero chileno, [Santiago de Chile]: Universidad de Chile,	1970	
38	A/ B	Barroso (1949)	Barroso, Gustavo	Ao Som da Viola. Folclore. 2d ed. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional	1949 [1st ed. 1921]	595pp
39	B	Becco (1960)	Becco, Horacio Jorge,	Cancionero tradicional argentino, Buenos Aires: Librería Hachette	1960	
40	B	Bénichou (1958)	Bénichou, Paul,	Romancero judeo-español de Marruecos, Madrid: Castalia	1958	
41	A/ B	Bénichou (1968)	Bénichou, Paul.	Creación poética en el romancero tradicional. Madrid: Gredos	1968	190pp
42	A	Bénichou (1975)	Bénichou, Paul.	"El romance de la muerte del príncipe de Portugal em la tradición moderna." NRFH 24	1975	113-124
43	A	Benmayor (1975)	Benmayor, Rina	"Current Work on the Romancero viejo tradicional: Modern Oral Tradition." La Corónica, 4:1	1975	49-54
44	B	Beutler (1977)	Beutler, Gisela	Estudios sobre el romancero español em Colombia en su tradición escrita y oral desde la época de la conquista hasta la actualidad, Bogotá: Instituto Caro y Cuervo	1977	
45	A	Boiteux (1944)	Boiteux, Lucas A[lexandre].	"Poranduba Catarinense." RIHGB, 784	1944	p1-92
46	A/ B	Boiteux (1957)	Boiteux, Lucas Alexandre.	Poranduba Catarinense. Florianópolis: Comissão Catarinense de Folclore	1957	197p
47	B	Braga (1867)	Braga, Teófilo	Romanceiro Geral	1867	

				Coligido da Tradição, Coimbra: Imprensa da Universidade,		
48	A	Braga (1905)	Braga, Theóphilo.	Historia da poesia popular portuguesa. 3d ed. 2 vols. Lisboa: Manuel Gomes, 1902-1905, xv+480 [vi] + 569 pp. Berkeley. UW	1902-1905	xv+480 [vi] + 569 pp.
49	B	Braga (1911) e Braga (1913)	Braga, Teófilo	Cancioneiro Popular Português, 2ª ed., 2 vols., Lisboa: J.A. Rodrigues, 1911-13	1911-13	
50	B	Braga (1982)	Braga, Teófilo	Romanceiro Geral Português, 2ª ed., 3 vols., Lisboa: Manuel Gomes, 1906, 1907; J. A. Rodrigues, 1909; reed. Em fac-símile, com introd. De Pere Ferré, Lisboa: Veja, 1982 (1.º vol.; os outros dois não tem data).	1982	
51	B	Braga (1982a)	Braga, Teófilo	Cantos Populares do Arquipélago Açoriano, Porto: Livraria Nacional, 1864; reed. Em fac-símile, com Pref. De José de Almeida Pavão Jr., Ponta Delgada: Universidade dos Açores,	1982	
52	A	Brandão, A. (1971)	Brandão, Adelino.	“Influências Árabes na Cultura Popular e Folclore do Brasil.” RBFo, 11	1971	65-84
53	A	Brandão, T (1949)	Brandão, Théo.	Folclore de Alagoas. Coleção Autores Alagoanos. Vol.1, 2ª. Serie. Maceio-Alagoas: Casa Ramalho	1949	192pp
54	B	Cadilla de Martínez (1933)	Cadilla de Martínez, María	La poesía popular en Puerto Rico, Madrid: Universidad de Madrid	1933	
55	B	Campa (1946)	Campa, Arthur León	The Spanish Folksong in the Southwest ("Universit of New Mexico Bulletin, Modern Language Series, vol. 4.1), Albuquerque: University of New Mexico Press, 1933;	1933	67 pp.

				reimp. Em HFSAC,		
56	B	Campa (1933)	Campa, Arthur León	Spanish Folk Poetry in New Mexico, Albuquerque: University of New Mexico Press, 1946; reimp. Em HFSAC, 224 pp.	1946	224 pp.
57	B	Carré (1959)	Carré Alvarelos, Lois	Romancero popular galego de tradición oral, Porto: Junta de Província do Douro Litoral, 1959.	1959	
58	A	Carvalho (1903)	Carvalho, [José] Rodrigues de.	Cancioneiro do Norte. Fortaleza: Militão Bivar,	1903	207pp
59	A	Carvalho (1928)	Carvalho, José Rodrigues de.	Cancioneiro do Norte. 2d ed. Paraíba do Norte: Livraria São Paulo,	1928	xv + 422pp
60	A/ B	Carvalho (1967)	Carvalho, José Rodrigues de.	Cancioneiro do Norte. 3d ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro	1967	416 pp
61	A	Carvalho-Neto (197?)	Carvalho-Neto, Paulo de.	Folclore Sergipano (Sistemática sintética e antologia). Porto: Museu de Etnografia e História	[197?]	viii + 128 pp
62	A/ B	Cascudo (1939)	Cascudo, Luís da Câmara.	Vaqueiros e cantadores: Folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Pôrto Alegre: Livraria do Globo	1939	274pp
63	C	Cascudo (2000)	Cascudo, Luís da Câmara.	Vaqueiros e cantadores: Folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Rio de Janeiro: Ediouro	2000	392pp
64	A/ B	Cascudo (1952)	Cascudo, Luís da Câmara.	História da literatura brasileira. Vol. VI. Literatura oral. Rio de Janeiro: José Olympio	1952	466pp
65	A	Cascudo (1952a)	Cascudo, Luís da Câmara.	Literatura oral. Vol. VI of História da Literatura Brasileira. Ed. Alvaro Lins. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora	1952	466pp
66	A/ B	Cascudo (1960)	Cascudo, Luís da Câmara.	"Romanceiro: No Brasil." In Dicionário das Literaturas	1960	pp 715-716

67	A	Cascudo (1962)	Cascudo, Luís da Câmara.	Portuguesa, Galega e Brasileira. Ed. Jacinto do Prado Coelho. Porto: Livraria Figueirinhas "Romance." In Dicionário do folclore brasileiro. 2d ed. 2 vols. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro	1962	pp. 665-666
68	B	Catalán (1969)	Catalán, Diego, com a colab. De María de Jeús López de Vergara, Mercedes Morales, Aracelli González, María Victorina, e Ana Valenciano,	La flor de la marañuela: Romancero general de las Islas Canarias, 2 vols., Madrid: CSMP-Gredos,	1969	
69	A	Catalán (1969a), Catalán (1970), Catalán (1971)	Catalán, Diego, ed. with the collab. of María Soledad de Andrés, Francisco Bustos, María Josefa Canellada, José Caso, Paloma Montero and Ana Valenciano.	Romances de tema odiseico. Romancero tradicional de las lenguas hispánicas (Español – portugués – catalán–sefardi). Colección de textos y notas de María Goyri y Ramón Menéndez Pidal. Vol. III, IV, V. Madrid: CSMP-Gredos,	1969, 1970, 1971	1969, 1970, 1971, 208; 283
70	A	Catalán (1970a)	Catalán, Diego	Por campos del Romancero: Estudios sobre la tradición moderna. Madrid: Gredos	1970	310pp
71	A	Catalán (1970-71)	Catalán, Diego	"Memoria e invención en el Romancero de tradición oral." RPh, 24	1970-71	1-25, 441-463.
72	A	Catalán (1972)	Catalán, Diego	"La creación tradicional en la crítica reciente." In El Romancero en la tradición oral moderna: I Colóquio internacional. Eds. Diego Catalán, Samuel G. Armistead and Antonio Sánchez Romeraldo. Madrid: CSMP- Univ. de Madrid	1972	153-165
73	A/ B	Catalán/ Armistead/ Sánchez Romeraldo (1972)	Catalán, Diego; Armistead, Samuel G., and Sánchez Romeraldo, Antonio, eds	El Romancero en la tradición oral moderna: I Colóquio internacional. Madrid: CSMP- Univ. de	1972	372 pp

Madrid						
74	A	Catalán (1974)	Catalán, Diego	"A Criação poética no Romanceiro oral moderno: Novos Métodos de Estudo." RBFo, 13:38	1974	31-39
75	A	Catalán/Cid (1976)	Catalán, Diego and Cid, Jesús Antonio, eds. With the collab. Of Robert Nelson, Francisco Romero, Margarita Pazmany, Ana Valenciano and Paloma Montero. Musical transcriptions edited by Antonio Carreira.	Gerineldo: El paje y la infanta. 3 vols. Romancero tradicional de las lenguas hispánicas (Español - portugués- catalán-sefardí). Colección de textos y notas de María Goyri y y Ramón Menéndez Pidal. Vols. VI, VII, VIII. Madrid: CSMP- Gredos	1975-76	254; 266; 454 pp
76	A	Catalán (1976a)	Catalán, Diego	"El Romancero lusobrasileiro y la Cátedra Menéndez Pidal." In Portuguese and Brazilian Oral Traditions in Verse Form/ As Tradições Oraís Portuguesas e Brasileiras em Verso. Eds. Joanne B. Purcell, Samuel G. Armistead, Eduardo Mayone Dias and Joanne E. March. Los Angeles: Univ. of Souththern California	1976	168-177
77	A	Catalán/ Armistead/ Sánchez Romeralo (1979)	Catalán, Diego; Armistead, Samuel G., and Sánchez Romeralo, Antonio. With he collab. Of Jesús Antonio Cid, Beatriz Mariscal de Rhett, Soledad Martínez de Pinillos, Margarita Pazmany, Suzanne Petersen, Flor Salazar, Madeline Sutherland and Ana Valenciano.	El Romancero hoy: Poética, 2o Coloquio Internacional, University of California, Davis. Madrid: CSMP-Univ. of California-Gredos	1979	404pp
78	B	Catalán/Cid (1982-88)	Catalán, Diego, J. Antonio Cid, Beatriz Mariscal, Flor Salazar, Ana Valeniano, e Sandra Robertson,	CGR: Catálogo general del romancero. El romancero pan-hispánico: Catálogo general descriptivo, 4 vols., Madrid: SMP,	1982-88	
79	B	Catalán/ Campa	Catalán, Diego,	Romancero General de	1991	

		(1991)	Mariano de la Campa, et al.	León: Antología 1899-1989, 2 vols., Madrid: SMP - Disputación Provincial de León		
80	A	Chaves (1943)	Chaves, Luís	Romancero General de León: Antología 1899-1989, 2 vols., Madrid: SMP - Disputación Provincial de León	1943	81-157
81	B	Coelho (1873)	Coelho, Francisco Adolfo	"Romances galiciennes", Romania 2	1873	259-60
82	B	Cortés (1976)	Cortés, Carlos E. org.	Hispanic Folklore Studies of Arthur Campa, New York: Arno Press	1976	
83	B	Cossío/ Solano (1933-34)	Cossío, José María de, e Tomás Maza Solano	Romancero popular de La Montaña: Colección de romances tradicionales, 2 vols., Santander: Sociedad Menéndez y Pelayo	1933-34	
84	A/ B	Costa (1908)	Costa, Francisco Augusto Pereira	"Folk-lore pernambucano: Romancero." RIHB, 70 (1907), 295-641; sobretiro: Rio de Janeiro, Livraria J. Leite	1908	641pp
85	B	Cruz-Sáenz (1986)	Cruz-Sáenz, Michèle S. de,	Romancero tradicional de Costa Rica, pref. De Samuel G. Armistead, transc. Musicais de Christina D. Braidotti, Newark, Delaware: Juan de la Cuesta	1986	
86	B	Cuscoy (1943)	Cuscoy, Luis Diego	Tradiciones populares, 2: Folklore Infantil, La Laguna de Tenerife: CSIC, Instituto de Estudios Canarios en la Universidad de La Laguna	1943	
87	A	Débax (1978)	Débax, Michelle	<i>"Problèmes idéologiques dans le romancero traditionnel." In L'Idéologique dans le texte (textes hispaniques): Actes du 11ème Colloque du Séminaire d'Études Littéraires de l'Université de Toulouse- Le Mirail (Toulouse, février</i>	1978	141-163

				1978). [Toulouse]: Univ. de Toulouse- Le Mirail		
88	B	Débax (1982)	Débax, Michelle	Romancero, Madrid: Alhambra	1982	
89	B	Díaz (1981)	Díaz Roig, Mercedes	El Romancero viejo, Madrid: Cátedra,	1981	
90	B	Díaz/ González (1986)	Díaz Roig, Mercedes e Aurelio González	Romancero tradicional de México, México D.F.: UNAM	1986	
91	B	Di Stefano (1973)	Di Stefano, Giuseppe	El Romancero: Estudio, notas, y comentarios de texto (Madrid: Narcea,1973)	1973	
92	B	Echevarría Bravo (1951)	Echevarría Bravo, Pedro	Cancionero musical popular manchego, Madrid: CSIC	1951	
93	A	Fernandes, A (1938)	Fernandes, Albino (Aníbal) Gonçalves	O Folclore mágico do Nordeste: Usos, costumes, crenças de ofícios mágicos das populações nordestinas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira	1938	179 pp
94	A/ B	Fernandes, F (1947)	Fernandes, Florestan	"As 'trocinhas' do Bom Retiro: Contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis." RAMSP, 113(March- April 1947)	1947	7-124
95	B	Ferreira (1956)	Ferreira, Pe Manuel Juvenal Pita	O Natal na Madeira (Estudo Folclórico), Funchal: Edição da Junta do Distrito Autónomo,	1956	
96	A	Figueredo (1966)	Figueredo, José Alves de	Folguedos infantis caririenses. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará	1966	144 pp
97	B	Fontes (1982)	Fontes, Manuel da Costa,	"A Sephardic Vestige of the Ballad Floresvento", La Crónica 10	1982	196-201
98	B	Fontes (1990)	Fontes, Manuel da Costa,	"A Transmissão Oral e as Progressivas Modificações Éticas e Estéticas: O Caso de Vida de Freira", Atlântida 35	1990	17-54
99	B	Fontes (1983-84)	Fontes, Manuel da Costa,	"Barca Bela em the Portuguese Oral Tradition", Romance Philology	1983-84	282-92
100	B	Fontes (s/ ano)	Fontes, Manuel da	"Collecting Portuguese	s/ ano	149-74

101	B	Fontes (1978-79)	Costa, Fontes, Manuel da Costa,	Ballads", Hispanis Balladry Today, org. Ruth H. Webber "Lizarda: A Rare Vicentine Ballad in California", Romance Philology 32	1978-79	308-14
102	B	Fontes (s/ ano a)	Fontes, Manuel da Costa,	O Romanceiro Português: Índice Temático e Bibliográfico/ Portuguese and Brazilian Balladry: A Thematic and Bibliographic Index, Pref. De Samuel G. Armistead, Selecção e Org. das Transcrições Musicais por Israel J. Katz. Manuscrito	s/ ano	
103	B	Fontes (1975)	Fontes, Manuel da Costa,	"Portuguese Folktales from California", Dissertação de Doutoramento, Los Angeles: University of California	1975	
104	B	Fontes (1985)	Fontes, Manuel da Costa,	"The Ballad of Floresvento and Its Epic Antecedents", Kentucky Romance Quarterly 32	1985	309-19
105	B	Fontes (1979)	Fontes, Manuel da Costa,	"The Batalha de Lepanto in the Portuguese Oral Tradition", Hispanic Review 47	1979	487-503
106	B	Fontes (s/ ano b)	Fontes, Manuel da Costa,	"Vida de Freira en la tradición oral luso-brasileira", Estudios de folklore y literatura dedicados a Mercedes Díaz Roig, org. Beatriz Garza Cuarón e Yvette Jiménez de Báez	s/ ano	641-65
107	B	Fontes (1983a)	Fontes, Manuel da Costa,	Romanceiro da Ilha de S. Jorge, Prefácio de Samuel G. Armistead e Joseph H. Silverman, Transc. Musicais de Halim El-Dabh, Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra: Universidade, 1983: ed. Paralela em Fuentes para el Estudio	1983	

				del romancero: Serie Luso-Brasileira 2, Madrid: CSMP		
108	B	Fontes I (1987)	Fontes, Manuel da Costa,	Romanceiro da Província de Trás-os-Montes (Distrito de Bragança), Coligido com a colab. De Maria-João Câmara Fontes, Pref. De Samuel G. Armistead e Joseph H. Silverman, Transc. Musicais de Israel J. Katz, 2 vols., Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra: Universidade	1987	
109	C	Forneiro (s/ ano)	Forneiro, José Luís	Uma versão do Romance do Veneno de Moraina (Moriana): Do Brasil a Cotobade. Universidade de Santiago de Compostela	s/ ano	
110	A	Freitag (1969)	Freitag, Léa Vinocur	"Influencias ibéricas no folclore brasileiro." RH, 38:78	1969	353-382
111	B	Furt (s/ ano)	Furt, Jorge M.	Cancionero popular rioplatense. Lírica gauchesca, 2 vols., Buenos Aires: "Coni",	s/ ano	1923-25
112	B	Galhoz (1987)	Galhoz, Maria Aliete Dorez,	"Resenha sobre a Actividade Editorial em Portugal nos Últimos Anos", Revista Lusitana (Nova Série) n.º 8	1987	177-84
113	B	Galhoz (1987a), Galhoz (1988)	Galhoz, Maria Aliete Dorez,	Romancero Popular Português, 2 vols., Lisboa: INIC	1987-88	
114	A	Galvão (1928)	Galvão, Hélio	Cancioneiro do Norte. 2d ed. Paraíba do Norte	1928	sn
115	A	Galvão (1967)	Galvão, Hélio	Cancioneiro do Norte. 3d ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional del Livro	1967	sn
116	B	García Matos (1951-60)	García Matos, Manuel	Cancionero popular de la provincia de Madrid, 3 vols., org. Marius Schneider e José Romeu Figueiras (vols. I, II), Juan Tomás e José Romeu Figueiras (vol. III), Barcelona- Madrid: CSIC,	1951-60	
117	B	Garrett I (1843),	Garrett, João Baptista	Romanceiro, 3 vols.,	1963	

		Garrett II (1851), Garrett (1851)	de Almeida	org. Fernando de Castro Pires de Lima, Lisboa: FNAT		
118	B	Garrido de Boggs (1946)	Garrido de Boggs, Edna	Versiones dominicanas de romances españoles, Ciudad Trujillo, República Dominicana: Pol Hermanos	1946	
119	B	Garza Cuarón/ Báez (1992)	Garza Cuarón, Beatriz, e Yvette Jiménez de Báez, orgs.	Estudios de folklore y literatura dedicados a Mercedes Díaz Roig, Estudios de Linguística y Literatura 20, México, D.F.: El Colegio de México	1992	
120	B	Gil García (1944)	Gil García, Bonifacio,	Romances populares de Extremadura recogidos de la tradición oral, Badajoz: Disputación Provincial	1944	
121	B	Gil García (1961-56)	Gil García, Bonifacio,	Cancionero popular de Extremadura, 2 vols., vol. I, 2ª ed.:Badajos: Disputación, 1961; vol: Badajoz: Disputación, 1956	1961/195 6	
122	B	Giner Bauçã (1966-75)	Giner Bauçã, Rafel	Cançoner popular de Mallorca, 4 vols., Introd. De Francesc de B. Moll, Palma de Mallorca: Editorial Moll,	1966-75	
123	A	Henius (1946)	Henius, Frank	Canciones y juegos de los niños de América. Buenos Aires: Ed. Americalee	1946	79 pp
124	B	Kundert (1962)	Kundert, Hans	"Romancerillo sanabrés", Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, XVIII	1962	37-124
125	A	Lima, A (1949)	Lima, Augusto César Pires de	"Os romances tradicionais em Portugal e no Brasil (nótula)." Brasília, 4	1949	158-161
126	A	Lima, F (1952)	Lima, Fernando de Castro Pires de	"A Condessa de Aragão." BTCCF, 11 (1952), offprint	1952	11 pp
127	A/ B	Lima, J (1977)	Lima, Jackson da Silva	O Folclore em Sergipe. 1. Romanceiro. Rio de Janeiro-Brasília: Livraria Editora Cátedra-Instituto Nacional do Livro	1977	596 pp

128	A	Lima, R. (1959)	Lima, Rossini Tavares de	"Acheegas ao estudo do Romanceiro no Brasil." RAMSP, 162	1959	pp 7-50
129	A/B	Lima, R. (1971)	Lima, Rossini Tavares de	Romanceiro Folclórico do Brasil. São Paulo-Rio de Janeiro: Irmãos Vitale	1971	112 pp
130	A/B	Lopes (1967)	Lopes, Antônio	Presença do Romanceiro: Versões Maranhenses. Rio de Janeiro: Editôra Civilização Brasileira	1967	[x] + 267 pp
131	A	Machado (1968-69)	Machado, Cristina de Miranda Mata	"Contribuição aos Estudos das Rodas Infantis em Minas." RUFMG, 18 (Dec. 1968-1969)	1968-69	225-244
132	B	Maciñeiro Pardo de Lama (1971)	Maciñeiro Pardo de Lama, Federico	"Literatura popular das terras da Capelada e da Faladora". Cuaderno de Estudios Gallegos 26	1971	95-116
133	A	Magalhães (1966)	Magalhães, Celso da Cunha	A poesia popular brasileira. Maranhão: Departamento de Cultura do Estado	1966	95 pp
134	A/B	Magalhães (1973)	Magalhães, Celso da Cunha	A poesia popular brasileira. Ed. Bráulio do Nascimento. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, "Coleção Rodolfo Garcia," Divisão de Publicações e Divulgação	1973	113 pp
135	B	Marques (1988-92)	Marques, José Joaquim Dias	Nota Sobre o Início da Recolha do Romanceiro da Tradição Oral Moderna", Boletim de Filologia 32	1988-92	71-82
136	A	Martínez-Yanes (1976)	Martínez-Yanes, Francisco	El romance de "La Blancaniña": Estudio comparativo de sus variantes. Ph. D. diss. Univ. of Pennsylvania, Philadelphia 1976, xlv + 271 pp.; DAÍ, 37 (1977), 4401A.	1976	xlv + 271 pp
137	A	Martínez-Yanes (1979)	Martínez-Yanes, Francisco	"Los desenlaces en el romance de la Blancaniña: Tradición y originalidad." In El Romancero hoy: Poética, 2o Coloquio internacional, University of	1979	pp. 132-154

				California, Davis. Eds Diego Catalán, Samuel G. Armistead, and Antonio Sánchez-Romeralo. Madrid: CSMP- Univ. of California- Gredos,		
138	A	Martins Lamas (1962)	Martins Lamas, Dulce	"Folclore Musical de Parati." RBFo, 2:2	1962	25-62
139	A	Meireles (1964)	Meireles, Cecília	"Uma antepassada da Donzela Guerreira." RBFo, 4:8-10	1964	53-57
140	A	Mello (1908)	Mello, Guilherme Theodoro Pereira de	A música no Brasil desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República, Bahia: Typ. De São Joaquim	1908	366+xxv pp
141	A	Mello (1947)	Mello, Guilherme Theodoro Pereira de	A música no Brasil desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República. 2d ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947, ii + [5] - 366 + xxv pp	1947	ii+[5] - 366+xxv pp
142	A	Melo, G (1967)	Melo, Gladstone Vieira	"O Romanceiro nordestino: Algumas informações." Brasil Açucareiro, 70:2 (August 1967), 27-37	1967	27-37
143	A	Melo, V (1977)	Melo, Veríssimo de	Folclore Brasileiro: Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro	1977	92 pp
144	A/B	Menéndez Pidal (1973)	Menéndez Pidal, Ramón	Cómo vivió y cómo vive el Romancero. Valencia: La Enciclopedia Hispánica, [1945], 87 pp. [Rpr. In Estudios sobre el Romancero. Obras Completas, XI. Madrid: Espasa-Calpe, 1973, pp. 403-462.]	1973	403-462
145	A	Menéndez Pidal (1953)	Menéndez Pidal, Ramón	Romancero hispánico (hispano-portugués, americano y sefardí). 2 vols. Madrid: Espasa-Calpe,	1953	xx+407; 474 pp
146	A	Menéndez Pidal (1957) Menéndez Pidal	Menéndez Pidal, Ramón, and Goyri [de Menéndez Pidal],	Romancero tradicional de las lenguas hispánicas (Español-	1957, 1963, 1970,	

		(1963) Menéndez Pidal (1970) Menéndez Pidal (1971-72) Menéndez Pidal (1975) Menéndez Pidal (1975a) Menéndez Pidal (1976) Menéndez Pidal (1977- 78) Menéndez Pidal (1977-78a)	María.	portugués- catalán- sefardí). (Colección de textos y notas de Maria Goyri y Ramón Menéndez Pidal.) Ed. Diego Catalán et al. 11 vols. Madrid: CSMP, I (ed. Rafael Lapesa, Diego Catalán, Álvaro Galmés, and José Caso): 1957, viii+277; II: 1963, vii+299; III: 1969, 207; IV: 1970, 285; V: 1971-1972, 305; VI: 1975, 254; VII: 1975, 266; VIII: 1976, 454; IX (ed. Antonio Sánchez Romeralo and Ana Valenciano): 1977, 403; X: 1977-1978, 258; XI: 1977-1978, 223 pp. [For more information crf. Lapesa, Rafael; Catalán, Diego; and Sancéz Romeralo, Antonio.]	1971-72, 1975, 1976, 1977-78	
147	B	Menéndez Pidal (1959)	Menéndez Pidal, Ramón	"A propósito del 'Romancero Português' de J. Leite de Vasconcellos", Actas III Coloquio Internacional de Estudos Luso- Brasileiros, 2 vols., Lisboa: Imprensa de Coimbra, 1959, I, 493- 99; reimp. Em VRP, I, xi-xxi.	1959	493-99
148	B	Menéndez Pidal (1928)	Menéndez Pidal, Ramón	"Catálogo del romancero judío- español", Cultura Española 4 (1906), 1045-77; 5 (1907); reimp. Em El romancero: Teorías e investigaciones, Madrid: Páez, 1928, pp. 184-229, e em Los romances de América y otros estudios, Colección Austral 55, 6ª ed., Madrid: Espasa- Calpe, 1958, pp. 114- 79.	1928	
149	B	Menéndez Pidal	Menéndez Pidal,	"Los romances	1958	13-46

		(1958)	Ramón	tradicionales em América", Cultura Española 1 (1906), 72-111; reimp. Em Los romances de América y otros estudios, Colección Austral 55, 6ª. Ed., Madrid: Espasa-Calpe, 1958, pp. 13-46		
150	B	Milá y Fontanals (1882)	Milá y Fontanals, Manuel	Romancerillo catalán: Canciones tradicionales, Barcelona: ÁlvaroVerdaguer	1882	
151	B	Milá y Fontanals (1893)	Milá y Fontanals, Manuel	"De la poesia popular gallega", Romania 6 (1877), 47-75; reimp. Em Obras completas, V: Opúsculos literarios, Segunda Série, Barcelona: Ávaro Verdaguer, 1893, pp. 363-99	1877/1893	363-99
152	B	Moya (1941)	Moya, Ismael	Romancero: Estudios sobremateriales de la colección de folklore, 2 vols., Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires	1941	
153	A	Nascimento (1964)	Nascimento, Braulio do	"Processos de variação do romance." RBFo, 4	1964	59-125
154	A	Nascimento (1966)	Nascimento, Braulio do	"As sequências temáticas no romance tradicional." RBFo, 6	1966	159-190
155	A/B	Nascimento (1971)	Nascimento, Braulio do	Bibliografia do folclore brasileiro. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional	1971	360 pp
156	A/B	Nascimento (1972)	Nascimento, Braulio do	"Pesquisa do Romancero Tradicional no Brasil." In El Romancero em la tradición oral moderna: ler coloquio internacional. Eds Diego Catalán, Samuel G. Armistead and Antonio Sánchez Romeralo. Madrid: CSMP- Univ. de Madrid,	1972	65-83
157	A/B	Nascimento (1972a)	Nascimento, Braulio do	"Eufemismo e criação poética no romancero tradicional." In El Romancero em la	1972	233-275

				tradição oral moderna: ler coloquio internacional. Eds Diego Catalán, Samuel G. Armistead and Antonio		
158	A	Nascimento (1972b)	Nascimento, Braulio do	"Romanceiro Folclórico do Brasil de Rossini Tavares de Lima." RBFo, 12	1972	251-260
159	A	Nascimento (1974)	Nascimento, Braulio do	Romanceiro Tradicional. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro	1974	[16] pp
160	A/ B	Nascimento (1979)	Nascimento, Braulio do	"Um romance tradicional entre índios do Amazonas, no século XIX." In El Romancero hoy: Nuevas fronteras, 2o Coloquio Internacional, University of California, Davis. Eds. Antonio Sánchez Romeralo, Diego Catalán and Samuel G. Armistead. Madrid: CSMP - Univ. of California-Gredos	1979	115-124
161	B	Nascimento (1982)	Nascimento, Bráulio do	"Conde Claros na Tradição Portuguesa", Quaderni Portoghesi 11-12	1982	139-87
162	C	Nascimento (1985)	Nascimento, Bráulio do	Romanceiro Capixaba de Guilherme Santos Neves. Ver. Cult. UFES, Vitória, Ano X, nº32	1985	43-50
163	B	Nascimento (1989)	Nascimento, Bráulio do	"Romanceiro Tradicional - Uma Poética da Comutação", Caderno de Textos 2. <sup>a</sup> Série n.º 1	1989	85-103
164	A	Neves (1949)	Neves, Guilherme Santos	Nau Catarineta: Contribuição ao estudo do folclore no Espírito Santo. Vitória: Of. Da Escola Técnica de Vitória	1949	25 pp
165	A	Neves (1950)	Neves, Guilherme Santos, and Costa, João Ribas da.	Cantigas de roda. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico de I.B.G.E.,	1950	52 pp
166	A	Neves (1954)	Neves, Guilherme	Alto está e alto mora...	1954	123pp

167	A/ B	Neves (1961)	Santos Neves, Guilherme Santos	(Notulas do folclore). Vitória: [no publisher], "Presença do romanceiro peninsular na tradição oral do Brasil." RBFo, 1:1	1961	44-62
168	A	Neves (1963?)	Neves, Guilherme Santos	"O romance da Barca Nova - Suas variantes no Brasil." In Actas do Congresso Internacional de Etnografia. Vol. VI: Colóquio sobre o conto popular. Porto: Câmara Municipal de Santo Tirso,	[1963?]	pp. 351- 362
169	A	Neves (1969)	Neves, Guilherme Santos	Nau Catarineta (Versões capixabas). Vitória, Espírito Santo: Cadernos de Etnografia e Folclore,	1969	24 pp
170	A	Neves (1978)	Neves, Guilherme Santos	Folclore brasileiro: Espírito Santo. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro	1978	89 pp
171	C	Neves (1982)	Neves, Guilherme Santos	Romanceiro Capixaba. Coleção de Estudos Capixabas Volume 5. Fundação Nacional de Arte Fundação Ceciliano Abel de Almeida	1982	199pp
172	B	Pelay Britz (1871) Pelay Britz (1874-77)	Pelay Briz, Francesch	Cansons de la terra. Cants populars catalans, 5 vols., I: Barcelona: Alvar Verdaguer, 1871; IV, V: Barcelona-Paris: Alvar Verdaguer- Maisonneuve, 1874-77	1871, 1874-77	
173	B	Petersen/ Cid/ Salazar/ Valenciano (1982)	Petersen, Suzanne H., J. Antonio Cid, Flor Salazar, y Ana Valenciano, com a colab. De Bárbara Fernandez e Concepción Veja	Voces nuevas del romancero castellano- leonés, AIER (Archivo Internacional Electrónico del Romancero) 1-2, dirigido por Diego Catalán, Madrid: SMP	1982	
174	B	Piñero/ Virtudes Atero/ Baltanás/ Ruiz (1989)	Piñero, Pedro M., Virtudes Atero, Enrique J. Rodriguez Baltanás, e María Jesús Ruiz, orgs.	El Romancero: Tradicón y pervivencia a fines del siglo XX. Actas del IV Coloquio Internacional del Romancero (Sevilla- Puerto de Santa María-	1989	

				Cádiz, 23-26 de junio de 1987), Sevilla-Cádiz: Fundación Machado- Universidad de Cádiz		
175	A	Pinto (1907)	Pinto, Alexina de Magalhães	Contribuição do folclore brasileiro para a biblioteca infantil. Rio de Janeiro: J. Ribeiro dos Santos,	1907	211 pp
176	B	Pinto-Correia (1984)	Pinto-Correia, João David	Romanceiro Tradicional Portugues, Lisboa: Comunicação	1984	
177	A	Purcell (1972)	Purcell, Joanne B	"Sobre o Romanceiro Português: Continental, Insular e Transatlântico. Uma Recolha Recente." In El Romancero em la tradición oral moderna. Eds Diego Catalán, Samuel G. Armistead and Antonio Sánchez Romeralo. Madrid: CSMP - Univ. de Madrid	1972	56-64
178	A	Purcell/ Armistead/ Mayone Dias/ March (1976)	Purcell, Joanne B.; Armistead, Samuel G.; Mayone Dias, Eduardo, and March, Joanne E., eds.	Portuguese and Brazilian Oral Traditions in Verse Form/ As Tradições Oraís Portuguesas e Brasileiras em Verso. Los Angeles: Univ. of Southern California,	1976	xi+202 pp
179	A	Purcell (1979)	Purcell, Joanne B	"Ballad Collecting Procedures in the Hispanic World." In El Romancero hoy: Nuevas fronteras, 2o Coloquio internacional, University of California, Davis. Eds Diego Antonio Sánchez Romeralo, Diego Catalán and Samuel G. Armistead. Madrid: CSMP - Univ. of California-Gredos	1979	61-73
180	A	Rechnitz (1978)	Rechnitz, Florette M.	"Hispano-Romanian Ballad Relationships: Acomparative Study with na Annotated Translation of Al. I. Amzulescu's 'Index of Romanian Ballads'."	1978	784 pp

				Ph.D. diss. Univ. of Pennsylvania, Philadelphia		
181	A	Rechnitz (1979)	Rechnitz, Florette M.	"Hispano-Romanian Ballad Correspondences." In <i>El Romancero hoy: Historia, Comparatismo, Bibliografía crítica</i> , 2o Coloquio internacional, University of California, Davis. Eds Diego Antonio Sánchez Romeralo, Diego Catalán and Samuel G. Armistead. Madrid: CSMP - Univ. of California-Gredos	1979	141-149
182	A	Ricard (1949)	Ricard, Robert	"Maures et Chrétiens' au Brésil." <i>Bhi</i> , 51	1949	334-338
183	A	Romero (1883)	Romero, Silvio	<i>Cantos Populares do Brazil</i> , acompanhados de introdução e notas comparativas por Theophilo Braga. 2 vols. Lisboa: Nova Livraria Internacional,	1883	xxxi+28 pp
184	A	Romero (1883a)	Romero, Silvio	<i>Cantos Populares do Brazil</i> , acompanhados de introdução e notas comparativas por Theophilo Braga. 2 vols (Volume 2). Lisboa: Nova Livraria Internacional,	1883	243 pp
185	A	Romero (1888)	Romero, Silvio	<i>Estudos sobre a Poesia popular do Brazil</i> . Rio de Janeiro: Laemmert & C.,	1888	365 pp
186	A	Romero (1897)	Romero, Silvio	<i>Cantos populares do Brazil</i> . 2d ed. Rio de Janeiro- São Paulo: Livraria Classica de Alves & C.,	1897	xx+378+ v pp
187	A/ B	Romero (1954)	Romero, Silvio	<i>Cantos populares do Brazil</i> . Ed. Luis da Câmara Cascudo. 2 vols. Coleção Documentos Brasileiros, 75 and 75-A. Rio de Janeiro: José Olympio	1954	385; vii+711 pp
188	A	Romero (1977)	Romero, Silvio	<i>Estudos sobre a Poesia</i>	1977	273 pp

				popular do Brasil. 2d ed. Petrópolis: Vozes-Governo do Estado de Sergipe Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro		
189	A	Salles (1971)	Salles, Vicente	"José Veríssimo e o Folclore." RBFo, 11	1971	85-102
190	B	Sampedro y Folgar/ Filgueira Valverde (1942)	Sampedro y Folgar, Castro, e José Filgueira Valverde	Cancionero musical de Galicia: Colección de la Sociedad Arqueológica de Pontevedra, 2 vols., Madrid: "El Museo de Pontevedra",	1942	
191	A/ B	Sánchez Romeralo/ Catalán/ Armistead (1979)	Sánchez Romeralo, Antonio; Catalán, Diego, and Armistead, Samuel G.	El Romancero hoy: Nuevas fronteras, 2o Coloquio internacional, University of California, Davis. Madrid: CSMP - Univ. of California-Gredos	1979	518 pp
192	A	Sánchez Romeralo (1979)	Sánchez Romeralo, Antonio	"El romanceiro oral ayer y hoy: breve historia de la recolección moderna (1782-1970)." In El Romancero hoy: Nuevas fronteras, 2o Coloquio internacional, University of California, Davis. Eds Diego Antonio Sánchez Romeralo, Diego Catalán and Samuel G. Armistead. Madrid: CSMP - Univ. of California-Gredos	1979	pp. 15-51
193	C	Santos/ Batista (1993)	Santos, Idelette Muzart Fonseca: Batista, Maria de Fátima Barbosa de	Cancioneiro da Paraíba. João Pessoa: GRAFSET	1993	382pp
194	A	Santullano (1955)	Santullano, Luis	La poesía del pueblo: Romances y canciones de España y America. Buenos Aires: Librería Hachette,	1955	995 pp
195	B	Schindler (1941)/ Schindler (1979)/ Schindler (1991)	Schindler, Kurt	Folk Music and Poetry of Spain and Portugal. Música y poesía popular de España y Portugal, Hildesheim- New York: Georg Olms, 1979; nova ed.: Música y poesía popular de	1941, 1979, 1991	pp. 3-126

				España y Portugal, org. Israel J. Katz e Miguel Manzano Alonso, com a colab. De Samuel G. Armistead, Salamanca-New York: Centro de Cultura tradicional, Disputación de Salamanca, e Hispanic Institute, Columbia University, 1991. Remeto ao texto suplementar (pp. 3-126)		
196	B	Seeger (1990)	Seeger, Judith	Count Claros: Study of a Ballad Tradition, The Albert Bates Lord Studies in Oral Tradition 4, New York: Garland	1990	
197	A	Seraine (1978)	Seraine, Florival	Folclore brasileiro: Ceará. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro	1978	75pp
198	A/ B	Silva/ Braga/ Tourinho (1972)	Silva, José Calasans Brandão da; Braga, Julio Santana, and Tourinho, Maria Antonieta Campos.	Folclore geo-histórico da Bahia e seu Recôncavo. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro,	1972	151 pp.
199	A	Slater (1979)	Slater, Candance	"The Romance of the Warrior Maiden: A Tale of Honor and Shame." In El Romancero hoy: Historia, Comparatismo, Bibliografía crítica, 2o Coloquio internacional, University of California, Davis. Eds Diego Antonio Sánchez Romeralo, Diego Catalán and Samuel G. Armistead. Madrid: CSMP - Univ. of California-Gredos	1979	167-182
200	B	Smith (1964)	Smith, C. Colin	Spanish Ballads, Oxford: Pergamon Press	1964	
201	A	Suassuna (1949)	Suassuna, Ariano	"A poesia clássica do sertão nordestino." Jornal do Comércio, (Oct. 23, 1949); (Oct. 30, 1949)	1949	
202	A	Toledo Piza	Toledo Piza, Flávio	Estudo sobre o romance	1959	71-121

		(1959)	de	do Soldado jogdor." RAMSP, 165		
203	A	Torner (1946) Torner (1947) Torner (1947a) Torner (1948) Torner (1948a) Torner (1949) Torner (1950)	Torner, Eduardo M.	"Índice de analogias entre la lirica española antigua y la moderna." Symposium, 1:1 (1946), 12-33; 1:2 (1947), 4-35; 1:3 (1947), 84-107; 2:1 (1948), 84-105; 2:2 (1948), 221-241; 3:2 (1949), 282-230; 4:1 (1950), 141-180.	1946, 1947, 1948, 1949, 1950	
204	A	Torner (1966)	Torner, Eduardo M.	Lírica hispánica: Relaciones entre lo popular y lo culto. Madrid: Castalia,	1966	461 pp.
205	B	Trapero (1985)	Trapero, Maximiano, com la colab. De Elena Hernández Casañas	Romancero de la Isla del Hierro, estudio sobre la música por Lothar Siemens Hernández, Fuentes para el Estudio del Romancero: Serie ultramarina, Madrid: IUISMP	1985	
206	B	Valenciano (s/ ano)	Valenciano, Ana, et al.,	Catálogo-Antología del Romancero de Galicia, Madrid: IMP. Manuscrito.	s/ ano	
207	B	Vasconcellos (s/ ano)	Vasconcellos, José Leite de	Romanceiro Português, Nota preliminar de R. Menéndez Pidal, org. Manuel Viegas Guerreiro, Luís Filipe Lindley Cintra, Maria Aliete Farinho da Dores Galhoz, António Machado Guerreiro, Maria Ilda Andrade, e aria Manuela Sacarrao, 2 vols., Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra: Universidade	s/ ano	1958-60
208	B	Veiga (1878)	Veiga, S[ebastião] P[hilippes] M[artins] Estácio da	Romanceiro do Algarve, Lisboa: Joaquim Germano de Souza Neves	1870	
209	A	Veríssimo (1889)	Veríssimo, José	"A poesia popular brasileira." In Estudos brasileiros. Pará: Tavares Cardoso,	1889	pp. 139- 182
210	A	Vianna (1963)	Vianna, Hildegardes	"A mulher vestida de homem: Versões	1963	177-193

211	B	Vicuña (1912)	Vicuña Cifuentes, Julio	bahianas." RBFo, 3:6 Romances populares y vulgares recogidos de la tradición oral chilena, Santiago de Chile: Imprensa Barcelona	1912	
212	B	Vilela (1983)	Vilela, José Aloísio Brandão	Romanceiro Alagoano, org. Maria Thereza Wucherer Braga, Bráulio do Nascimento, Théo Brandão, e Maria Thereza Ribeiro Massow, Maceió: Edufal	1983	
213	B	Vilhena (1989)	Vilhena, Maria da Conceição	"Literatura Oral em Cedillo e Herrera de Alcântara", Revista Lusitana (Nova Série) n.º 10	1989	125-56
214	B	Webber (1989)	Webber, Ruth H.	Hispanic Balladry Today, The Albert Bates Lord Studies in Oral Tradition 3, New York- London: Garland	1989	

## **4. LEVANTAMENTO DE DADOS**

## 4.1. INTRODUÇÃO

Como apresentado nos capítulos iniciais deste trabalho, já se tentou traçar algumas vezes, durante o século XX, um panorama do contexto do Romanceiro brasileiro, tanto enquanto objeto de estudos quanto na sua assimilação e replicação pelas comunidades. A intenção do capítulo que se inicia é tentar dar um mais atualizado embasamento para estes dados a partir de uma análise temático-quantitativa, o mais amplo possível.

Como já visto antes no Capítulo 2<sup>17</sup>, em algumas das referências consultadas, como sejam Rossini Tavares de Lima (1959) ou Lea Vinocur Freitag (1969), os autores apresentam, quase que pioneiramente, uma análise, seguida de um levantamento quantitativo, definindo como temas mais populares do Brasil, o romance de “Dom Jorge e Dona Juliana” (“Veneno de Moriana” – IGR 0172), o de “Santa Helena” ou “Santa Iria” (IGR 0173) e o do “Cego Raptor” (IGR 0189). Visto que a bibliografia agora rastreada apresenta recolhas bem mais recentes (décadas de 1980 e 1990), nos pareceu imprescindível respaldar ou confrontar este dado. Numa palavra: atualizá-lo.

Além disso, tendo por base o fundo histórico levantado, lançaremos mão da análise do método geográfico, tal qual proposto por Ramón Menéndez Pidal, o enfoque metodológico de análise de dados que considera a geografia não apenas como fator externo para agrupar romances de um mesmo setor, mas como um fator interno na vida do romance, que revela e explica as modificações sofridas<sup>18</sup>.

Os sub-capítulos seguintes tratarão de explicar o recorte e a metodologia utilizada na análise da bibliografia levantada (no capítulo anterior) e apresentará, então, alguns dos dados e resultados parciais, pertinentes para iniciarmos a elaboração da nossa base de dados, bem como estabelecermos alguma atualização no paradigma dos estudos do Romanceiro no Brasil.

A intenção é que posteriormente, e já com o desenvolvimento e disponibilização da base de dados digital, possamos estabelecer relações bem como levantar informações

---

<sup>17</sup> 2.4 Estudos sobre o Romanceiro no Brasil.

<sup>18</sup> O conceito de ‘geografia folclórica’ de Ramón Menéndez Pidal, foi apresentado anteriormente neste trabalho no sub-capítulo “2.2 A geografia do romanceiro”.

variadas, além destas que apresentarei aqui, que poderiam ir desde análises de contaminações de temas à listagem de variações de nomenclatura das obras, entre tantas outras.

#### 4.2. AS OBRAS NÃO CONSIDERADAS NA ANÁLISE

Uma primeira triagem foi feita a fim de agilizar os resultados apresentados na presente dissertação. Por motivos meramente operativos, embora referendadas na bibliografia atrás apresentada, num primeiro momento foram eliminadas propositadamente da análise as obras que trazem no título ou na apresentação uma restrição geográfica de uma área que não envolve a nossa área de interesse, o Brasil, como é o exemplo dos *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano* de Teófilo Braga, *La poesía popular en Puerto Rico*, de María Cadilla de Martínez, ou os *Portuguese Folktales from California*, de Manuel da Costa Fontes.

Evidentemente que, ao integrarem a bibliografia original, essas obras trazem – supostamente - materiais de interesse, e, assim, serão avaliadas num futuro momento a fim de colher referências ou fragmentos, mas, perante um *corpus* bibliográfico de tamanha extensão como aquele que temos em mãos, foi necessário, por conseguinte, limitar o seu estudo, deixando assim de fora da pesquisa deste trabalho a mencionada tipologia de obras que, em princípio, terão um contributo mais modesto no que se refere aos materiais do Romanceiro do Brasil.

O segundo grupo que compõe as obras preteridas no âmbito desta dissertação, é o daquelas que não foram identificadas ou cujo acesso não foi possível. Isto se justifica pelos mais diversos motivos, mas principalmente por se tratarem de obras raras, antigas ou de acervos de universidades de outros países (como do Brasil, Espanha e Estados Unidos), e que muitas vezes não foram digitalizadas, ou por falta de interesse das instituições, ou por entrar em conflito com alguma lei de direitos autorais<sup>19</sup>. A estas obras também se dedicará uma análise posterior, já fora do escopo da dissertação.

---

<sup>19</sup> Este caso, nomeadamente, se deu com algumas obras do acervo de raridades da Biblioteca Brasileira, da Universidade de São Paulo (USP).

Assim, as obras que compõem o rol da restrição proposital pelo quesito temático-geográfico são 40 e estão listadas integralmente no Apêndice 01, enquanto que as obras não encontradas ou impossíveis de acessar são 81 (também listadas no Apêndice 02). A esse montante podemos adicionar os títulos que aparecem com mais de uma edição na bibliografia, como é o exemplo da obra *Cancioneiro do Norte*, presente nas citações de Carvalho (1903), Carvalho (1928) e Carvalho (1967). Nesses casos, a despeito de compreender a relevância e as potenciais informações que a análise completa das reedições nos poderia proporcionar, optamos por analisar, neste primeiro momento, e no perímetro desta dissertação, apenas uma destas edições, o que poupou a análise de mais 13 obras. Somando todos esses casos, o total das obras não consultadas é então de 146.

### 4.3. RESULTADOS

#### 4.3.1. AS OBRAS E A METODOLOGIA APLICADA

Os dados apresentados a seguir são baseados na análise de 67 obras (Apêndice 03), dentre as quais foram identificadas 678 versões de romances, que serão especificados e comentados no sub-capítulo seguinte.

A metodologia de análise se deu, basicamente, buscando em cada uma das obras trechos, fragmentos ou – com sorte –recolhas de versões inteiras de romances recolhidos em território brasileiro. Sendo assim, as diversas obras que tinham uma abordagem teórica, metodológica ou que apenas listavam ou citavam romances, não entraram na análise final, visto que não contribuiriam de forma vigorosa, nesse momento, para a angariação inicial de versões de romances que subsidiem a base de dados digital.

Ademais, se tentou preencher com os dados de cada obra uma planilha com os seguintes campos: (1) o título corrente, isto é, o nome que foi dado ao romance naquela ocasião/edição; (2) o estado, município ou localidade da recolha; (3) o ano em que foi feita a recolha; (4) o informante; (5) o coletor; (6) o responsável da pesquisa e (7) demais observações. Evidente que nem todas as obras consultadas contêm todas essas informações, pelo que os campos

preenchidos ou vazios dependem muito da tipologia de informações prestadas. Como sabemos, preocupações de ordem folclórica ou etnográfica encontram-se bastante mal refletidas em recolhas antigas visto que os editores de romances não concediam, em princípio, importância a essas questões metodológicas.

Posteriormente, completamos a planilha com outras informações: o (8) assunto (relacionado com a divisão temática de Armistead<sup>20</sup>), (9) o tema a partir do código IGR; e (10) o título do romance.

Num momento posterior, organizaram-se e preencheram-se também metadados referentes a (12) Contaminações, deixando as (11) Cotas para o momento específico da incorporação dos registros na plataforma digital, que foi entretanto programada para a atribuição automática deste dado único diferenciador de cada versão.

É preciso ressaltar que todas essas informações colhidas, tanto as trazidas pelos autores e investigadores das obras, bem como as levantadas pela nossa equipa, passam por sucessivas revisões, pois algumas inconsistências foram entretanto identificadas durante o processo de investigação. No caso que nos ocupa neste trabalho, as revisões realizadas sobre os textos assentam, sobretudo, na atribuição correta dos títulos e códigos universais de acordo com o *Índice general del romancero*, uma vez que, como se sabe, as significativas flutuações na atribuição de títulos genéricos às versões de romances em publicações colocam sérios problemas de identificação ao investigador.

À guisa de exemplo, dentre as versões de “Conde Alarcos” (IGR 0503), foram atribuídos diversos títulos (correntes), entre eles “Silvana”; “Dona Silvana”; “A Filha do Rei”; “Candiolaço”; “Pedro Alemão”; “Xácara de Dona Maria”. Essas distintas nomenclaturas podem dificultar a identificação, ou até impedir a obtenção de resultados num arquivo, não somente pelo facto de hipoteticamente o título se assemelhar a outros romances, mas também por, eventualmente, trazerem contaminações em alguns trechos (nomeadamente foram, ao longo desta investigação, identificadas contaminações com os temas de 0005 – Silvana; 0095 – El conde alemán; 0431- Flérida y Don Duardos).

Numa esfera de análise ainda superior, mas igualmente morosa, o nosso trabalho incide sobre a definição dos materiais poéticos que se consideram romances ibéricos, ou que, tendo

---

<sup>20</sup> Apresentada no item 4.3.3 Índice temático, deste mesmo capítulo.

sido erroneamente classificados como tal nas obras de origem, não o são, na verdade (os casos mais correntes são os das canções narrativas que são apresentadas como romances tradicionais). Assim, procedemos à revisão total destas classificações, tendo como base os critérios expostos na *Bibliografia do Romanceiro Português* (FERRÉ, 2000).

#### 4.3.2. DADOS E GRÁFICOS

A partir da análise das obras e da elaboração de uma planilha com os dados recolhidos, nos é permitido inferir algumas conclusões preliminares que consideramos pertinentes para um melhor conhecimento do *corpus* romancístico brasileiro.

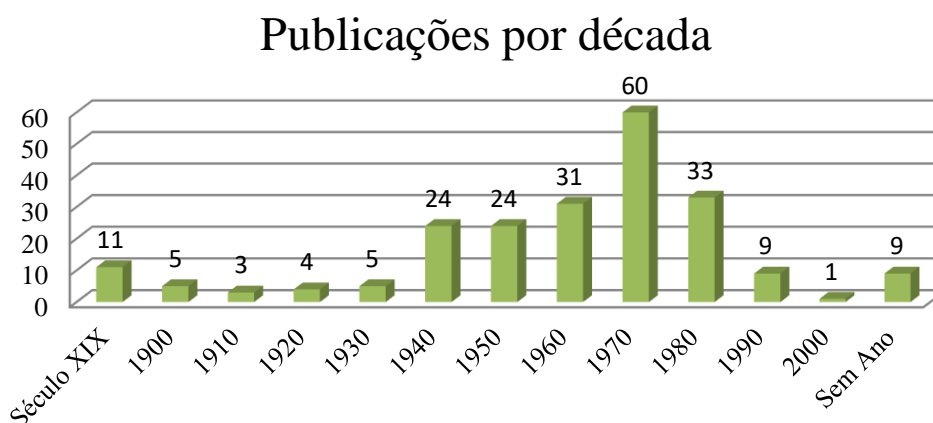


Figura 4.1 – Publicações que compõem a bibliografia divididas por década.

É possível afirmar já num primeiro momento uma impressão referente ao montante bibliográfico. Explico: há algumas obras que compõem um primeiro escalão de relevância no contexto da pesquisa em território brasileiro e que de certa maneira acabam por ser constantemente referenciadas pelos demais autores.

Em alguns momentos essa relevância se dá devido ao pioneirismo – o caso de Celso de Magalhães e Rossini Tavares de Lima; outro caso interessante é o de Veríssimo (1889), que atribuo ao caráter exótico do seu trabalho desenvolvido junto às comunidades indígenas da

Amazônia. Outro nome de destaque é o de Braulio do Nascimento; porém, indubitavelmente, o mais lembrado e citado, provavelmente pela abrangência da investigação realizada, é Silvio Romero<sup>21</sup>. Mas será ainda preciso matizar estes dados no que se refere a datas mais recentes, na medida em que as bibliografias de base consultadas têm um escopo temporal anterior. Isto significa que só através de pesquisas da nossa lavra foi possível obter mais dados bibliográficos posteriores a 1994 (data de publicação do catálogo de referência de Manuel da Costa Fontes), pesquisas essas que não constituíram o foco deste trabalho. Por este motivo, a escassez de dados relativos ao Romanceiro brasileiro das últimas duas décadas e meia não pode ser tomada como um resultado absoluto, mas como um trabalho em progresso.

Adentrando oficialmente no campo dos dados, trabalharemos com base nas 678 versões identificadas de romances. Primeiramente, é válido darmos conta da organização político-geográfica do Brasil, relevante para o enquadramento dos nossos dados. Podemos afirmar que foram identificados romances em todas as macrorregiões do Brasil, ainda que, em duas delas, apenas registre uma referência como veremos a partir dos seguintes mapas.

Neste sentido, com o intuito de ilustrar a compleição administrativa do Brasil, veja-se de seguida o mapa da esquerda, que foi retirado do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e que ilustra a divisão das cinco macrorregiões no país (N-Norte, NE-Nordeste, CO-Centroeste, SE-Sudeste e S-Sul). O da direita busca indicar a frequência e localização das versões de romances nessas mesmas divisões administrativas do território brasileiro<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> Sua pesquisa aparece em pelo menos sete das obras analisadas: Bénichou (1975); Carvalho-Neto (197?); Catalán (1969a); Costa (1908); Lopes (1967); Nascimento (1964); Pinto (1907).

<sup>22</sup> Aqui, os territórios em branco não registraram a presença do romanceiro ibérico, tanto quanto apuramos.



Ilustração 4.1 – Divisão do Brasil em macrorregiões.



Ilustração 4.2 – Estados em que foram identificadas versões de romances.

Observamos que a região Sudeste (marcada em rosa nos gráficos) apresenta versões de romances em todas as unidades federativas: 96 versões no Espírito Santo (ES), 34 em São Paulo (SP), 11 no Rio de Janeiro (RJ) e nove em Minas Gerais (MG). Totaliza 150 versões. Na região Sul (em lilás, nas imagens), foram identificadas 12 em Santa Catarina (SC) e 1 no Rio Grande do Sul (RS). Vale constar que Lima, R. (1971) lista uma versão também no Estado do Paraná (PR), porém não foi possível confirmar esta informação no atual estado da pesquisa.

Noutras duas regiões foram identificadas versões em apenas um dos Estados: no Centro-Oeste (em amarelo) foi recolhida uma versão no Mato Grosso (MT), e, na região Norte (em verde), uma versão no Estado do Amazonas (AM). Esta, curiosamente, entre uma população indígena, os Maués.

A região com maior número de ocorrências é a Nordeste (em laranja), em oito das nove unidades federativas que a compõem com exceção do Piauí (PI) (dessas, duas no RN, cinco no CE, quatro na PB, 34 no AL, 44 em PE, 77 no MA, 166 no SE e 163 na BA), totalizando 495 versões. Estes dados expõem-se de maneira mais clara no gráfico a seguir:

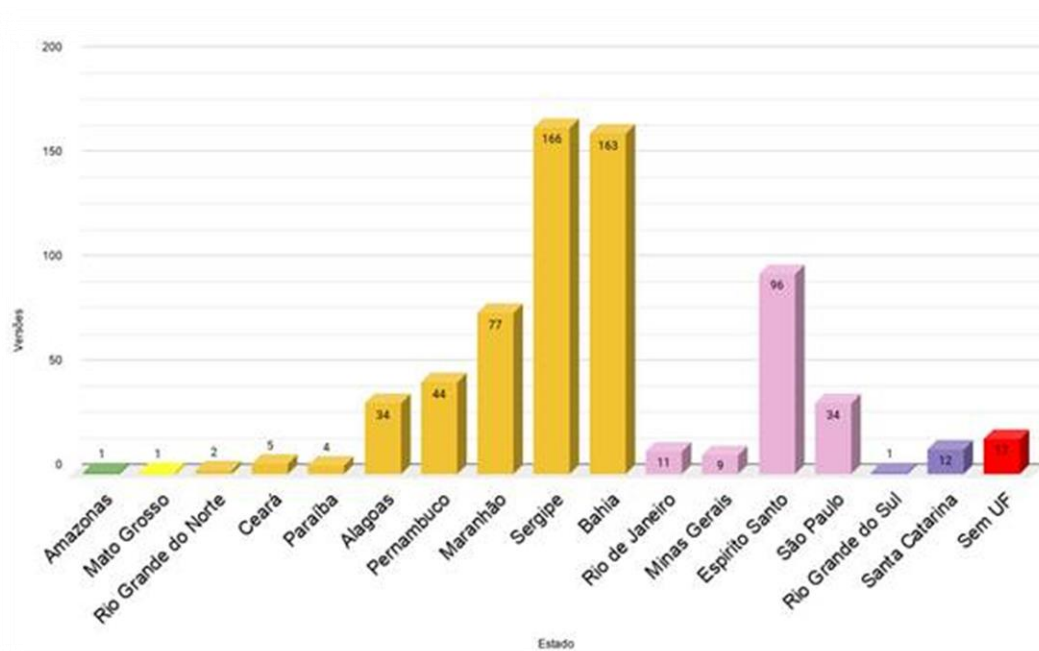


Figura 4.2 - Distribuição geográfica das versões de romances colhidas por unidades federativas brasileiras.

Vale citar também que 17 versões identificadas na bibliografia consultada não informavam o local da recolha, pelo que não se encontram contemplados nos demais gráficos.

Notoriamente, os locais mais fecundos de recolhas de acordo com essa pesquisa foram Sergipe e Bahia. Entretanto, pode-se atribuir esse feito especificamente à pesquisa de duas obras com estes recortes geográficos: LIMA, J (1977) e ALCOROFADO/ ALBÁN (1996): a primeira realizada nos anos 70, e a outra entre os anos 80 e meados dos anos 90, publicados em *O Folclore em Sergipe* e *Romanceiro Ibérico na Bahia*, de onde tiramos 329 destas 678 versões do Brasil.

Se por um lado esse dado, atribuído principalmente apenas ao esforço geograficamente delimitado de duas pesquisas, é difícil de sustentar, é possível, baseando-me aqui num número maior de investigações e publicações, determinar que na região Nordeste os romances ibéricos são predominantes, sendo seguido (à distância) pela região sudeste.

Essa informação permite-nos inferir também, que, de alguma maneira, apesar de espalhadas por todo o país, essa tradição mantém-se mais forte nas regiões onde o Brasil tradicionalmente recebeu um maior fluxo colonizador e migratório, nomeadamente o

Nordeste e o Sudeste, da primeira onda migratória, bem como na região Sul, com a migração posterior, de madeirenses e açorianos, conforme apresentado no Capítulo 2<sup>23</sup>.

Dentre as 678 versões que foram analisadas, 533 continham entre as informações adicionais, a localidade ou município de onde foram recolhidas. Estes 533 estão espalhados em 112 locais, em 13 Unidades Federativas. Esse dado foi lançado em mapa (*Google Maps*), e o resultado final pode ser visto a seguir:



Ilustração 4.3 - Mapa de todo o território nacional, evidenciando municípios onde foram identificadas versões de romances

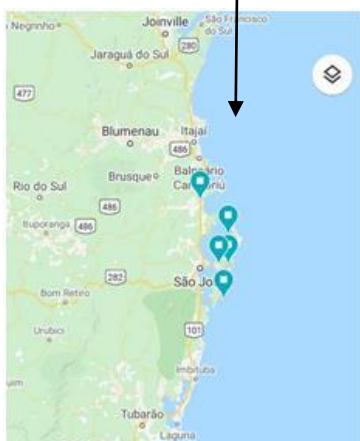


Ilustração 4.5 - Destaque do mapa na região Sul



Ilustração 4.4 - Destaque do mapa na região Nordeste



Ilustração 4.6 - Destaque do mapa na região Sudeste

<sup>23</sup> Subcapítulos 2.2.1.1 ‘Séculos XVI a XVIII: “Litonânea e Tropical”’ e 2.2.1.2 ‘Século XVIII – O Caso do Sul’.

### 4.3.3. ÍNDICE TEMÁTICO

#### 4.3.3.1 DIVISÃO TEMÁTICA PROPOSTA POR SAMUEL ARMISTEAD

A fim da sistematização e elaboração de uma análise temática das obras, e tendo em vista também o aparato teórico e organizativo das referências bibliográficas utilizadas, adaptaremos o sistema de classificação apresentado pelo professor Armistead:

“(...) o sistema utilizado por Samuel G. Armistead no seu grande catálogo dos romances sefarditas conservados no Arquivo Menéndez Pidal (Madrid), arrumando os romances em 26 grupos, um pra cada letra do alfabeto. Os primeiros grupos classificam os poemas segundo a sua origem (A. Épicos; B. Carolíngios; C. Históricos; E. Bíblicos), e o resto do sistema é temático, organizando os romances segundo o tema ou assunto principal (H. Presos e Cativos; I. Regresso do Marido; etc). As Canções Cumulativas (Y) e alguns poemas em Z.” (COSTA FONTES, 1994, p. 224)

Esta divisão temática baseada na publicação de 1978 do professor Armistead *El romancero judeo-español em El Archivo Menéndez Pidal (Catálogo-índice de romances e canciones)* (apud FERRÉ, 2000, p.8), com as duas inserções de Costa Fontes, está disposta integralmente a seguir:

- |                       |                              |
|-----------------------|------------------------------|
| A- Épicos             | N- Mulheres Matadoras        |
| B- Carolíngios        | O- Raptos e Forçadores       |
| C- Históricos         | P- Incestos                  |
| D- Mouriscos          | Q- Mulheres Sedutoras        |
| E- Bíblicos           | R- Mulheres Seduzidas        |
| F- Clássicos          | S- Várias Aventuras Amorosas |
| G- Mocedades do héroe | T- Burlas e Astúcias         |
| H- Presos e Cativos   | U- Religiosos                |

I- Regresso do Marido	V- A Morte Personificada
J- Amor Fiel	W- Animais
K- Amor Desgraçado	X- Assuntos Variados
L- Esposa Desgraçada	Y- Canções
M- Adúlteras	Z- Poemas <sup>24</sup>

Tabela 4.1- Divisão temática proposta Samuel G. Armistead e Manuel da Costa Fontes.

#### 4.3.3.2 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Nesta pesquisa dirigida ao Romanceiro do Brasil, os temas que foram identificados são: B – Carolíngios (57); C- Históricos (4); H – Presos e Cativos (20); I- Regresso do Marido (29); J- Amor Fiel (7); K- Amor Desgraçado (13); L- Esposa Desgraçada (77); M- Adúlteras (43); N- Mulheres Matadoras (142); O- Raptos e Forçadores (71); P- Incestos (41); Q- Mulheres Sedutoras (13); R- Mulheres Seduzidas (20); S- Várias Aventuras Amorosas (2); T- Burlas e Astúcias (8); U- Religiosos (89); V- A Morte Personificada (5); e X- Assuntos Variados (37). Vê-se o resultado no gráfico a seguir:

---

<sup>24</sup>Estas duas últimas (Y e Z) aparecem na obra de Costa Fontes (1994).

Quantidade e Versões por Tema

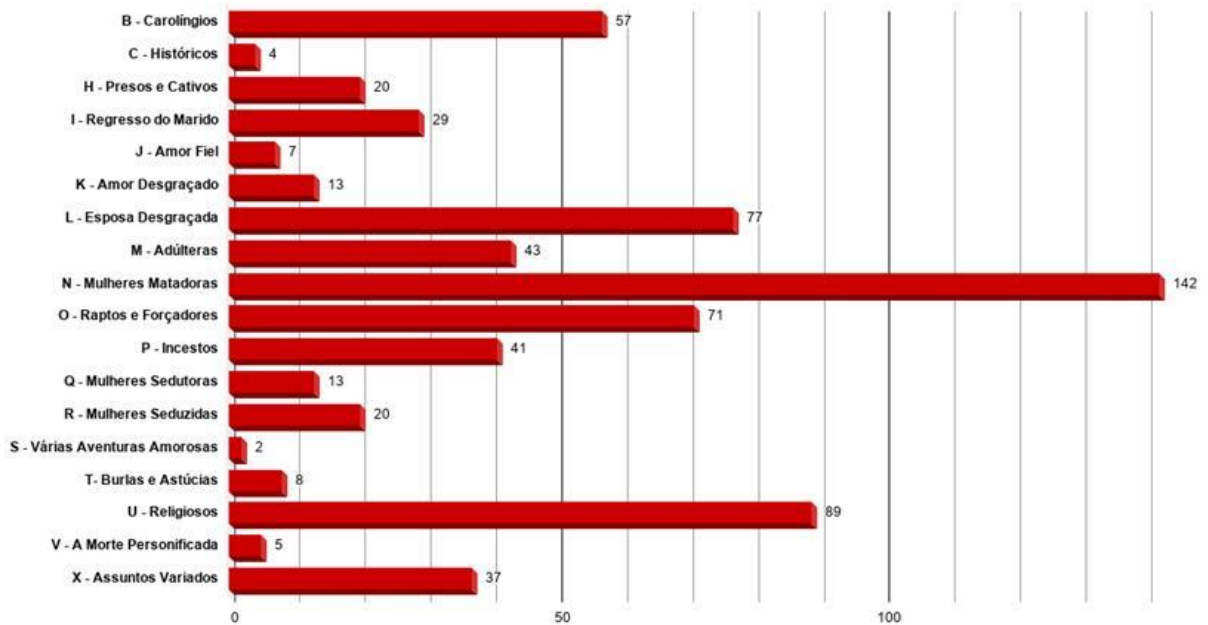


Figura 4.3- Quantidades de versões recolhidas em cada Tema.

Assim, os temas mais recorrentes foram “O Veneno de Moriana” (IGR 0172), com 142 versões, depois, com menos da metade, vem o “O Cego” (IGR 0189) com 68 versões, seguido de “O Conde Alarcos” (IGR 0503), com 48 versões.

Após isso, nove romances aparecem entre 20 e 40 vezes. São eles: “Delgadinha” (IGR 0075); “O Parto em Terras Longínquas” (IGR 0155); “Conde Claros Vestido de Frade” (IGR 0159); “Santa Iria” (IGR 0173); “Bernal Francês” (IGR 0222); “A Donzela Guerreira” (IGR 0231); “Conde Claros Preso” (IGR 0366); “Nau Catrineta” (IGR 0457); e “Barca Bela” (IGR 0435.1).

Seis romances são contabilizados entre 10 e 19 vezes: “Gerinaldo” (IGR 0023); “Bela Infanta” (IGR 0113); “Aliarda” (IGR 0149); “Frei João” (IGR 0167); e “A Noiva Abandonada” (IGR 0720).

Por fim, os outros 28 aparecem entre 1 e 9 vezes: “Silvana” (IGR 0005); “Morte do Príncipe D. João” (IGR 0006), “Conde Ninho” (IGR 0049); “Morte do Príncipe D. Afonso” (IGR 0069); “O Conde da Alemanha” (IGR 0095); “O Conde Sol” (IGR 0110); “O Conde

Preso” (IGR 0118); “Rico Franco” (IGR 0133); “Morte de D Beltão” (IGR 0150); “A Má Sogra” (IGR 0153); “A Infantina” (IGR 0164); “A Irmã Perdida” (IGR 0169); “O Lavrador da Arada” (IGR 0185); “Conde Flores” (IGR 0190); “A Vingadora da Sua Honra” (IGR 0232); “O cordão de Nossa Senhora” (IGR 0236); “A Lavadeira” (IGR 0417); “Flérida” (IGR 0431); “O Cativo” (IGR 0443); “O Menino Jesus quer dizer Missa” (IGR 0447); “Deus te guarde, Rosa” (IGR 0453); “A Infanta Pejada” (IGR 0469); “D. Aleixo” (IGR 0546); “O Regresso do Navegante” (IGR 0559); “Pobreza da Virgem recém parida” (IGR 0812); “Santo António livra o pai da forca” (IGR 4003); “A Virgem a caminho do Calvário” (IGR 0042.1); “Santo António salva a mulher de D. Juan de Lara” (IGR 0139.5).

Vale constar que o eixo temático T- Burlas e Astúcias é composto por oito versões do romance “Deus te guarde, Rosa” (IGR 0453). Ao considerarmos, divergimos da decisão do Arquivo do Romanceiro Português, que não teve em conta este tema na qualidade de romance. Nossa decisão apóia-se na dos colegas do Seminario Menéndez Pidal e também na base de dados de Pan-hispanic ballad Project<sup>25</sup>, que reforçam o quão disseminado está na Península Ibérica e o consideram também na categoria de romance.

Há também algumas informações interessantes que podemos trazer relacionando os dados temáticos com os geográficos. Deste modo, obtivemos a seguinte distribuição de temas por Estados:

**B – Carolíngios:**

1 em AL; 13 na BA; 6 em PE; 26 em SE; 4 no MA; 2 no ES.

**C- Históricos:**

2 em SE

**H – Presos e Cativos:**

4 em AL; 3 na BA; 1 no CE; 1 no MA; 6 em PE; 5 no SE.

**I- Regresso do Marido:**

8 na BA; 2 no ES; 5 no MA; 1 na PB; 2 em PE; 5 no RJ; 1 em SC; 1 em SP; 3 em SE; e 1 sem UF.

**J- Amor Fiel:**

<sup>25</sup> As versões listadas nessa plataforma estão disponíveis no site: <https://depts.washington.edu/hisprom/ballads-new/balladaction.php>. Acesado em 15/01/2020

Aliás, já Garrett publica uma versão deste poema no Romanceiro, II, em 1851, entre as pp. 187-189.

1 no AL; 1 na BA; 4 no MA; 1 na PE.

**K- Amor Desgraçado:**

6 na BA; 7 na SE.

**L- Esposa Desgraçada:**

6 no AL; 23 na BA; 6 no ES; 9 no MA; 6 em PE; 2 no RS; 1 em SC; 1 em SP; 22 em SE e 1 sem UF.

**M- Adúlteras:**

1 no AL; 5 a BA; 2 no ES; 12 no MA; 4 do PE; 1 no RJ; 2 em SC; 12 em SE; 4 sem UF.

**N- Mulheres Matadoras:**

9 no AL; 33 na BA; 2 no CE; 41 no ES; 5 no MA; 1 no MT; 4 em MG; 4 em PE; 1 no RJ; 2 em SC; 19 em SP; 21 em SE.

**O- Raptos e Forçadores:**

1 no AL; 18 na BA; 1 no CE; 8 no ES; 4 no MA; 1 no MG; 4 em PE; 1 em SC; 5 em SP; 27 em SE; 1 sem UF.

**P- Incestos:**

2 no AL; 11 na BA; 2 no ES; 5 no MA; 3 no MG; 1 em PE; 2 em SC; 4 em SP; 11 em SE.

**Q- Mulheres Sedutoras:**

6 na BA; 1 no ES; 5 no MA; 1 em PE.

**R- Mulheres Seduzidas:**

4 em AL; 7 na BA; 2 no ES; 6 no MA; 1 em PE.

**S- Várias Aventuras Amorasas:**

2 em PE.

**T- Burlas e Astúcias**

2 no MA; 1 em PE; 1 em SP; e 4 em SE.

**U- Religiosos:**

4 no AL; 1 no AM; 14 na BA; 1 no CE; 26 no ES; 6 no MA; 1 em MG; 3 na PB; 3 em PE; 3 no RJ; 1 no RS; 2 em SC; 3 em SP; 17 no SE; 3 sem UF.

**V- A Morte Personificada:**

3 no MA; 1 no RJ; 1 sem UF.

**X- Assuntos Variados:**

1 em AL; 15 na BA; 4 no ES; 5 no MA; 2 em PE; 1 em SC; 9 em SE.

Tabela 4.2- A quantidade de versões por Unidade Federativa em cada um dos grupos temáticos identificados no Brasil.

Em suma os romances mais difundidos e distribuídos no Brasil são o “Veneno de Moriana” (IGR 0172), em 12 estados diferentes, a “Nau Catrineta” (IGR 0457), em dez Unidades Federativas, e, “O Conde Alarcos” (IGR 0503), em nove delas.

Em contrapartida, diversos romances encontram-se estritamente circunscritos a zonas geográficas específicas. Temos exemplos em que isso ocorre na macrorregião sudeste, como o Rio de Janeiro, onde identificamos a única versão de “A Virgem a caminho do Calvário” (IGR 0042.1), e no Espírito Santo, onde se identificaram as cinco versões de “O Menino Jesus quer dizer Missa” (IGR 0457). Porém, onde isso acontece de maneira mais acentuada, é, indubitavelmente na macrorregião Nordeste, onde 27 romances aparecem exclusivamente<sup>26</sup>. Além disso, cinco destes grupos de divisões temáticas foram identificados estritamente em estados da região Nordeste, são eles: C – Históricos; H – Presos e Cativos; J – Amor Fiel; K- Amor Desgraçado; S- Várias Aventuras Amorosas.

De certa maneira, os temas e locais acabam por confirmar parte das afirmações levantadas pelos investigadores consultados e apresentados no início do capítulo. Como é, nomeadamente, o caso do romance do “Veneno de Moriana” (IGR 0172) e do “O Cego” (IGR 0189). Ainda parece prematuro afirmar quaisquer mudanças drásticas neste quadro, mas não seria descabido adicionar o “O Conde Alarcos” (IGR 0503) entre os mais populares. Outra observação que parece relevante é que, de entre os 26 eixos temáticos, o mais popular no Brasil é o U- Religiosos<sup>27</sup>, que, diferente dos demais, que apresentam entre um e quatro romances, é composto de 11 diferentes<sup>28</sup>.

Outro dado interessante para reflexão está na vida e na dinâmica que toma essa expressão no Brasil, contidas, primeiramente, nos dados geográficos quantitativos, o que, num segundo momento, nos impele a inquirir e inferir os motivos que justificam esse fenômeno.

Quem conhece mais de perto a cultura da região Nordeste do Brasil, reconhece imediatamente a influência europeia, especificamente a ibérica, na amálgama que compõe a expressão regional. Pareceria óbvio inferir que lá o Romanceiro teria uma sobrevida maior,

---

<sup>26</sup>Temas com o IGR 0006; 0049; 0069; 0075; 0095; 0110; 0118; 0133; 0136; 0149; 0150; 0153; 0155; 0159; 0164; 0167; 0169; 0185; 0190; 0232; 0417; 0431; 0443; 0469; 0720; 4003; 0139.5; e Maria Lavava, José Estendia (sem número IGR).

<sup>27</sup> A Tabela 4.1 contendo a divisão temática de S. G. Armstead não faz distinção entre romances Religiosos ou de Milagres.

<sup>28</sup>Temas com o IGR 0173; 0185; 0236; 0447; 0457; 0812; 4003; 042.1; 0139.5; 0435.1; e Maria Lavava, José Estendia (sem número de IGR).

porém justificar esse fato pode não ser tão fácil, como se tentou apresentar no Capítulo 2 deste trabalho.

## **5. PROPOSIÇÃO DE UMA BASE DE DADOS DIGITAL**

## 5.1. OPÇÃO PELAS HUMANIDADES DIGITAIS

Propor um arquivo digital assente na constituição de uma base de dados – que mais não é do que um conjunto de dados organizados e estruturados sem inconsistências- sem mencionar o universo transdisciplinar das Humanidades Digitais soaria falso e desadequado. Principalmente na última década tem se falado muito sobre o desenvolvimento e o estabelecimento deste campo do conhecimento como algo que atravessa o nosso trabalho humanístico e se tornou incontornável a manipulação de ferramentas digitais na constituição de arquivos e na sua difusão. Afinal, e de forma muito natural, conforme a cultura digital foi se consolidando, foi modificando sistematicamente os fazeres tanto da vida cotidiana, como os fazeres acadêmicos. Nas palavras do historiador espanhol Anacleto Pons “somos digitales porque lo son los medios que utilizamos para practicar nuestra profesión” (2018, p. 22).

A fim de tentar estabelecer, o grupo ThatCamp (*The Humanities and Technology Camp*), se reuniu em Paris em maio de 2010 e lançou o chamado “Manifesto das Humanidades Digitais”,<sup>29</sup> que a determina como transdisciplinar, onde se incorpora os métodos, os dispositivos e as perspectivas das Ciências Humanas e Sociais, ao mesmo tempo que mobilizam as ferramentas abertas pela tecnologia digital.

A definição de Humanidades Digitais, ainda de acordo com o “Manifesto”, assenta em três premissas:

- (1.) A opção da sociedade pelo digital altera e questiona as condições de produção e divulgação dos conhecimentos;
- (2.) Para nós, as *digital humanities* referem-se ao conjunto das Ciências humanas e sociais, às Artes e às Letras. As humanas digitais não negam o passado, apoiam-se, pelo contrário, no conjunto dos paradigmas, *savoir-faire* e conhecimentos próprios dessas disciplinas, mobilizando simultaneamente os instrumentos e as perspectivas singulares do mundo digital;
- (3.) As *digital humanities* designam uma transdisciplina, portadora dos métodos, dos dispositivos e das

---

<sup>29</sup> O texto traduzido na íntegra pode ser consultado em <https://humanidadesdigitais.org/manifesto-das-humanidades-digitais/> Acessado em 15 de setembro de 2019.

perspetivas heurísticas ligadas ao digital no domínio das Ciências humanas e sociais. (THATCAMP, 2010)

Especificamente o caso português apresenta uma especificidade, que se evidencia quando se analisa o contexto ibérico, que é o seguinte: enquanto em Portugal as Humanidades Digitais se têm vindo a instalar no seio universitário em boa medida por responsabilidade da História<sup>30</sup>, no caso espanhol, o estudo da História acabou apresentando alguma resistência e foi um dos últimos campos das Humanidades à lançar mão destes recursos digitais (PONS, 2018, p. 08).

Entretanto, como nossa disciplina também nos ensina, as técnicas e as tecnologias de uma época auxiliam a explicar e a narrar o momento histórico em que se está inserido. Posto de outra maneira, seria essencial à História enquanto ciência adequar-se à era digital, no exercer, investigar e divulgar, sob o risco de cair na obsolescência. Ainda conforme Pons,

*(...) toda la historia es digital, que todo lo que hacemos como estudiosos está mediado por las herramientas que empleamos y por las prácticas que desplegamos. Asumido en todas sus consecuencias, esta formulación bastaría para justificar el uso del término digital para adjetivar a nuestra disciplina.*  
(PONS, 2018, p. 08)

Ao adaptar-se a essa nova tecnologia, os estudos das Humanidades passaram a se desenvolver a partir de uma nova relação entre a literatura e a tecnologia digital. “Dicho con mayor precisión, esas tecnologías no solo han cambiado nuestra relación con la escritura y la lectura sino también nuestra percepción del mundo y hasta la percepción misma” (PONS, 2018, p. 21).

No caso que nos importa, também o estudo e o acesso à informação relacionados com Literatura Patrimonial que é, ela própria, em simultâneo, encarada como Patrimônio Literário,

---

<sup>30</sup> Afirmação colhida numa conferência de Sandra Boto intitulada “Humanidades Digitais: epistemologia(S) e complexidade(S)”, proferida a 24/07/2019 no Retiro do Doutoramento em Média Arte Digital, organizado pelo CIAC e pela Universidade do Algarve / Universidade Aberta (manuscrito da autora).

passaram a se dinamizar com o recurso do Hipertexto: a linearidade deu lugar a um tipo de absorção mais fluida, ativa e seletiva das informações.

A filosofia do Hipertexto, aplicada ao universo digital, traz consigo uma pluralidade de ferramentas como os diferentes modelos de bases de dados, as marcações digitais, as análises geoespaciais, as técnicas de exploração de ficheiros Big Data, e tantas outras quanto permitirem os novos *softwares*.

Essas novidades, por um lado, trazem facilidades e modificam a relação dialógica da comunidade com os objetos de estudo, mas por outro trazem questionamentos acerca do novo papel do investigador e da forma de apresentar e explorar os dados de investigação obtidos, tendo em vista um possível detrimento pelo recurso das plataformas tecnológicas utilizadas. Como é natural dentro das Ciências “duras”, sempre que há uma redefinição do paradigma, o debate epistemológico se faz necessário, nesse caso desenvolvido conjuntamente “con una reflexión amplia y profunda sobre los efectos de la tecnología en la enseñanza y la investigación científica” (PONS, 2018, P. 14).

Em suma, podemos concluir esta nova perspectiva nas palavras de Vernon Burton

*La historia digital es una propuesta para el examen y la representación del pasado que trabaja con las nuevas tecnologías comunicativas del ordenador, de Internet y de los sistemas de software. Por un lado, la historia digital ES un espacio abierto de producción y comunicación académicas, que abarca el desarrollo de nuevos materiales didácticos y de recopilaciones de datos académicos. Por otro, se trata de un enfoque metodológico enmarcado por el poder hipertextual de estas tecnologías para hacer, definir, consultar y anotar asociaciones en el registro humano del pasado. Hacer historia digital, pues, es crear un marco, una ontología, a través de la tecnología para que a gente experimente, lea y siga un razonamiento sobre un problema histórico. (BURTON apud PONS, 2018, p.23)*

O conceito de ‘arquivo’, como se pode daqui inferir, sai de igual modo amplificado ou mesmo reinterpretado em profundidade. Como se depreende, não nos é possível obviar o recurso às tecnologias digitais com vista à implementação do nosso projeto. que assume a

particularidade de se adequar à infraestrutura tecnológica já desenhada para o Arquivo do Romanceiro Português, já *online*.

Deste modo, apresentaremos a seguir, os passos iniciais tomados na implementação deste acervo bem como a justificativas para as ferramentas utilizadas, *software* e outras decisões de ordem estrutural tomadas para o seu desenvolvimento.

É válido ressaltar que este projeto não se esgotará com a finalização da dissertação de mestrado, exigindo, pelo contrário, um trabalho de continuidade. Do mesmo modo, como referido anteriormente, no que respeita ao trabalho bibliográfico propriamente dito, também a estruturação e alimentação do artefacto digital proposto darão passos futuros já fora do escopo desta dissertação. Contudo, esta serve como subsídio para o trabalho minucioso que se segue, evoluindo não apenas a bibliografia levantada neste trabalho, mas também outras mídias que serão possivelmente agregadas numa fase posterior (os documentos de arquivo).

## 5.2. A PLATAFORMA UTILIZADA

Apresentado o enquadramento metodológico do projeto no cruzamento entre a tecnologia e o objeto de estudo, justificaremos a escolha do serviço Omeka como plataforma de gestão documental utilizada na elaboração da nossa base de dados. Este é um sistema de gerenciamento de conteúdos de código aberto gratuito (*open source software* ou *OSS*) para coleções digitais *online*, o que coincide plenamente com o nosso projeto de preparação das bases de arquivo digital para o Romanceiro do Brasil.

The Omeka team has extensive experience with digital humanities and cultural heritage web publishing and brings together an important set of planning and technical skills that is essential to supporting these kinds of projects (Omeka Contracting and Support Services, s.d. Expertise<sup>31</sup>)

---

<sup>31</sup> <https://omeka.org/services/> Acessado em 18 de setembro de 2019.

Segundo esta apresentação disponível no próprio site de contato e suporte do *software*, este é um poderoso gestor de bibliotecas e bases de dados digitais focado em exposições, e é concebido principalmente para trabalhos inseridos conceptualmente na área das Humanidades Digitais, e, de um modo particular, nos trabalhos do património cultural aqui enquadrado. Esta plataforma é, na realidade, referência na área e é utilizada em grandes instituições de prestígio à escala global como, nomeadamente, a *Newberry Library* de Chicago, entre outras livrarias, museus e sociedades históricas. No caso do Romanceiro, que nos ocupa, vale salientar que Omeka é o gestor de conteúdos utilizado em projetos fulcrais com os quais nos identificamos de forma imersiva, como o Arquivo do Romanceiro Português (Romanceiro.pt) ou o *Archivo Digital del Romancero*, (desenvolvido pela Fundación Ramón Menéndez Pidal, de Madrid).

O facto de ser uma plataforma de código aberto assumiu, ainda, um papel determinante na sua eleição, já que releva um carácter mais democrático e permite estudar, modificar e distribuir o *software* gratuitamente para qualquer utilizador e para qualquer finalidade, contando com uma sólida comunidade de utilizadores. Este fator adquiriu grande preponderância para a eleição de Omeka, pois não é só garantia da resolução constante de eventuais problemas técnicos como da constante atualização do gestor.

### 5.3. O SISTEMA UNIVERSAL DE METADADOS

Além disto, outra característica importante que ditou a escolha de Omeka está na possibilidade de utilização do padrão de metadados *Dublin Core (Dublin Core Metadata Initiative)* para identificar os registos da coleção<sup>32</sup>.

Este é um esquema que promove um padrão que permite descrever e classificar objetos digitais dos mais diversos, como conteúdos em vídeo, áudio, imagem e textos, que neste momento nos interessam particularmente. A fim de exemplificar o trabalho com essas ferramentas segue uma imagem que reproduz um fragmento da sistematização dos dados no

---

<sup>32</sup> “Coleção” e “subcoleção” são os termos que designam, em Omeka, os conjuntos e os subconjuntos de dados, organizados numa base de dados que corresponde ao modelo hierárquico.

software Omeka (*backoffice*), seguindo o padrão *Dublin Core*, que serve para ilustrar o trabalho que estamos desenvolvendo.

O sistema *Dublin Core* apresenta diversos elementos utilizados para classificar quase qualquer tipo de projetos (para tal possui dois pacotes de elementos descritivos: o *Simple* e o *Qualified*, ambos utilizados e adaptados ao serviço do nosso projeto), sendo particularmente vantajoso na descrição de dados bibliográficos. Observe-se o exemplo do fragmento de uma ficha de metadados do nosso arquivo:

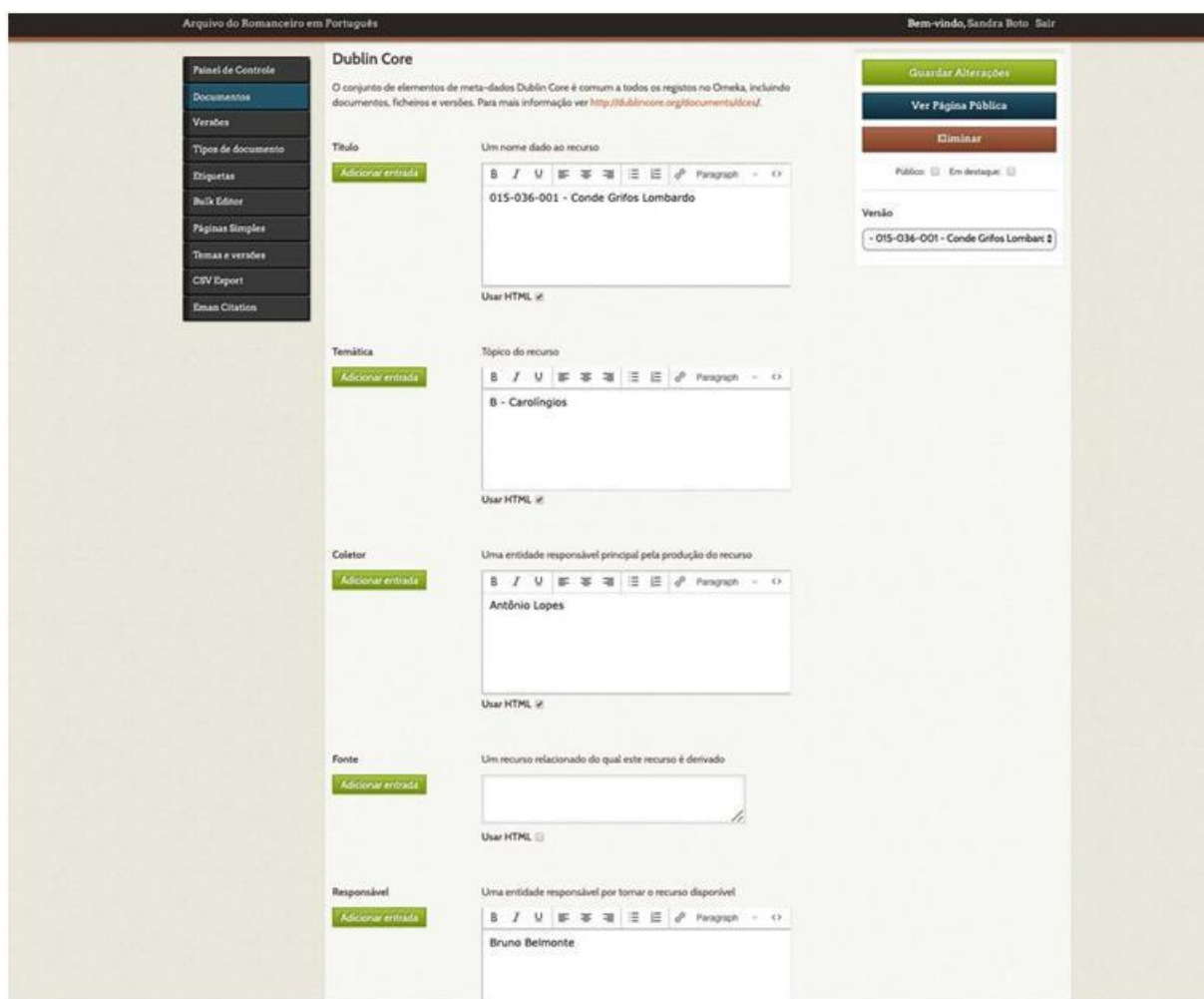


Ilustração 5.1- Fragmento da página de *backoffice* de sistematização de metadados.

Na imagem, aparecem 5 (dos 38) campos de metadados descritivos de cada elemento da coleção, o que nos possibilita criar uma infinidade de coleções e registrar os mais variados aspetos relacionados com cada versão e cada documento do Arquivo (com o esquema de árvore de coleções) através de *hiperlinks*.

Ao ser totalmente compatível e adaptável à infraestrutura Omeka, a combinação Omeka + sistema de metadados *Dublin Core*, para além de todas essas capacidades e atribuições que se lhe adivinham, justifica-se pela ambição, já aqui a florada, de possibilitar a integração total deste projeto a um ainda maior já estabelecido, que é o do Arquivo do Romanceiro em Português<sup>33</sup>, que, por sua vez, optou por uma infraestrutura semelhante à do *Archivo Digital del Romancero* da Fundação Ramón Menéndez Pidal<sup>34</sup> (entre tantas outras, como vimos) permitindo-se deste modo avançar para a interoperabilidade entre os dados guardados nestas distintas bases de dados que desenvolvem um trabalho de pesquisa, estruturação filológica e difusão do Romanceiro Ibérico.

Aliás, nesse sentido, torna-se imprescindível referir a versatilidade das diferentes tipologias de *output* (diferentes linguagens informáticas) que Omeka oferece ao utilizador para cada um dos registos incorporados, o que revela bem a vocação integradora da plataforma. Na realidade, este esforço integrador de vários arquivos digitais, em pleno século XXI, não faz mais do que recuperar e potenciar o desiderato pan-hispânico que, há mais de um século a esta parte e com os recursos limitados de que dispunha, Menéndez Pidal sonhou para a balada de matriz ibérica.

#### 5.4. O SITE E A BASE DE DADOS

Como a componente visual e de comunicação do projeto não podia ser descurada, a base de dados do Arquivo do Romanceiro do Brasil, correspondente ao trabalho que estamos desenvolvendo e que, temos vindo a detalhar, se encontrará futuramente acessível em um *website* desenhado em outro sistema gestor de conteúdos de grande popularidade: o

---

<sup>33</sup> <https://arquivo.romanceiro.pt/> Acessado em 20 de setembro de 2019. . Este projeto encontra-se atualmente em desenvolvimento sob a coordenação da investigadora Sandra Boto, na Universidade do Algarve.

<sup>34</sup> <http://www.fundacionramonmenendezpidal.org/archivodigital/index.php/users/login> Acessado em 20 de setembro de 2019.

*Wordpress*. A sua função prática será a de acompanhar a investigação em torno do nosso arquivo e institui-se como ferramenta de divulgação divulgãodos nossos trabalhos, ao longo não só desta primeira fase de arranque mas de todo o processo para o futuro. Deste *website*, intitulado “Arquivo do Romanceiro do Brasil”, apresentamos aqui alguns *screen shots* da *interface* para ilustração. A opção por este gestor de conteúdos deve-se à sua reconhecida maleabilidade e adaptabilidade, que permite a utilizadores com parcos conhecimentos de .html o desenho do *site* e a atualização dos recursos a disponibilizar.

#### 5.4.1 O SITE

O site do “Arquivo do Romanceiro do Brasil” encontra-se incorporado na plataforma romanceiro.pt (o Arquivo do Romanceiro em Língua Portuguesa), conforme se observa no *screen shot* seguinte, também implementada em *Wordpress*. Na prática, o *site* romanceiro.pt vai conceder acesso, através do seu menu principal, à página que divulga o nosso projeto. Ao aglomerar os dois projetos, asseguramos a coerência genética (à qual já atrás nos reportámos) entre o Romanceiro Português e o Romanceiro do Brasil. Confere, ainda, coerência aos trabalhos em curso nos dois arquivos.



Ilustração 5.2- Interface da home do ‘Romanceiro.pt’, com destaque para o link de acesso ao ‘Arquivo do Romanceiro do Brasil’.

Conforme se vê na imagem a seguir, o site em produção conta atualmente com seis páginas diferentes: ‘Início’; ‘O romanceiro ibérico no Brasil’; ‘Investigação’; ‘Recursos’, ‘o que há de novo’ e ‘Equipa’. Na sequência, apresento o conceito do mapa do *site* e o conteúdo carregado até o momento.



Ilustração 5.3- Interface da *home* do *website* ‘Arquivo do Romanceiro do Brasil’ a partir do qual se acede à base de dados digital do projeto.

A página ‘Início’ é a *home* do *website*, que apresenta o *menu* inicial, e inclui os *hiperlinks* para os diversos artigos (mostrados na Ilustração 5.3), além de apresentar atualizações do site e apoiadores institucionais do projeto.

As páginas ‘O romanceiro ibérico no Brasil’ e ‘Investigação’ apresentam um conteúdo mais teórico e hermenêutico, que atende a dois propósitos: o primeiro, o de introduzir não apenas o tema do Romanceiro como objeto, mas também um ponto de partida do projeto em si; o segundo, o de descrever de forma acessível ao público em geral o conceito genérico do nosso projeto, ao mesmo tempo que congrega um arcabouço repositório para investigadores que se interessem em contribuir para o tema.



Ilustração 5.4- Página 'O romanceiro ibérico no Brasil' do website 'Arquivo do Romanceiro do Brasil'.



Ilustração 5.5- Página 'Investigação' do website 'Arquivo do Romanceiro do Brasil'.

Na primeira página apresentamos, de forma genérica, o histórico desta expressão poética tradicional no Brasil, com um fim contextualizador abreviado, relativamente ao que fizemos no segundo capítulo deste trabalho. A segunda página trará informações mais práticas e empíricas acerca das investigações e pesquisas de campo, o acolhimento de outras publicações, trabalhos acadêmicos de parceiros, bem como a divulgação de conteúdos e a agenda de atividades de promoção do projeto e participação em eventos científicos, assim como demais eventos de interesse relacionados com o projeto de pesquisa.

A base de dados do arquivo será futuramente alojada na página 'Recursos' (ainda em implementação) e está sendo subsidiada com os arquivos recolhidos e digitalizados ao longo da presente pesquisa. Demais conteúdos contextualizadores bem como atualizações do acervo nas mais distintas mídias, como imagem, vídeo e áudio deverão ser realizadas nos passos seguintes deste projeto.



Ilustração 5.6- Página ‘Recursos’ do *website* Arquivo do Romancero do Brasil.

Já as últimas páginas, ‘O que há de novo’ tratará de anunciar eventos acadêmicos e novidades da página, e ‘Equipa’ apresenta os responsáveis pela realização não apenas do *site* em si, mas deste projeto como um todo, através do qual se pode aceder aos dados referentes à equipa apresentando um breve *curriculum* de cada um dos membros.

#### 5.4.2 A BASE DE DADOS

O culminar deste projeto consiste, como se vem referindo, na incorporação das versões levantadas através do processo anteriormente descrito. Por uma questão de operacionalização, optou-se por integrar as 678 versões de romances brasileiras na mesma infraestrutura (base de dados) do arquivo onde se encontram depositadas as versões portuguesas. Como a estrutura de metadados utilizada no nosso arquivo coincide com o modelo de metadados que descreve os registos portugueses, ampliando-o apenas nalguns pontos que discutimos a seguir, não se observa qualquer obstáculo a esta tomada de posição. Mantemos, por isso, a tradução das designações universais do sistema *Dublin Core* já empregue no Arquivo do Romancero Português.

Procedeu-se à adaptação da descrição geográfica, de modo a compatibilizá-la com a divisão administrativa do Brasil, com a ordem País / Estado / Município. Algumas outras atualizações foram implementadas, ao arripio do tratamento específico destes registros que importa mencionar. De forma a identificar o responsável pelos registros brasileiros, conferindo-lhe destaque, introduziu-se um novo campo *Dublin Core*, o “Publisher”. Outra novidade consiste na introdução do campo “Subject”, que remete para a classificação temática desenvolvida por COSTA FONTES (1994), a qual, como se disse, foi utilizada como base do nosso levantamento bibliográfico.

De modo a possibilitar a pesquisa de utilizadores que não dominam os sistemas de classificação internacional do Romanceiro, incluímos agora um novo metadado (“Alternative Title”), que permite registrar os títulos correntes pelos quais os romances são identificados pelos respetivos editores, quando estes não coincidem com os títulos universais do IGR. Por fim, realça-se que no campo “Description” (que traduzimos como “Observações”), incluímos uma hiperligação para o(s) repertório(s) bibliográfico(s)<sup>35</sup> de fonte de cada um dos registros, informando ainda se se trata de um registro bibliográfico fruto do nosso próprio trabalho de pesquisa e atualização bibliográfica, se for o caso.

Vale ainda mencionar que o *menu* “Bibliografia” da plataforma surge agora enriquecido com a toda a bibliografia do Romanceiro do Brasil que levantámos no âmbito do nosso trabalho. Deste *menu* partem agora dois submenus: um dirigido à bibliografia do Romanceiro português, que já se encontrava na plataforma, e outro à bibliografia do Romanceiro brasileiro. Cabe ressaltar que cada registro contém o metadado “Bibliographic Citation” que aloja uma sigla que remete, através de uma hiperligação, para a respetiva entrada bibliográfica no *menu* “Bibliografia”, tal como já acontecia com as versões portuguesas da base de dados.

Como já indicámos, foi deliberado não separar fisicamente os dois arquivos, com um claro objetivo conceptual: tratando-se de um Arquivo do Romanceiro em Língua Portuguesa, pareceu-nos apócrifa uma eventual separação entre os dois núcleos documentais. Porém, a seleção das versões brasileiras ativa-se facilmente, pois estas foram etiquetadas na base de dados como “Arquivo do Romanceiro do Brasil”, um sistema diferenciador e filtrador destas versões das demais portuguesas já alojadas no repositório. De resto, a utilização de etiquetas

---

<sup>35</sup> Conforme descrito no Subcapítulo 3.1 ‘Metodologia’.

constituiu uma inovação neste arquivo, congregando a vantagem de devolver diretamente os resultados que contenham determinada etiqueta, sem obrigar o utilizador a utilizar a caixa de pesquisa avançada.

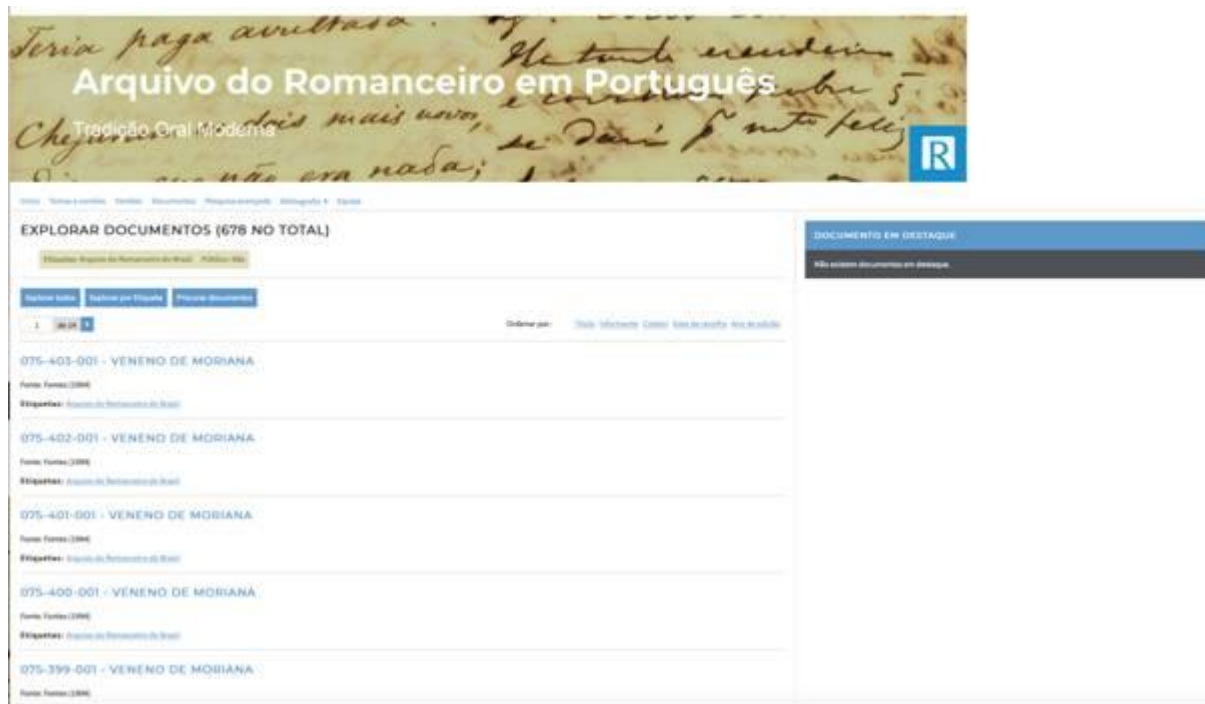


Ilustração 5.7- Página do Arquivo do Romanceiro Português, que apresenta as versões etiquetadas como “Arquivo do Romanceiro do Brasil”.

Conforme a ilustração anterior vê-se que, ao se utilizar a etiqueta "Arquivo do Romanceiro do Brasil", será possível acessar à totalidade dos registros compilados em território brasileiro –por enquanto- 678 versões identificadas. Estes registros estão disponíveis a partir de uma miniatura da ficha, que apresenta o título e o código IGR, atribuídos ao longo de 14 páginas de resultados. O acesso ao registro completo dá-se clicando nos elementos da miniatura.

Ao entrar numa ficha, o utilizador encontrar-se-á com as demais informações colhidas e apresentadas nos capítulos anteriores por cada registro bibliográfico, como o tema, dentro da divisão apresentada, ano, fonte, informações do informante etc, e, quando houver, ficheiros

multimídia com as versões, nomeadamente PDF ou arquivos de vídeo ou áudio. O fragmento a seguir, exemplifica o modelo.

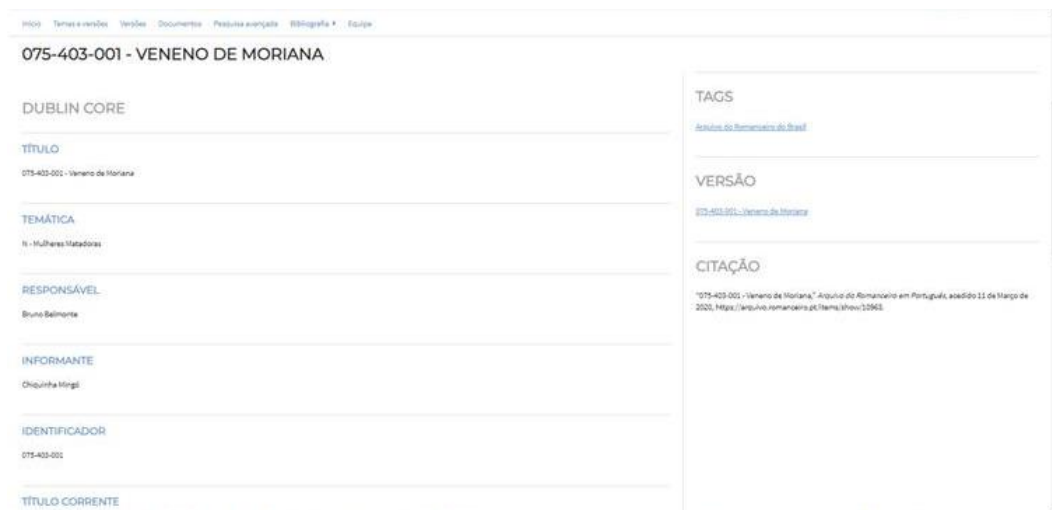


Ilustração 5.8- *Screen Shot* da página da versão 075-403-001 de Veneno de Moriana, uma das versões ostentando a etiqueta “Arquivo do Romancero do Brasil”.

Por fim, este arquivo pretende consolidar-se como uma ferramenta para levar adiante uma ambição ainda maior, da qual a recolha da bibliografia apresentada no terceiro capítulo deste trabalho foi apenas o ponto de partida. Por não se encontrarem ainda num formato definitivo, os registros do Arquivo do Romancero do Brasil não se encontram, para já, e no momento em que escrevemos estas linhas, em acesso aberto ao público. A revisão dos metadados de cada registro será o critério fundamental que ditará asua progressiva disponibilização aos utilizadores, fase à qual se seguirá -assim esperamos- a do carregamento dos documentos propriamente ditos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Romanceiro identificado no Brasil se mostra abrangente e fecundo. Apesar de não figurar entre os objetos de estudo mais recorrentes no país, seja talvez pela riqueza de bens culturais e folclóricos, seja advindo de certo desconhecimento e confusão (para cujo esclarecimento procurámos contribuir), os romances têm uma vida extensa de mais de cinco séculos e, aparentemente, ainda ativa.

A possibilidade de desenvolver este trabalho ao longo dos últimos meses nos permitiu identificar alguns traços e singularidades desta expressão no território brasileiro. Os estudos histórico-sociais apresentados no início do projeto auxiliaram efetivamente a compreender, inferir e, até, comprovar alguns dos dados levantados.

Além das informações já explicitadas ao longo do trabalho, como preferências temáticas, romances com maior número de versões, etc., foi possível traçar um panorama das chegadas destas tradições através das ondas migratórias, e reconhecer onde as tradições orais melhor se alojaram e preservaram. Além dos dados quantitativos, alguns dados interessantes saltaram à vista, como, por exemplo, ainda no século XIX, a presença de uma versão do romance ‘Nau Catrineta’ entre o grupo indígena dos Maués, na Amazônia, que serve como evidência da adesão desta expressão no território brasileiro.

Outra particularidade se faz notar com o recurso orgânico que alguns romances assumiram para sobreviver até os dias atuais. Muitos deles, no dizer de Oneyda Alvarenga “refugiaram-se” em outras expressões e celebrações, como em troças e brincadeiras de crianças, além de estarem também nas Marujadas e no Fandango, celebrações tradicionais entre ribeirinhos e pescadores, e que, no caso do fandango, já se encontra registrado como patrimônio imaterial brasileiro pelo Iphan (Instituto do patrimônio histórico e artístico nacional).

Ademais, partindo da justificativa da atualização que se propôs dar a esse estudo, a despeito dos desafios e dificuldades de se elaborar essa base de dados, foi possível visitar alguns dos trabalhos dos pioneiros e dos demais relevantes investigadores do Romanceiro no

Brasil, trazendo-os para o ambiente digital, a fim de conglobá-los à todo um universo acadêmico contemporâneo de produção científica relevante sobre o tema.

Dito isto, fica claro como a elaboração desta base de dados, continuará necessariamente após a conclusão deste trabalho, pois visa, além de rerepresentar os estudos do romanceiro para uma nova geração de investigadores do Patrimônio e dos Estudos Literários, suprir uma lacuna no intuito de atualizar os estudos desta expressão e, ao mesmo tempo alicerçar-se no campo das Humanidades Digitais, incorporando-se a um projeto de investigação de maior envergadura em curso.

Pretendeu-se contruir uma base de dados sólida e acurada, a fim de testar algumas hipóteses baseadas, principalmente, nas informações geográficas e temáticas do Romanceiro em território brasileiro. O levantamento histórico e sociológico realizado no início do projeto nos permitiu compreender - e até antever em alguns casos- esas tendências, que foram apresentadas no Capítulo 4 como ‘análise inicial de dados’.

A apresentação e divulgação da base de dados digital permitirá que, posteriormente, se realize o que os estatísticos da Ciência de Dados (*Data Science*) chamam de ‘análise exploratória de dados’. Nesta análise não se testam teorias ou hipóteses prévias necessariamente. É um conceito de estudo de dados em que se encara os dados colhidos em busca de traçar correlações e causalidades entre dados, sejam eles temas, versões, datas, locais etc. Acredita-se que isto permitirá novas análises que poderiam contribuir para uma maior compreensão do comportamento, tendências e sobrevida dessa expressão no Brasil.

O levantamento de quase 700 versões de romances que refletem a tradição oral brasileira, mesmo que num contexto exploratório e preliminar como foi aquele em que desenvolvemos a nossa investigação, sem contabilizar ainda as reedições destes poemas, constitui um indicador mais do que satisfatório. Dá conta de um Patrimônio Imaterial único e vivo, de um bem cultural produzido e conservado no quadro global da Língua Portuguesa e a ela pertencente por direito. Pela nossa parte, procurámos investigar, através da apresentação e validação de hipóteses, não só os melhores recursos para promover essa salvaguarda no quadro epistemológico digital vigente, como lançar as bases que permitirão, no futuro, estudar, a partir das mais variadas perspectivas teóricas, este bem patrimonial cujas particularidades procurámos ressaltar: o Romanceiro Ibérico no Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### **Bibliografia passiva sobre o Romanceiro e os Estudos do Patrimônio:**

- ALVAR, M. (s/ ano). **Menéndez Pidal**: geografia lingüística y geografía folclórica. Disponível em [http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/menndez-pidal---geografalingstica-y-geografa-folclrica-0/html/00e58236-82b2-11df-acc7-002185ce6064\\_5.html](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/menndez-pidal---geografalingstica-y-geografa-folclrica-0/html/00e58236-82b2-11df-acc7-002185ce6064_5.html). Acessado em 08/09/19.
- ALVARENGA, Oneyda (1982). **Música popular brasileira**, 2ed. São Paulo: Duas Cidades (O Baile das quatro artes).
- ASENSIO JIMÉNEZ, N. & SÁNCHEZ BELLIDO, S (2016). **El archivo digital del romancero**: Omeka aplicado a la preservación y el análisis de la poesía tradicional. Cuad. Invest. Filol. Nº 42.
- BOTO, S. C. J. (2011). **As Fontes do Romanceiro de Almeida Garrett**. Uma Proposta de ‘Edição Crítica’. Tese de Doutorado, Universidade Nova de Lisboa.
- BOTO, S. (2015). **A propósito do romance tradicional «Nau Catrineta»**: peregrinações no tempo e no espaço. In CARVALHO, J. C. (Org.) *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto e a Perenidade da Literatura de Viagens*. Lisboa: CLEPUL.
- BOTO, S. (2019). **Humanidades Digitais**: epistemologia(S) e complexidade(S). Em conferência proferida a 24/07/2019 no Retiro do Doutorado em Média Arte Digital, organizado pelo CIAC e pela Universidade do Algarve / Universidade Aberta (manuscrito da autora).
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio (2011). **Raízes do Brasil**. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 26ª edição.
- CÂMARA CASCUDO, Luis (1984). **Mouros, Franceses e Judeus**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A..
- CÂMARA CASCUDO, Luis (2000). **Vaqueiros e cantadores**: folclore poético do sertão de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará. Rio de Janeiro: Ediouro.
- CANCLINI, Nestor García (2015). **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP.
- CAUFRIEZ, Anne (2016). **O Romanceiro**: Seu itinerário do N.E. de Portugal até ao N.E. do Brasil. Museu de Instrumentos Musicais de Bruxelas. *Abenámar*, I (2016): 99-106

ISSN: 2530-4151  
<http://revista.fundacionramonmenendezpidal.org/index.php/Abenamar/article/view/18>

COIMBRA, A. L. de C.; ALMEIDA, L. A. B; ALVES, M. S; ALVES, P. R. (2007). **O Movimento Armorial reafirmando as raízes da cultura popular**. Trabalho apresentado ao GT de Produção Editorial e Cultural, do IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste. <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/R0259-1.pdf>. Acessado em 08/09/19.

CORTESÃO, Jaime (1984). **Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid**. 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte.

COSTA, Carolina Veloso (2014). **O Romance de Tradição Oral e suas Relações com a Literatura de Cordel**. Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL – ISSN 1980-4504. BOITATÁ, Londrina, n. 18, jul-dez 2014.

COSTA FONTES, Manuel da (1994). **O Romancero Brasileiro**. Pequeno catálogo. Publicado en la "Revista de Dialectología y Tradiciones Populares". Tomo XLIX. Madrid.

DÉBAX, Michelle (1990). **Romancero**. Edición, estudio y notas. Madrid: Editorial Alhambra Longman, S. A..

FERRÉ, P.: CARINHAS, C (2000). **Bibliografia do Romancero Português da Tradição Oral Moderna (1828- 2000)**. Madrid.

FERRÉ, Pere (2000). **Romancero Português da Tradição Oral Moderna**. Versões publicadas entre 1828 e 1960. Vol. 1. Estudo introdutório. Cidade: Serviço de Educação Fundação Calouste Gulbenkian.

FONTES, Manuel da Costa (1994). **O Romancero Brasileiro: Pequeno Catálogo**. Publicado en la "Revista de dialectología y tradiciones populares". Tomo XLIX. Madrid.

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos (2003). **Açorianos no Rio Grande do Sul: a identidade açoriana nas obras de cronistas, viajantes e historiadores sul- riograndenses**. Revista ARQUIPÉLAGO • HISTÓRIA, 2ª série, VII.

FREITAG, Léa Vinocur (1969). "**Influencias ibéricas no folclore brasileiro**." RH, v.38; n. 78.

FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S. C. A. (2006). **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- LIMA, Rossini Tavares de (1959). **Achegas ao estudo do Romanceiro no Brasil**. RAMSP, nº 162.
- MAGALHÃES, Celso da Cunha (1973). **A poesia popular brasileira**. Ed. Bráulio do Nascimento. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, "Coleção Rodolfo Garcia," Divisão de Publicações e Divulgação.
- MARTINS, Guilherme d' Oliveira (2017). **Património, Herança e Memória**. A cultura como criação. 3ª ed. Lisboa: Gradiva Publicações, S.A.
- MARTINS, Guilherme d' Oliveira (2018). **Ao Encontro da História**. O Culto do Património Cultural. 1ª ed. Lisboa: Gradiva Publicações, S.A.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (1953). **Romancero hispánico** (hispano-portugués, americano y sefardí). 2 vols. Madrid: Espasa-Calpe.
- MENDES, Antonio Rosa (2012). **O que é Património Cultural**. Olhão: Gente Singular Editora.
- PONS, Anaclet (s/ ano). **Las humanidades y la historia en la era digital**: formas de escritura.
- ROMERO, Silvio (1883). **Cantos Populares do Brazil**, acompanhados de introdução e notas comparativas por Theophilo Braga. 2 vols. Lisboa: Nova Livraria Internacional.
- RIBEIRO, Darcy (1995). **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.
- SÁNCHEZ ROMERALO, A. & ARMSTEAD, S. G. & PETERSEN, S. H. con la colaboración de Catalán, D; Martínez de Pinillos, S; Olson, K. L. (1980). **Bibliografía del Romancero Oral**, 1. Cátedra Seminario Menéndez Pidal. Madrid.
- SARAIVA, Arnaldo (2007). **A crise da literatura e a literatura marginal ou marginalizada**. «Santa Barbara Portuguese Studies: «Literatura Marginal (dossier org. por Arnaldo Saraiva)». Universidade da Califórnia, vol. IX, pp. 5-15.
- SUASSUNA, Ariano (2017). **Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 16ª edição.

## Arquivos /Bases de dados digitais e outros *websites*:

Arquivo do Romanceiro em Língua Portuguesa: <https://arquivo.romanceiro.pt/>. Acessado em 20 de setembro de 2019.

Archivo Digital del Romancero da Fundación Ramón Menéndez Pidal: <http://www.fundacionramonmenendezpidal.org/archivodigital/index.php/users/login>. Acessado em 20 de setembro de 2019.

Constituição da República Portuguesa: <https://www.parlamento.pt/Legislacao/PAGINAS/CONSTITUICAOREPUBLICAPORTUGUESA.ASPX> . Acessado em 07/05/2019.

Dublin Core Metadata Initiative: <https://www.dublincore.org/>. Acessado em 18 de setembro de 2019.

Manifesto das humanidades digitais do ThatCamp (The Humanities and Technology Camp): <https://humanidadesdigitais.org/manifesto-das-humanidades-digitais/>. Acessado em 15 de setembro de 2019.

*Omeka Contracting and Support Services*, (s.d.). Disponível em <https://omeka.org/services/>. Acessado em 18 de setembro de 2019.

*Pan-Hispanic Ballad Project of University of Washington*: <https://depts.washington.edu/hisprom/ballads-new/>. Acesado em 15/01/2020

Procuradoria Geral Distrital de Lisboa: [http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=844&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=844&tabela=leis). Acessado em 07 de maio de 2019.

### **Bibliografia ativa consultada para a base de dados:**

- ALCOROFADO, Doralice Fernandes Xavier, e María del Rosario Suárez Albán (org.) (1996). **Romanceiro Ibérico na Bahia**. Salvador: Livraria Universitária.
- ALENCAR Pimentel, Altimar (1978). **Barca da Paraíba**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.
- ALMEIDA, Renato (1957). **Inteligência do Folclore**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- ALVARENGA, Oneyda (1947). **Música popular brasileira**. México, DF- Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- ANDRADE, Mario de (1941). "A Nau Catarineta", RAMSP, 73.
- BÉNICHOU, Paul (1975). "El romance de la muerte del príncipe de Portugal em la tradición moderna." NRFH 24.
- BOITEUX, Lucas A[lexandre] (1944). "Poranduba Catarinense." RIHGB, 784.
- BRAGA, Theóphilo (1902-1905). **Historia da poesia popular portuguesa**. 3d ed. 2 vols. Lisboa: Manuel Gomes, 1902-1905, xv+480 [vi] + 569 pp. Berkeley. UW.
- BRANDÃO, Théo (1949). **Folclore de Alagoas**. Coleção Autores Alagoanos. Vol.1, 2ª. Serie. Maceio-Alagoas: Casa Ramalho.
- CASCUDO, Luís da Câmara (2000). **Vaqueiros e cantadores: Folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará**. Rio de Janeiro: Ediouro.
- CATALÁN, Diego, ed. with the collab. of María Soledad de Andrés, Francisco Bustos, María Josefa Canellada, José Caso, Paloma Montero and Ana Valenciano (1969). **Romances de tema odiseico**. Romancero tradicional de las lenguas hispánicas (Español – portugués – catalán–sefardí). Colección de textos y notas de María Goyri y Ramón Menéndez Pidal. Vol. III, IV, V. Madrid: CSMP- Gredos.
- COSTA, Francisco Augusto Pereira (1908). "Folk-lore pernambucano: Romanceiro." RIHB, 70 (1907), 295-641; sobretiro: Rio de Janeiro, Livraria J. Leite.
- FORNEIRO, José Luís (s.d.). **Uma versão do Romance do Veneno de Moraina (Moriania): Do Brasil a Cotobade**. Universidade de Santiago de Compostela.
- FREITAG, Léa Vinocur (1969). "Influencias ibéricas no folclore brasileiro." RH, v.38; n. 78.

- LIMA, Jackson da Silva (1977). **O Folclore em Sergipe**. 1. Romanceiro. Rio de Janeiro-Brasília: Livraria Editora Cátedra-Instituto Nacional do Livro.
- LIMA, Rossini Tavares de (1959). "**Achegas ao estudo do Romanceiro no Brasil**." RAMSP, 162.
- Lima, Rossini Tavares de (1971). **Romanceiro Folclórico do Brasil**. São Paulo-Rio de Janeiro: Irmãos Vitale.
- LOPES, Antônio (1967). **Presença do Romanceiro: Versões Maranhenses**. Rio de Janeiro: Editôra Civilização Brasileira.
- MAGALHÃES, Celso da Cunha (1973). **A poesia popular brasileira**. Ed. Bráulio do Nascimento. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, "Coleção Rodolfo Garcia," Divisão de Publicações e Divulgação.
- MARTÍNEZ-YANES, Francisco (1979). "**Los desenlaces en el romance de la Blancaniña: Tradición y originalidad**." In *El Romancero hoy: Poética*, 2o Coloquio internacional, University of California, Davis. Eds Diego Catalán, Samuel G. Armistead, and Antonio Sánchez-Romeralo. Madrid: CSMP- Univ. of California- Gredos.
- MARTINS LAMAS, Dulce (1962). "**Folclore Musical de Parati**." RBFo, 2:2.
- MELLO, Guilherme Theodoro Pereira de (1947). **A música no Brasil desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República**. 2d ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947, ii + [5] - 366 + xxv pp.
- MELO, Veríssimo de (1977). **Folclore Brasileiro: Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.
- NASCIMENTO, Braulio do (1964). "**Processos de variação do romance**." RBFo, 4.
- NASCIMENTO, Braulio do (1979). "**Um romance tradicional entre índios do Amazonas, no século XIX**." In *El Romancero hoy: Nuevas fronteras*, 2o Coloquio Internacional, University of California, Davis. Eds. Antonio Sánchez Romeralo, Diego Catalán and Samuel G. Armistead. Madrid: CSMP - Univ. of California-Gredos.
- NEVES, Guilherme Santos (1954). **Alto está e alto mora...** (Notulas do folclore). Vitória: [no publisher].
- NEVES, Guilherme Santos (1961). "**Presença do romanceiro peninsular na tradição oral do Brasil**." RBFo, 1:1.
- NEVES, Guilherme Santos (1963?). "**O romance da Barca Nova - Suas variantes no Brasil**." In *Actas do Congresso Internacional de Etnografia*. Vol. VI: Colóquio sobre o conto popular. Porto: Câmara Municipal de Santo Tirso.

- NEVES, Guilherme Santos (1978). **Folclore brasileiro: Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.
- NEVES, Guilherme Santos (1982). **Romanceiro Capixaba**. Coleção de Estudos Capixabas Volume 5. Fundação Nacional de Arte Fundação Ceciliano Abel de Almeida.
- PINTO, Alexina de Magalhães (1907). **Contribuição do folk-lore brasileiro para a biblioteca infantil**. Rio de Janeiro: J. Ribeiro dos Santos.
- ROMERO, Silvio (1883). **Cantos Populares do Brazil**, acompanhados de introdução e notas comparativas por Theophilo Braga. 2 vols. Lisboa: Nova Livraria Internacional.
- ROMERO, Silvio (1977). **Estudos sobre a Poesia popular do Brasil**. 2d ed. Petrópolis: Vozes- Governo do Estado de Sergipe Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.
- SALLES, Vicente (1971). "**José Veríssimo e o Folclore**." RBFo, 11.
- SANTOS, Idelette Muzart Fonseca; Batista, Maria de Fátima Barbosa de (1993). **Cancioneiro da Paraíba**. João Pessoa: GRAFSET.
- SILVA, José Calasans Brandão da; Braga, Julio Santana, and Tourinho, Maria Antonieta Campos (1972). **Folclore geo-histórico da Bahia e seu Recôncavo**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.
- VIANNA, Hildegardes (1963). "**A mulher vestida de homem: Versões bahianas**." RBFo, 3:6.
- VILELA, José Aloísio Brandão (1983). **Romanceiro Alagoano**, org. Maria Thereza Wucherer Braga, Bráulio do Nascimento, Théo Brandão, e Maria Thereza Ribeiro Massow, Maceió: Edufal.

## APÊNDICES

### Apêndice 1: Lista bibliográfica das obras de restrição proposital pelo quesito temático-geográfico.

	Fonte	Citação Bibliográfica	Editor	Obra	Ano de Edição	Páginas
11	B	Amades (1951)	Amades, Juan	Folklore de Catalunya. Cançoner (Cançons-refranys- edevinalles, Barcelona: Editorial Selecta	1951	
13	B	Anahory-Librowicz (1988)	Anahory-Librowicz, Oro	Cancionero Sephardí du Quebec, 1, Montréal: Fonds FCAR, Collège du Vieux Montréal	1988	
18	B	Armistead/Silverman (1971)	Armistead, Samuel G., e Joseph H. Silverman, com a colab. De Biljana Sliivic Sinsic,	Judeo-Spanish Ballads from Bosnia, University of Pennsylvania Press Publications in Folklore and Folklife, Philadelphia: University of Pennsylvania Press	1971	
36	B	Azevedo (1880)	Azevedo, Álvaro Rodrigues de,	Romanceiro do Arquipélago da Madeira, Funchal: "Voz do Povo	1980	
37	B	Barros/Dannemann (1970)	Barros, Raquel, e Manuel Dannemann,	El romancero chileno, [Santiago de Chile]: Universidad de Chile,	1970	
39	B	Becco (1960)	Becco, Horacio Jorge,	Cancionero tradicional argentino, Buenos Aires: Librería Hachette	1960	
40	B	Bénichou (1958)	Bénichou, Paul,	Romancero judeo-español de Marruecos, Madrid: Castalia	1958	
44	B	Beutler (1977)	Beutler, Gisela	Estudios sobre el romancero español em Colombia en su tradición escrita y oral desde la época de la conquista hasta la actualidad, Bogotá: Instituto Caro y Cuervo	1977	
51	B	Braga (1982a)	Braga, Teófilo	Cantos Populares do Arquipélago Açoriano, Porto: Livraria Nacional, 1864; reed. Em fac-símile, com Pref. De José de Almeida Pavão Jr., Ponta Delgada: Universidade dos Açores,	1982	
54	B	Cadilla de Martínez (1933)	Cadilla de Martínez, María	La poesía popular en Puerto Rico, Madrid: Universidad de Madrid	1933	
55	B	Campa (1946)	Campa, Arthur León	The Spanish Folksong in the Southwest ("Universit of New Mexico Bulletin,	1933	67 pp.

				Modern Language Series, vol. 4.1), Albuquerque: University of New Mexico Press, 1933; reimp. Em HFSAC,		
56	B	Campa (1933)	Campa, Arthur León	Spanish Folk Poetry in New Mexico, Albuquerque: University of New Mexico Press, 1946; reimp. Em HFSAC, 224 pp.	1946	224 pp.
57	B	Carré (1959)	Carré Alvarellos, Lois Catalán, Diego, com a colab. De María de Jesús López de Vergara, Mercedes Morales, Aracelli González, María Victorina, e Ana Valenciano,	Romancero popular galego de tradición oral. Porto: Junta de Provincia do Douro Litoral, 1959.	1959	
68	B	Catalán (1969)	Coelho, Francisco Adolfo	La flor de la marañuela: Romancero general de las Islas Canarias, 2 vols., Madrid: CSMP-Gredos,	1969	
81	B	Coelho (1873)	Adolfo	"Romances galiciennes", Romania 2	1873	259-60
83	B	Cossío/ Solano (1933-34)	Cossío, José María de, e Tomás Maza Solano	Romancero popular de La Montaña: Colección de romances tradicionales, 2 vols., Santander: Sociedad Menéndez y Pelayo	1933-34	
85	B	Cruz-Sáenz (1986)	Cruz-Sáenz, Michèle S. de,	Romancero tradicional de Costa Rica, pref. De Samuel G. Armistead, transc. Musicais de Christina D. Braidotti, Newark, Delaware: Juan de la Cuesta	1986	
86	B	Cuscoy (1943)	Cuscoy, Luis Diego	Tradiciones populares, 2: Folklore Infantil, La Laguna de Tenerife: CSIC, Instituto de Estudios Canarios en la Universidad de La Laguna	1943	
91	B	Di Stefano (1973)	Di Stefano, Giuseppe	El Romancero: Estudio, notas, y comentarios de texto (Madrid: Narcea, 1973)	1973	
92	B	Echevarría Bravo (1951)	Echevarría Bravo, Pedro	Cancionero musical popular manchego, Madrid: CSIC	1951	
95	B	Ferreira (1956)	Ferreira, Pe Manuel Juvenal Pita	O Natal na Madeira (Estudo Folclórico), Funchal: Edição da Junta do Distrito Autónomo,	1956	
101	B	Fontes (1978-79)	Fontes, Manuel da Costa,	"Lizarda: A Rare Vicentine Ballad in California", Romance Philology 32	1978-79	308-14
103	B	Fontes (1975)	Fontes, Manuel da Costa,	"Portuguese Folktales from California", Dissertação de Doutoramento, Los Angeles: University of California	1975	
104	B	Fontes (1985)	Fontes, Manuel da Costa,	"The Ballad of Floresvento and Its Epic Antecedents", Kentucky Romance Quarterly 32	1985	309-19

107	B	Fontes (1983a)	Fontes, Manuel da Costa,	Romanceiro da Ilha de S. Jorge, Prefácio de Samuel G. Armistead e Joseph H. Silverman, Transc. Musicais de Halim El-Dabh, Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra: Universidade, 1983: ed. Paralela em Fuentes para el Estudio del romancero: Serie Luso-Brasileira 2, Madrid: CSMP	1983	
108	B	Fontes I (1987)	Fontes, Manuel da Costa,	Romanceiro da Província de Trás-os-Montes (Distrito de Bragança), Coligido com a colab. De Maria-João Câmara Fontes, Pref. De Samuel G. Armistead e Joseph H. Silverman, Transc. Musicais de Israel J. Katz, 2 vols., Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra: Universidade	1987	
111	B	Furt (s/ ano)	Furt, Jorge M.	Cancionero popular ríoplatense. Lírica gauchesca, 2 vols., Buenos Aires: "Coni",	1923-25	
116	B	García Matos (1951-60)	García Matos, Manuel	Cancionero popular de la provincia de Madrid, 3 vols., org. Marius Schneider e José Romeu Figueiras (vols. I, II), Juan Tomás e José Romeu Figueiras (vol. III), Barcelona- Madrid: CSIC,	1951-60	
118	B	Garrido de Boggs (1946)	Garrido de Boggs, Edna	Versiones dominicanas de romances españoles, Ciudad Trujillo, República Dominicana: Pol Hermanos	1946	
120	B	Gil García (1944)	Gil García, Bonifacio,	Romances populares de Extremadura recogidos de la tradición oral, Badajoz: Disputación Provincial	1944	
121	B	Gil García (1961-56)	Gil García, Bonifacio,	Cancionero popular de Extremadura, 2 vols., vol. I, 2ª ed.:Badajos: Disputación, 1961; vol: Badajoz: Disputación, 1956	1961-1956	
122	B	Giner Bauçã (1966-75)	Giner Bauçã, Rafael	Cançoner popular de Mallorca, 4 vols., Introd. De Francesc de B. Moll, Palma de Mallorca: Editorial Moll,	1966-75	
124	B	Kundert (1962)	Kundert, Hans	"Romancerillo sanabrés", Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, XVIII	1962	37-124
150	B	Milá y Fontanals (1882)	Milá y Fontanals, Manuel	Romancerillo catalán: Canciones tradicionales, Barcelona: ÁlvaroVerdaguer	1882	
151	B	Milá y Fontanals (1893)	Milá y Fontanals, Manuel	"De la poesia popular gallega", Romania 6 (1877), 47-75; reimp. Em	1877/1893	363-99

				Obras completas, V: Opúsculos literarios, Segunda Série, Barcelona: Ávaro Verdaguer, 1893, pp. 363-99		
205	B	Trapero (1985)	Trapero, Maximiano, com la colab. De Elena Hernández Casañas	Romancero de la Isla del Hierro, estudio sobre la música por Lothar Siemens Hernández, Fuentes para el Estudio del Romancero: Serie ultramarina, Madrid: IUISMP	1985	
206	B	Valenciano (s/ ano)	Valenciano, Ana, et al.,	Catálogo-Antología del Romancero de Galicia, Madrid: IMP. Manuscrito.	s/ ano	
207	B	Vasconcellos (1958)	Vasconcellos, José Leite de	Romanceiro Português, Nota preliminar de R. Menéndez Pidal, org. Manuel Viegas Guerreiro, Luís Filipe Lindley Cintra, Maria Aliete Farinho da Dores Galhoz, António Machado Guerreiro, Maria Ilda Andrade, e aria Manuela Sacarrao, 2 vols., Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra: Universidade	1958	1958-60
208	B	Veiga (1878)	Veiga, S[ebastião] P[hilippes] M[artins] Estácio da	Romanceiro do Algarve, Lisboa: Joaquim Germano de Souza Neves	1870	
211	B	Vicuña (1912)	Vicuña Cifuentes, Julio	Romances populares y vulgares recogidos de la tradición oral chilena, Santiago de Chile: Imprensa Barcelona	1912	

**Apêndice 2: Lista bibliográfica de obras não encontradas ou impossíveis de acessar durante a pesquisa.**

	Fonte	Citação Bibliográfica	Editor	Obra	Ano de Edição	Páginas
1	B	Alcázar (1910)	Alcázar, Ignacio del	Colección de cantos populares, Madrid: Antonio Aleu	1910	
2	B	Alcorofado/ Albán (1988)	Alcorofado, Doralice Fernandes Xavier, e María del Rosario Suárez Albán	"O Romanceiro Baiano", Introd. De Idelette Muzart Ferreira dos Santos, Estudos Linguísticos e Literários (Salvador), nº7 Out. 1988	1988	47-130
3	B	Alcorofado/ Albán (1988)	Alcorofado, Doralice Fernandes Xavier, e María del Rosario Suárez Albán	"O Romanceiro Galego", Estudos Linguísticos e Literários (Salvador), nº7 Out. 1988	1988	131-46
7	A/B	Alvarenga (1946)	Alvarenga, Oneyda	Melodias registradas por meios não-mecânicos. Vol I. São Paulo: Arquivo Folclórico da Discoteca Pública Municipal	1946	481pp
16	B	Anônimo (1946)	Anônimo	"Cuentos enlazados", Revista de Dialectología y Tradiciones Populares 2	1946	199-310
17	A	Anônimo (1968)	Anonymous	"Nau Catarineta". Folclore: Órgão da Comissão Espírito-Santense de Folclore, 19:85	1968	4
19	A	Armistead (1976)	Armistead, Samuel G.	"The Portuguese Romanceiro in its European Context." In Portuguese and Brazilian Oral Traditions in verse form/ As tradições orais Portuguesas e Brasileiras em Verso. Eds. Joanne B. Purcell, Samuel G. Armistead, Eduardo Mayone Dias and Joanne E. March. Los Angeles: Univ. of Southern California	1976	pp 178-200
20	B	Armistead/ Silverman (1978)	Armistead, Samuel G., com a colab. De Selma Margatten, Paloma Montero, e Ana Valenciano, com transc. Musicais editadas por Israel J. Katz	El romancero judeo-español en el Archivo Menéndez Pidal (Catalálogo-índice de romances y canciones), 3 vols., Madrid: CSMP,	1978	
21	A/B	Armistead/ Silverman (1978)	Armistead, Samuel G. and Silverman, Joseph H.	"Uma canção popular francesa na tradição brasileira: A Filha do Rei da Espanha". Ciência e Trópico, 6:2	1978	322-336
22	A	Armistead (1979b)	Armistead, Samuel G.	"Romanceiro studies (1977-1979)." La Crónica, 8:1	1979	57-66
26	B	Armistead/ Sánchez Romeraldo/	Armistead, Samuel G.; Sánchez Romeralo, Antonio; e Catalán,	The Hispanic Ballad Today: History. Comparativism, Critical	1979	

		Catalán (1979a)	Diego orgs.,	Bibliography, 2nd International Symposium, University of California, Davis, Madr: CMSP-University of California-Gredos		
27	A	Armistead/ Sánchez Romeraldo/ Catalán (1980)	Armistead, Samuel G.; Sánchez Romeraldo, Antonio, and Catalán, Diego.	"International Cooperative Research on the Hispanic Ballad." La Crónica, 8:2	1980	180-182
28	B	Armistead (1981)	Armistead, Samuel G.	"Hispanic Folk Literature Among the Isleños", perspectives on Ethnicity in New Orleans, org. John Cooke e Mackie J. -. Blanton, New Orleans: University of New Orleans	1981	21-31
29	B	Armistead (1991)	Armistead, Samuel G.	"Bibliografía crítica del romancero (1984)", Actas del Congreso Romancero- Cancionero UCLA (1984), org. Enrique Rodríguez Cepeda e Samuel G. Armistead, 2 vols, Madrid: José Porrúa Turanzas, 1991, II	1991	447-530
30	B	Armistead (s/ano)	Armistead, Samuel G.	"Bibliografía del romancero (1985-1987)", Pedro M. Piñero et al., orgs., El Romancero: Tradicón y pervivencia a fines del siglo XX,	s/ ano	749-89
31	B	Armistead (s/ano a)	Armistead, Samuel G.	"Bibliografía crítica del romancero (1979-1983)". No prelo.	s/ ano	
32	B	Armistead/ Fontes (s/ ano)	Armistead, Samuel G., e Fontes, Manuel da Costa, orgs.,	Cancionero Tradicional de Trás-os-Montes, textos recolhidos por Samuel G. Armistead, Israel J. Katz, Zília Osório de Castro, e Candance Slater (manuscrito).	s/ ano	
33	B	Armistead (s/ano b)	Armistead, Samuel G.,	"Antologia de Romances rarísimos", CMP, III, "Current Work on the Romancero viejo tradicional: Modern Oral Tradition." La Corónica, 4:1	s/ ano	006/1956
43	A	Benmayor (1975)	Benmayor, Rina		1975	49-54
47	B	Braga (1867)	Braga, Teófilo	Romanceiro Geral Coligido da Tradição, Coimbra: Imprensa da Universidade,	1867	
49	B	Braga (1911) e Braga (1913)	Braga, Teófilo	Cancioneiro Popular Português, 2ª ed., 2 vols., Lisboa: J.A. Rodrigues, 1911-13	1911-13	
50	B	Braga (1982)	Braga, Teófilo	Romanceiro Geral Português, 2.ª ed., 3 vols., Lisboa: Manuel Gomes, 1906, 1907: J. A. Rodrigues, 1909; reed. Em fac-símile, com introd. De Pere Ferré, Lisboa: Veja, 1982 (1.º vol.; os outros dois não tem data).	1982	

64	A/B	Cascudo (1952)	Cascudo, Luís da Câmara.	História da literatura brasileira. Vol. VI. Literatura oral. Rio de Janeiro: José Olympio	1952	466pp
65	A	Cascudo (1952a)	Cascudo, Luís da Câmara.	Literatura oral. Vol. VI of História da Literatura Brasileira. Ed. Alvaro Lins. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora	1952	466pp
66	A/B	Cascudo (1960)	Cascudo, Luís da Câmara.	“Romanceiro: No Brasil.” In Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira. Ed. Jacinto do Prado Coelho. Porto: Livraria Figueirinhas	1960	pp 715-716
73	A/B	Catalán/ Armistead/ Sánchez Romeralo (1972)	Catalán, Diego; Armistead, Samuel G., and Sánchez Romeralo, Antonio, eds	El Romancero en la tradición oral moderna: Ier Colóquio internacional. Madrid: CSMP- Univ. de Madrid	1972	372 pp
76	A	Catalán (1976a)	Catalán, Diego	“El Romancero luso-brasileiro y la Cátedra Menéndez Pidal.” In Portuguese and Brazilian Oral Traditions in Verse Form/ As Tradições Oraís Portuguesas e Brasileiras em Verso. Eds. Joanne B. Purcell, Samuel G. Armistead, Eduardo Mayone Dias and Joanne E. March. Los Angeles: Univ. of Souththern California	1976	168-177
78	B	Catalán/Cid (1982-88)	Catalán, Diego, J. Antonio Cid, Beatriz Mariscal, Flor Salazar, Ana Valeniano, e Sandra Robertson,	CGR: Catálogo general del romancero. El romancero pan-hispánico: Catálogo general descriptivo, 4 vols., Madrid: SMP,	1982-88	
79	B	Catalán/ Campa (1991)	Catalán, Diego, Mariano de la Campa, et al.	Romancero General de León: Antología 1899-1989, 2 vols., Madrid: SMP - Disputación Provincial de León	1991	
80	A	Chaves (1943)	Chaves, Luís	Romancero General de León: Antología 1899-1989, 2 vols., Madrid: SMP - Disputación Provincial de León	1943	81-157
82	B	Cortés (1976)	Cortés, Carlos E. org.	Hispanic Folklore Studies of Arthur Campa, New York: Arno Press	1976	
87	A	Débax (1978)	Débax, Michelle	“Problèmes idéologiques dans le romancero traditionnel.” In <i>L’Idéologique dans le texte (textes hispaniques): Actes du Ilème Colloque du Séminaire d’Études Littéraires de l’Université de Toulouse- Le Mirail (Toulouse, février 1978).</i> [Toulouse]: Univ. de Toulouse- Le Mirail	1978	141-163

89	B	Díaz (1981)	Díaz Roig, Mercedes	El Romancero viejo, Madrid: Cátedra,	1981	
90	B	Díaz/ González (1986)	Díaz Roig, Mercedes e Aurelio González	Romancero tradicional de México, México D.F.: UNAM	1986	
96	A	Figueredo (1966)	Figueredo, José Alves de	Folguedos infantis carienses. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará	1966	144 pp
97	B	Fontes (1982)	Fontes, Manuel da Costa,	"A Sephardic Vestige of the Ballad Floresvento", La Crónica 10	1982	196-201
98	B	Fontes (1990)	Fontes, Manuel da Costa,	"A Transmissão Oral e as Progressivas Modificações Éticas e Estéticas: O Caso de Vida de Freira", Atlântida 35	1990	17-54
99	B	Fontes (1983-84)	Fontes, Manuel da Costa,	"Barca Bela em the Portuguese Oral Tradition", Romance Philology	1983-84	282-92
100	B	Fontes (s/ ano)	Fontes, Manuel da Costa,	"Collecting Portuguese Ballads", Hispanis Balladry Today, org. Ruth H. Webber	s/ ano	149-74
102	B	Fontes (s/ ano a)	Fontes, Manuel da Costa,	O Romancero Português: Índice Temático e Bibliográfico/ Portuguese and Brazilian Balladry: A Thematic and Bibliographic Index, Pref. De Samuel G. Armistead, Seleccção e Org. das Transcrições Musicais por Israel J. Katz. Manuscrito	s/ ano	
105	B	Fontes (1979)	Fontes, Manuel da Costa,	"The Batalha de Lepanto in the Portuguese Oral Tradition", Hispanic Review 47	1979	487-503
106	B	Fontes (s/ ano b)	Fontes, Manuel da Costa,	"Vida de Freira en la tradición oral luso- brasileira", Estudios de folklore y literatura dedicados a Mercedes Díaz Roig, org. Beatriz Garza Cuarón e Yvette Jiménez de Báez	s/ ano	641-65
112	B	Galhoz (1987)	Galhoz, Maria Aliete Dores,	"Resenha sobre a Actividade Editorial em Portugal nos Últimos Anos", Revista Lusitana (Nova Série) n.º 8	1987	177-84
113	B	Galhoz (1987a), Galhoz (1988)	Galhoz, Maria Aliete Dores,	Romancero Popular Português, 2 vols., Lisboa: INIC	1987-88	
115	A	Galvão (1967)	Galvão, Hélio	Cancioneiro do Norte. 3d ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional del Livro	1967	sn
117	B	Garrett I (1843), Garrett II (1851), Garrett (1851)	Garrett, João Baptista de Almeida	Romanceiro, 3 vols., org. Fernando de Castro Pires de Lima, Lisboa: FNAT	1963	
119	B	Garza Cuarón/ Báez (1992)	Garza Cuarón, Beatriz, e Yvette Jiménez de Báez, orgs.	Estudios de folklore y literatura dedicados a Mercedes Díaz Roig, Estudios de Linguística y Literatura 20, México,	1992	

D.F.: El Colegio de México						
123	A	Henius (1946)	Henius, Frank	Canciones y juegos de los niños de América. Buenos Aires: Ed. Americalee	1946	79 pp
125	A	Lima, A (1949)	Lima, Augusto César Pires de	"Os romances tradicionais em Portugal e no Brasil (nótula)." Brasília, 4	1949	158-161
126	A	Lima, F (1952)	Lima, Fernando de Castro Pires de	"A Condessa de Aragão." BTCCF, 11 (1952), offprint	1952	11 pp
131	A	Machado (1968-69)	Machado, Cristina de Miranda Mata	"Contribuição aos Estudos das Rodas Infantis em Minas." RUFMG, 18 (Dec. 1968-1969)	1968-1969	225-244
132	B	Maciñeiro Pardo de Lama (1971)	Maciñeiro Pardo de Lama, Federico	"Literatura popular das terras da Capelada e da Faladora". Cuaderno de Estudios Gallegos 26	1971	95-116
135	B	Marques (1988-92)	Marques, José Joaquim Dias	Nota Sobre o Início da Recolha do Romancero da Tradição Oral Moderna", Boletim de Filologia 32	1988-92	71-82
136	A	Martínez-Yanes (1976)	Martínez-Yanes, Francisco	El romance de "La Blancaniña": Estudio comparativo de sus variantes. Ph. D. diss. Univ. of Pennsylvania, Philadelphia 1976, xlv + 271 pp.; DAÍ, 37 (1977), 4401A.	1976	xlv + 271 pp
142	A	Melo, G (1967)	Melo, Gladstone Vieira	"O Romancero nordestino: Algumas informações." Brasil Açucareiro, 70:2 (August 1967), 27-37	1967	27-37
147	B	Menéndez Pidal (1959)	Menéndez Pidal, Ramón	"A propósito del 'Romancero Português' de J. Leite de Vasconcellos", Actas III Coloquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, 2 vols., Lisboa: Imprensa de Coimbra, 1959, I, 493-99; reimp. Em VRP, I, xi-xxi.	1959	493-99
148	B	Menéndez Pidal (1928)	Menéndez Pidal, Ramón	"Catálogo del romancero judío-español", Cultura Española 4 (1906), 1045-77; 5 (1907); reimp. Em El romancero: Teorías e investigaciones, Madrid: Páez, 1928, pp. 184-229, e em Los romances de América y otros estudios, Colección Austral 55, 6ª ed., Madrid: Espasa-Calpe, 1958, pp. 114-79.	1928	
149	B	Menéndez Pidal (1958)	Menéndez Pidal, Ramón	"Los romances tradicionales em América", Cultura Española 1 (1906), 72-111; reimp. Em Los romances de América y otros estudios, Colección Austral 55, 6ª. Ed., Madrid: Espasa-Calpe, 1958, pp. 13-46	1958	13-46

				Romancero: Estudios sobremateriales de la colección de folklore, 2 vols., Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires		
152	B	Moya (1941)	Moya, Ismael		1941	
161	B	Nascimento (1982)	Nascimento, Bráulio do	"Conde Claros na Tradição Portuguesa", Quaderni Portoghesi 11-12	1982	139-87
163	B	Nascimento (1989)	Nascimento, Bráulio do	"Romanceiro Tradicional - Uma Poética da Comutação", Caderno de Textos 2.ª Série n.º 1	1989	85-103
164	A	Neves (1949)	Neves, Guilherme Santos	Nau Catarineta: Contribuição ao estudo do folclore no Espírito Santo. Vitória: Of. Da Escola Técnica de Vitória	1949	25 pp
165	A	Neves (1950)	Neves, Guilherme Santos, and Costa, João Ribas da.	Cantigas de roda. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico de I.B.G.E.,	1950	52 pp
169	A	Neves (1969)	Neves, Guilherme Santos	Nau Catarineta (Versões capixabas). Vitória, Espírito Santo: Cadernos de Etnografia e Folclore, Cansons de la terra. Cants populars catalans, 5 vols., I: Barcelona: Alvar Verdaguer, 1871; IV, V: Barcelona-Paris: Alvar Verdaguer-Maisonneuve, 1874-77	1969	24 pp
172	B	Pelay Britz (s/ ano)	Pelay Briz, Francesch Petersen, Suzanne H., J. Antonio Cid, Flor Salazar, y Ana Valenciano, com a colab. De Bárbara Fernandez e Concepción Veja	Voces nuevas del romancero castellano-leonés, AIER (Archivo Internacional Electrónico del Romancero) 1-2, dirigido por Diego Catalán, Madrid: SMP	1874-77	
173	B	Petersen/ Cid/ Salazar/ Valenciano (1982)			1982	
174	B	Piñero/ Virtudes Atero/ Baltanás/ Ruiz (1989)	Piñero, Pedro M., Virtudes Atero, Enrique J. Rodriguez Baltanás, e María Jesús Ruiz, orgs.	El Romancero: Tradición y pervivencia a fines del siglo XX. Actas del IV Coloquio Internacional del Romancero (Sevilla-Puerto de Santa María-Cádiz, 23-26 de junio de 1987), Sevilla- Cádiz: Fundación Machado- Universidad de Cádiz	1989	
176	B	Pinto-Correia (1984)	Pinto-Correia, João David	Romanceiro Tradicional Portugues, Lisboa: Comunicação	1984	
178	A	Purcell/ Armistead/ Mayone Dias/ March (1976)	Purcell, Joanne B.; Armistead, Samuel G.; Mayone Dias, Eduardo, and March, Joanne E., eds.	Portuguese and Brazilian Oral Traditions in Verse Form/ As Tradições Oraís Portuguesas e Brasileiras em Verso. Los Angeles: Univ. of Southern California,	1976	xi+202 pp
180	A	Rechnitz (1978)	Rechnitz, Florette M.	"Hispano-Romanian Ballad Relationships: Acomparative Study with na Annotated Translation of Al. I. Amzulescu's 'Index of Romanian Ballads.'" Ph.D. diss. Univ. of Pennsylvania,	1978	784 pp

				Philadelphia		
182	A	Ricard (1949)	Ricard, Robert	"Maures et Chrétiens' au Brésil." Bhi, 51	1949	334-338
190	B	Sampedro y Folgar/ Filgueira Valverde (1942)	Sampedro y Folgar, Castro, e José Filgueira Valverde	Cancionero musical de Galicia: Colección de la Sociedad Arqueológica de Pontevedra, 2 vols., Madrid: "El Museo de Pontevedra",	1942	
194	A	Santullano (1955)	Santullano, Luis	La poesía del pueblo: Romances y canciones de España y America. Buenos Aires: Librería Hachette,	1955	995 pp
195	B	Schindler (1941)/ Schindler (1979)/ Schindler (1991)	Schindler, Kurt	Folk Music and Poetry of Spain and Portugal. Música y poesía popular de España y Portugal, Hildesheim- New York: Georg Olms, 1979; nova ed.: Música y poesía popular de España y Portugal, org. Israel J. Katz e Miguel Manzano Alonso, com a colab. De Samuel G. Armistead, Salamanca- New York: Centro de Cultura tradicional, Disputación de Salamanca, e Hispanic Institute, Columbia University, 1991. Remeto ao texto suplementar (pp. 3-126)	1991	pp. 3-126
196	B	Seeger (1990)	Seeger, Judith	Count Claros: Study of a Ballad Tradition, The Albert Bates Lord Studies in Oral Tradition 4, New York: Garland	1990	
200	B	Smith (1964)	Smith, C. Colin	Spanish Ballads, Oxford: Pergamon Press	1964	
201	A	Suassuna (1949)	Suassuna, Ariano	"A poesia clássica do sertão nordestino." Jornal do Comércio, (Oct. 23, 1949); (Oct. 30, 1949)	1949	
203	A	Torner (1946) Torner (1947) Torner (1947a) Torner (1948) Torner (1948a) Torner (1949) Torner (1950)	Torner, Eduardo M.	"Índice de analogias entre la lirica española antigua y la moderna." Symposium, 1:1 (1946), 12-33; 1:2 (1947), 4-35; 1:3 (1947), 84-107; 2:1 (1948), 84-105; 2:2 (1948), 221-241; 3:2 (1949), 282-230; 4:1 (1950), 141-180.	1:1 (1946), 12-33; 1:2 (1947), 4- 35; 1:3 (1947), 84- 107; 2:1 (1948), 84- 105; 2:2 (1948), 221-241; 3:2 (1949), 282-230; 4:1 (1950), 141-180.	
204	A	Torner (1966)	Torner, Eduardo M.	Lírica hispánica: Relaciones entre lo popular y lo culto. Madrid: Castalia,	1966	461 pp.
213	B	Vilhena (1989)	Vilhena, Maria da Conceição	"Literatura Oral em Cedillo e Herrera de Alcântara", Revista Lusitana (Nova Série) n.º	1989	125-56

214	B	Webber (1989)	Webber, Ruth H.	Hispanic Balladry Today, The Albert Bates Lord Studies in Oral Tradition 3, New York- London: Garland	1989
-----	---	---------------	-----------------	---	------

**Apêndice 3: Lista das obras das quais se basearam os dados desta pesquisa.**

	Fonte	Citação Bibliográfica	Editor	Obra	Ano de Edição	Páginas
4	C	Alcorofado/ Albán (1996)	Alcorofado, Doralice Fernandes Xavier, e María del Rosario Suárez Albán (org.)	Romanceiro Ibérico na Bahia. Salvador: Livraria Universitária	1996	280pp
6	A	Almeida (1957)	Almeida, Renato	Inteligência do Folclore. Rio de Janeiro: Livros de Portugal	1957	310pp
10	C	Alvarenga (1982)	Alvarenga, Oneyda	Música popular brasileira, 2ed. São Paulo: Duas Cidades (O Baile das quatro artes)	1982	
23	A	Armistead (1979a)	Armistead, Samuel G.	"Recent Field Work on the Hispanic Balad in Oral Tradition." In El Romancero hoy: Nuevas fronteras, 2º Coloquio internacional, University of California, Davis. Eds. Antonio Sánchez Romeraldo, Diego Catalán and Samuel G. Armistead. Madrid: CSMP- Univ. of California-Gredos	1979	53-60
24	A/B	Armistead (1979)	Armistead, Samuel G.	"A Critical Bibliography of the Hispanic Ballad in Oral Tradition (1971-1979)." In El Romancero hoy: Historia, Comparatismo, Bibliografía crítica, 2º Coloquio internacional, University of California, Davis. Eds. Antonio Sánchez Romeraldo, Diego Catalán and Samuel G. Armistead. Madrid: CSMP- Univ. of California-Gredos	1979	199-300
25	A	Armistead/ Sánchez Romeraldo/ Catalán (1979)	Armistead, Samuel G.; Sánchez Romeraldo, Antonio, and Catalán, Diego. With the collab of Jesús Antonio Cid, Faye Le Claire, Soledad Martínez de Pinillos, Margarita Pazmany, Flor Salazar and Ana Valenciano.	El Romancero hoy: História, comparatismo, bibliografía crítica, 2º Coloquio internacional, University of California, Davis. Madrid: CSMP- Univ. of California-Gredos	1979	351pp
41	A/B	Bénichou (1968)	Bénichou, Paul.	Creación poética en el romancero tradicional. Madrid: Gredos	1968	190pp
42	A	Bénichou (1975)	Bénichou, Paul.	"El romance de la muerte del príncipe de Portugal em la tradición moderna." NRFH 24	1975	113-124
45	A	Boiteux (1944)	Boiteux, Lucas A[léxandre].	"Poranduba Catarinense." RIHGB, 784	1944	p1-92
48	A	Braga (1905)	Braga, Théophilo.	Historia da poesia popular portuguesa. 3d ed. 2 vols. Lisboa: Manuel Gomes,	1902-1905	xv+480 [vi] + 569 pp.

				1902-1905, xv+480 [vi] + 569 pp. Berkeley. UW		
52	A	Brandão, A. (1971)	Brandão, Adelino.	"Influências Árabes na Cultura Popular e Folclore do Brasil." RBFo, 11	1971	65-84
60	A/B	Carvalho (1967)	Carvalho, José Rodrigues de.	Cancioneiro do Norte. 3d ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro	1967	416 pp
61	A	Carvalho-Neto (197?)	Carvalho-Neto, Paulo de.	Folclore Sergipano (Sistemática sintética e antologia). Porto: Museu de Etnografia e História	[197?]	viii + 128 pp
63	C	Cascudo (2000)	Cascudo, Luís da Câmara.	Vaqueiros e cantadores: Folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Rio de Janeiro: Ediouro	2000	392pp
67	A	Cascudo (1962)	Cascudo, Luís da Câmara.	"Romance." In Dicionário do folclore brasileiro. 2d ed. 2 vols. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro	1962, II	pp. 665-666
69	A	Catalán (1969a), Catalán (1970-71)	Catalán, Diego, ed. with the collab. of María Soledad de Andrés, Francisco Bustos, María Josefa Canellada, José Caso, Paloma Montero and Ana Valenciano.	Romances de tema odiseico. Romancero tradicional de las lenguas hispánicas (Español – portugués – catalán–sefardi). Colección de textos y notas de María Goyri y Ramón Menéndez Pidal. Vol. III, IV, V. Madrid: CSMP- Gredos,	1969, 1970, 1971, 208; 283	1969, 1970, 1971, 208; 283
70	A	Catalán (1970a)	Catalán, Diego	Por campos del Romancero: Estudios sobre la tradición moderna. Madrid: Gredos	1970	310pp
71	A	Catalán (1970-71)	Catalán, Diego	"Memoria e invención en el Romancero de tradición oral." RPh, 24	1970-1971	1-25, 441-463.
72	A	Catalán (1972)	Catalán, Diego	"La creación tradicional en la crítica reciente." In El Romancero en la tradición oral moderna: Ier Colóquio internacional. Eds. Diego Catalán, Samuel G. Armistead and Antonio Sánchez Romeraldo. Madrid: CSMP- Univ. de Madrid	1972	153-165
74	A	Catalán (1974)	Catalán, Diego	"A Criação poética no Romancero oral moderno: Novos Métodos de Estudo." RBFo, 13:38	1974	31-39
75	A	Catalán/Cid (1976)	Catalán, Diego and Cid, Jesús Antonio, eds. With the collab. Of Robert Nelson, Francisco Romero, Margarita Pazmany, Ana Valenciano and Paloma Montero. Musical transcriptions edited by Antonio Carreira.	Gerinaldo: El paje y la infanta. 3 vols. Romancero tradicional de las lenguas hispánicas (Español - portugués- catalán-sefardi). Colección de textos y notas de María Goyri y Ramón Menéndez Pidal. Vols. VI, VII, VIII. Madrid: CSMP- Gredos	1975-1976	254; 266; 454 pp
77	A	Catalán/ Armistead/	Catalán, Diego; Armistead, Samuel G.,	El Romancero hoy: Poética, 2o Coloquio	1979	404pp

		Sánchez Romeralo (1979)	and Sánchez Romeralo, Antonio. With the collab. Of Jesús Antonio Cid, Beatriz Mariscal de Rhett, Soledad Martínez de Pinillos, Margarita Pazmany, Suzanne Petersen, Flor Salazar, Madeline Sutherland and Ana Valenciano.	Internacional, University of California, Davis. Madrid: CSMP-Univ. of California-Gredos		
84	A/B	Costa (1908)	Costa, Francisco Augusto Pereira	"Folk-lore pernambucano: Romanceiro." RIHB, 70 (1907), 295-641; sobretiro: Rio de Janeiro, Livraria J. Leite	1908	641pp
88	B	Débax (1982)	Débax, Michelle	Romancero, Madrid: Alhambra	1982	
94	A/B	Fernandes, F (1947)	Fernandes, Florestan	"As 'trocinhas' do Bom Retiro: Contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis." RAMSP, 113(March-April 1947)	1947	7-124
109	C	Forneiro (s/ ano)	Forneiro, José Luís	Uma versão do Romance do Veneno de Moraina (Morian): Do Brasil a Cotobade. Universidade de Santiago de Compostela	s/ ano	
110	A	Freitag (1969)	Freitag, Léa Vinocur	"Influencias ibéricas no folclore brasileiro." RH, 38:78	1969	353-382
127	A/B	Lima, J (1977)	Lima, Jackson da Silva	O Folclore em Sergipe. 1. Romanceiro. Rio de Janeiro-Brasília: Livraria Editora Cátedra-Instituto Nacional do Livro	1977	596 pp
128	A	Lima, R. (1959)	Lima, Rossini Tavares de	"Acheegas ao estudo do Romanceiro no Brasil." RAMSP, 162	1959	pp 7-50
130	A/B	Lopes (1967)	Lopes, Antônio	Presença do Romanceiro: Versões Maranhenses. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira	1967	[x] + 267 pp
134	A/B	Magalhães (1973)	Magalhães, Celso da Cunha	A poesia popular brasileira. Ed. Bráulio do Nascimento. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, "Coleção Rodolfo Garcia," Divisão de Publicações e Divulgação	1973	113 pp
137	A	Martínez-Yanes (1979)	Martínez-Yanes, Francisco	"Los desenlaces en el romance de la Blancaniña: Tradición y originalidad." In El Romancero hoy: Poética, 2o Coloquio internacional, University of California, Davis. Eds Diego Catalán, Samuel G. Armistead, and Antonio Sánchez-Romeralo. Madrid: CSMP- Univ. of California- Gredos,	1979	pp. 132-154
138	A	Martins Lamas (1962)	Martins Lamas, Dulce	"Folclore Musical de Parati." RBFo, 2:2	1962	25-62

139	A	Meireles (1964)	Meireles, Cecília	"Uma antepassada da Donzela Guerreira." RBFo, 4:8-10	1964	53-57
141	A	Mello (1947)	Mello, Guilherme Theodoro Pereira de	A música no Brasil desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República. 2d ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947, ii + [5] - 366 + xxv pp	1947	ii+[5] - 366+xxv pp
143	A	Melo, V (1977)	Melo, Veríssimo de	Folclore Brasileiro: Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro	1977	92 pp
144	A/B	Menéndez Pidal (1973)	Menéndez Pidal, Ramón	Cómo vivió y cómo vive el Romancero. Valencia: La Enciclopedia Hispánica, [1945], 87 pp. [Rpr. In Estudios sobre el Romancero. Obras Completas, XI. Madrid: Espasa-Calpe, 1973, pp. 403-462.]	1973	403-462
145	A	Menéndez Pidal (1953)	Menéndez Pidal, Ramón	Romancero hispánico (hispano-portugués, americano y sefardí). 2 vols. Madrid: Espasa-Calpe,	1953	xx+407; 474 pp
146	A	Menéndez Pidal (1957) Menéndez Pidal (1963) Menéndez Pidal (1969) Menéndez Pidal (1970) Menéndez Pidal (1971-72) Menéndez Pidal (1975) Menéndez Pidal (1975a) Menéndez Pidal (1976) Menéndez Pidal (1977-78) Menéndez Pidal (1977-78a)	Menéndez Pidal, Ramón, and Goyri [de Menéndez Pidal], María.	Romancero tradicional de las lenguas hispánicas (Español- portugués- catalán- sefardí). (Colección de textos y notas de Maria Goyri y Ramón Menéndez Pidal.) Ed. Diego Catalán et al. 11 vols. Madrid: CSMP, I (ed. Rafael Lapesa, Diego Catalán, Álvaro Galmés, and José Caso): 1957, viii+277; II: 1963, vii+299; III: 1969, 207; IV: 1970, 285; V: 1971-1972, 305; VI: 1975, 254; VII: 1975, 266; VIII: 1976, 454; IX (ed. Antonio Sáncz Romeralo and Ana Valenciano): 1977, 403; X: 1977-1978, 258; XI: 1977-1978, 223 pp. [For more information crf. Lapesa, Rafael; Catalán, Diego; and Sáncz Romeralo, Antonio.]	1957, viii+277; II: 1963, vii+299; III: 1969, 207; IV: 1970, 285; V: 1971-1972, 305; VI: 1975, 254; VII: 1975, 266; VIII: 1976, 454; IX: 1977, 403; X: 1977-1978, 258; XI: 1977-1978, 223 pp.	233 pp
153	A	Nascimento (1964)	Nascimento, Braulio do	"Processos de variação do romance." RBFo, 4	1964	59-125
154	A	Nascimento (1966)	Nascimento, Braulio do	"As sequências temáticas no romance tradicional." RBFo, 6	1966	159-190
156	A/B	Nascimento (1972)	Nascimento, Braulio do	"Pesquisa do Romancero Tradicional no Brasil." In El Romancero em la tradición oral moderna: ler coloquio internacional. Eds Diego Catalán, Samuel G. Armistead and	1972	65-83

				Antonio Sánchez Romeralo. Madrid: CSMP- Univ. de Madrid,		
157	A/B	Nascimento (1972a)	Nascimento, Braulio do	"Eufemismo e criação poética no romanceiro tradicional." In El Romancero em la tradición oral moderna: ler coloquio internacional. Eds Diego Catalán, Samuel G. Armistead and Antonio	1972	233-275
158	A	Nascimento (1972b)	Nascimento, Braulio do	"Romanceiro Folclorico do Brasil de Rossini Tavares de Lima." RBFo, 12	1972	251-260
160	A/B	Nascimento (1979)	Nascimento, Braulio do	"Um romance tradicional entre índios do Amazonas, no século XIX." In El Romancero hoy: Nuevas fronteras, 2o Coloquio Internacional, University of California, Davis. Eds. Antonio Sánchez Romeralo, Diego Catalán and Samuel G. Armistead. Madrid: CSMP - Univ. of California-Gredos	1979	115-124
162	C	Nascimento (1985)	Nascimento, Braulio do	Romanceiro Capixaba de Guilherme Santos Neves. Ver. Cult. UFES, Vitória, Ano X, nº32	1985	43-50
166	A	Neves (1954)	Neves, Guilherme Santos	Alto está e alto mora... (Notulas do folclore). Vitória: [no publisher],	1954	123pp
167	A/B	Neves (1961)	Neves, Guilherme Santos	"Presença do romanceiro peninsular na tradição oral do Brasil." RBFo, 1:1	1961	44-62
168	A	Neves (1963?)	Neves, Guilherme Santos	"O romance da Barca Nova - Suas variantes no Brasil." In Actas do Congresso Internacional de Etnografia. Vol. VI: Colóquio sobre o conto popular. Porto: Câmara Municipal de Santo Tirso,	[1963?]	pp. 351-362
170	A	Neves (1978)	Neves, Guilherme Santos	Folclore brasileiro: Espírito Santo. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro	1978	89 pp
171	C	Neves (1982)	Neves, Guilherme Santos	Romanceiro Capixaba. Coleção de Estudos Capixabas Volume 5. Fundação Nacional de Arte Fundação Ceciliano Abel de Almeida	1982	199pp
175	A	Pinto (1907)	Pinto, Alexina de Magalhães	Contribuição do folk-lore brasileiro para a biblioteca infantil. Rio de Janeiro: J. Ribeiro dos Santos,	1907	211 pp
177	A	Purcell (1972)	Purcell, Joanne B	"Sobre o Romanceiro Português: Continental, Insular e Transatlântico. Uma Recolha Recente." In El Romancero em la tradición oral moderna. Eds Diego Catalán, Samuel G. Armistead and	1972	56-64

				Antonio Sánchez Romeralo. Madrid: CSMP - Univ. de Madrid		
179	A	Purcell (1979)	Purcell, Joanne B	"Ballad Collecting Procedures in the Hispanic World." In El Romancero hoy: Nuevas fronteras, 2o Coloquio internacional, University of California, Davis. Eds Diego Antonio Sánchez Romeralo, Diego Catalán and Samuel G. Armistead. Madrid: CSMP - Univ. of California-Gredos	1979	61-73
181	A	Rechnitz (1979)	Rechnitz, Florette M.	"Hispano-Romanian Ballad Correspondences." In El Romancero hoy: Historia, Comparatismo, Bibliografía crítica, 2o Coloquio internacional, University of California, Davis. Eds Diego Antonio Sánchez Romeralo, Diego Catalán and Samuel G. Armistead. Madrid: CSMP - Univ. of California-Gredos	1979	141-149
183	A	Romero (1883)	Romero, Silvio	Cantos Populares do Brazil, acompanhados de introdução e notas comparativas por Theophilo Braga. 2 vols (Volume 1). Lisboa: Nova Livraria Internacional,	1883	xxxi+286 pp
184	A	Romero (1883a)	Romero, Silvio	Cantos Populares do Brazil, acompanhados de introdução e notas comparativas por Theophilo Braga. 2 vols (Volume 2). Lisboa: Nova Livraria Internacional,	1883a	243 pp
189	A	Salles (1971)	Salles, Vicente	"José Verísimo e o Folclore." RBFo, 11	1971	85-102
191	A/B	Sánchez Romeralo/ Catalán/ Armistead (1979)	Sánchez Romeralo, Antonio; Catalán, Diego, and Armistead, Samuel G.	El Romancero hoy: Nuevas fronteras, 2o Coloquio internacional, University of California, Davis. Madrid: CSMP - Univ. of California-Gredos	1979	518 pp
192	A	Sánchez Romeralo (1979)	Sánchez Romeralo, Antonio	"El romanceiro oral ayer y hoy: breve historia de la recolección moderna (1782-1970)." In El Romancero hoy: Nuevas fronteras, 2o Coloquio internacional, University of California, Davis. Eds Diego Antonio Sánchez Romeralo, Diego Catalán and Samuel G. Armistead. Madrid: CSMP - Univ. of California-Gredos	1979	pp. 15-51
193	C	Santos/ Batista (1993)	Santos, Idelette Muzart Fonseca; Batista, Maria de Fátima Barbosa de	Cancioneiro da Paraíba. João Pessoa: GRAFSET	1993	382pp

197	A	Seraine (1978)	Seraine, Florival	Folclore brasileiro: Ceará. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro	1978	75pp
198	A/B	Silva/ Braga/ Tourinho (1972)	Silva, José Calasans Brandão da; Braga, Julio Santana, and Tourinho, Maria Antonieta Campos.	Folclore geo-histórico da Bahia e seu Recôncavo. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro,	1972	151 pp.
199	A	Slater (1979)	Slater, Candance	"The Romance of the Warrior Maiden: A Tale of Honor and Shame." In <i>El Romancero hoy: Historia, Comparatismo, Bibliografía crítica</i> , 2o Coloquio internacional, University of California, Davis. Eds Diego Antonio Sánchez Romeralo, Diego Catalán and Samuel G. Armistead. Madrid: CSMP - Univ. of California-Gredos	1979	167-182
202	A	Toledo Piza (1959)	Toledo Piza, Flávio de	Estudo sobre o romance do Soldado jogdor." RAMSP, 165	1959	71-121
210	A	Vianna (1963)	Vianna, Hildegardes	"A mulher vestida de homem: Versões bahianas." RBFo, 3:6	1963	177-193
212	B	Vilela (1983)	Vilela, José Aloísio Brandão	Romanceiro Alagoano, org. Maria Thereza Wucherer Braga, Bráulio do Nascimento, Théo Brandão, e Maria Thereza Ribeiro Massow, Maceió: Edufal	1983	